

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

GEÍZA FERREIRA DOS SANTOS

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE HOMENS GAYS SOBRE HOMENS
GAYS COM DEFICIÊNCIA VISUAL**

CAMPO GRANDE - MS

2023

GEÍZA FERREIRA DOS SANTOS

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE HOMENS GAYS SOBRE HOMENS
GAYS COM DEFICIÊNCIA VISUAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia, na Linha de Pesquisa de Processos Psicológicos e suas dimensões socioculturais, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestra em Psicologia, sob orientação do professor Dr. Alberto Mesaque Martins.

CAMPO GRANDE - MS

2023

DEDICATÓRIA

À minha saudosa mãe Dona Nice que, infelizmente não está mais entre nós, mas tenho certeza que está muito feliz, pois vibrava com nossas conquistas e sempre nos dizia "...Filhos sejam felizes... a minha felicidade é ver vocês felizes!".

Agradeço a...

Alberto Mesaque Martins, orientador dessa Dissertação, por apoiar e incentivar nos momentos difíceis, pelos preciosos conselhos, contribuições e por intervir em momentos cruciais da pesquisa, por compreender e me guiar nessa trajetória em meio a tantas turbulências, por não me deixar desistir desse sonho que quase sucumbiu em meio à pandemia e todas as dificuldades, pelas sutilezas com que me conduziu, mesmo nas cobranças. Pela sua ética. Obrigada.

Marcio Ximenes Ramos, meu companheiro de vida, pela parceria e o suporte para que eu me dedicasse à pesquisa e escrita, por me ajudar sempre.

Aos **professores do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFMS** pelos aprendizados e pela maneira motivadora e ética com que administraram nossas atividades.

Aos **colegas da turma de 2021**, vocês são maravilhosos!

Aos **Homens Gays** de Mato Grosso do Sul que se dispuseram a contribuir com esta pesquisa respondendo ao formulário, muito obrigada.

Às **Pessoas com Deficiência Visual** que foram a principal motivação para que esta pesquisa fosse realizada.

Ao **Instituto Sul-Mato-Grossense para Cegos “Florivaldo Vargas” – ISMAC** que nos acolheu e nos proporcionou todo o suporte e vivências incríveis durante a pesquisa.

Aos participantes do **Coletivo Transpor da UFMS** que colaboraram com esta pesquisa na divulgação durante os eventos.

RESUMO

O modo como é percebido o indivíduo com deficiência está ligado aos valores em distintos momentos históricos e culturais. A Declaração dos Direitos das Pessoas com Deficiência da Organização das Nações Unidas (ONU) trouxe à luz os direitos deste público, reforçando a necessidade global de garanti-los em todos os países signatários. Estas pessoas, mesmo dotadas de direitos que asseguram a sua total integração na sociedade, encontram dificuldades para exercerem a sua sexualidade. Por não estarem adequados a um padrão socialmente imposto, os homens gays com deficiência visual podem ainda sofrer preconceitos relacionados ao próprio grupo de pertença, neste caso, dos homens gays sem deficiência Visual. Desta forma, a presente pesquisa tem por objetivo identificar e analisar as Representações Sociais (RS) de homens gays sobre homens gays com deficiência visual. A pesquisa foi alicerçada na perspectiva da Teoria das Representações Sociais (TRS) e, mais especificamente na Teoria do Núcleo Central de Jean-Claude Abric. Participaram do estudo, 105 homens gays (Cis ou Trans), residentes no estado do Mato Grosso do Sul. Dos respondentes, 86 foram eletivos e assinalaram o termo de aceite, além de responderem a um formulário virtual, visando traçar um perfil sociodemográfico. Utilizou-se as técnicas de substituição, para analisar a zona muda e a Técnica de Associação Livre de Palavras (TALP), a partir dos evocadores: homem gay, deficiência visual e homem gay com deficiência visual. Os dados foram analisados com o auxílio do software Iramuteq, por meio de análise prototípica e de similitude. Desta forma, para o termo indutor “homem gay”, foram evocadas em situação normal as palavras: “Liberdade”, com maior frequência representando o núcleo duro das representações e; “arco-íris”, com menor frequência. Em situação de substituição surgiram as palavras: “sexo”, em maior frequência e “academia” com frequência menor. Para o termo indutor “deficiência visual”, emergiram como centralidade “acessibilidade” e “cão-guia” em menor frequência. Na zona muda, surgiram “Dificuldade” como núcleo central e “Apoio” com pouca frequência. Para o termo indutor “homem gay com deficiência visual”, em situação normal emergiram palavras como “Preconceito” como núcleo duro e “Deficiência” em menor frequência. Na zona muda, aparecem as palavras “preconceito” como núcleo central e “empatia” na zona de contraste. Em síntese, as palavras emergidas com os termos indutores em situação normal e em situação de substituição revelam que as pessoas investigadas possuem uma imagem acerca do público com deficiência visual pautada no contexto de respeito aos direitos, presentes nas palavras “acessibilidade” e “cão-guia”. No entanto, emergiram em situação normal e em situação de substituição a palavra “Preconceito” como centralidade quando se referia ao termo indutor “homem gay com deficiência visual”, destoantes das palavras relacionadas com o termo indutor “homem gay” que foram “liberdade” e “sexo” em situação normal e em substituição respectivamente. Os resultados desta pesquisa sugerem uma falta de compreensão acerca do potencial dos homens gays com deficiência visual por parte dos homens gays pesquisados pois, emergiram termos que beira o capacitismo, evidenciando que estes, são eletivos para um relacionamento pelo público pesquisado somente à título de “curiosidade” e por “fetiche”, denotando uma perspectiva marginalizada, desvelando uma violência silenciosa, além de preconceitos e discriminações dentro da própria sigla LGBTQIAP+.

Palavras-chave: Deficiência Visual; Homens Gays; Representações Sociais.

ABSTRACT

The way in which the individual with a disability is perceived is linked to values in different historical and cultural moments. The Declaration of the Rights of Persons with Disabilities of the United Nations (UN) brought to light the rights of this public, reinforcing the global need to guarantee them in all signatory countries. These people, even endowed with rights that ensure their full integration into society, find it difficult to exercise their sexuality. Because they are not suited to a socially imposed standard, gay men with visual impairments may still suffer prejudice related to their own group, in this case, gay men without visual impairments. Thus, this research aims to identify and analyze the Social Representations (SR) of gay men about gay men with visual impairment. The research was based on the perspective of the Theory of Social Representations (TRS) and, more specifically on the Theory of the Central Nucleus of Jean-Claude Abric. The study included 105 gay men (Cis or Trans), residing in the state of Mato Grosso do Sul. Of the respondents, 86 were elective and signed the acceptance term, in addition to responding to a virtual form, aiming to draw a sociodemographic profile. Substitution techniques were used to analyze the mute zone and the Free Word Association Technique (TALP), from the evocators: gay man, visual impairment and gay man with visual impairment. Data were analyzed with the help of the Iramuteq software, through prototypical and similarity analysis. Thus, for the inducing term "gay man", the following words were evoked in a normal situation: "Freedom", more frequently representing the hard core of the representations and "rainbow", less frequently. In a situation of substitution, the words: "sex", in greater frequency and "gym" with less frequency, appeared. For the inducing term "visual impairment", "accessibility" and "guide dog" emerged less frequently. In the silent zone, "Difficulty" appeared as the central nucleus and "Support" with little frequency. For the inducing term "gay man with visual impairment", in a normal situation words like "Prejudice" emerged as the hard core and "Disability" in less frequency. In the mute zone, the words "prejudice" appear as the central core and "empathy" in the contrast zone. In summary, the words that emerged with the inducing terms in a normal situation and in a substitution situation reveal that the people investigated have an image about the visually impaired public based on the context of respect for rights, present in the words "accessibility" and "dog- guide". However, the word "Prejudice" emerged in a normal situation and in a substitution situation as centrality when referring to the inducing term "gay man with visual impairment", in contrast to the words related to the inducing term "gay man" which were "freedom". and "sex" in normal situation and in substitution respectively. The results of this research suggest a lack of understanding about the potential of gay men with visual impairment on the part of the researched gay men, since terms that border on capacitism emerged, showing that these are elective for a relationship by the researched public only as "curiosity" and "fetish", denoting a marginalized perspective, revealing a silent violence, in addition to prejudice and discrimination within the LGBTQIAP+ acronym itself.

Keywords: Visual Impairment; Gay Men; Social Representations.

LISTA DE TABELAS E FIGURAS

Figura 1 – Demonstrativo gráfico formato pizza sobre o questionamento se os pesquisados já se relacionaram com alguém com deficiência.	50
Figura 2 – Demonstrativo gráfico formato pizza sobre qual o tipo de deficiência os pesquisados já se relacionaram.	51
Figura 3 – Diagrama representação do quadrante de 4 casas.	51
Figura 4 - Árvore máxima para o termo indutor homem gay.	57
Figura 5 - Árvore máxima para o termo indutor “deficiência visual” para homens gays.....	62
Figura 6 - Árvore máxima para o termo indutor “homem gay com deficiência visual”.....	65
Figura 7 - Árvore máxima para o termo indutor “homem gay” zona muda	69
Figura 8 - Árvore máxima para o termo indutor “deficiência visual” zona muda.	72
Figura 9 - Árvore máxima para o termo indutor “homem gay com deficiência visual” zona muda.....	76
Tabela 1 - Distribuição de pessoas com deficiência visual por região	14
Tabela 2 - Características socioeconômicas e demográficas dos homens gays pesquisados	47
Tabela 3 - Frequência e ordem média da evocação (OME) para o termo indutor “Homem Gay” para homens gays	52
Tabela 4 - Frequência e ordem média da evocação (OME) para o termo indutor “Deficiência Visual” para homens gays	58
Tabela 5 - Frequência e ordem média da evocação (OME) para o termo indutor “Homem Gay com Deficiência Visual” para homens gays	63
Tabela 6 - Frequência e ordem média da evocação (OME) para o termo indutor “Homem Gay” para homens gays Zona Muda	66
Tabela 7 - Frequência e ordem média da evocação (OME) para o termo indutor “Deficiência Visual” para homens gays Zona Muda	70
Tabela 8 - Frequência e ordem média da evocação (OME) para o termo indutor “Homem Gay com Deficiência Visual” para homens gays Zona	73

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEP- Conselho de Ética em Pesquisa

CID- Cadastro Internacional de Doenças

CRP - Conselho Regional de Psicologia

DST - Doenças Sexualmente Transmissíveis (atualmente se usa o termo “IST” – Infecções Sexualmente Transmissíveis)

IBC- Instituto Benjamin Constant

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ISMAG- Instituto Sul-Mato-Grossense para Cegos

LGBT - Lésbicas, Gays, Bissexuais Travesti ou Transgêneros

LGBTQIAP+ - Lésbicas, Gays, Bissexuais Travesti ou Transgêneros, Intersexuais, Assexuados e outras diversidades

OME - Ordem Médica de Evocações

OMS- Organização Mundial de Saúde

ONU- Organização das Nações Unidas

PREP- Profilaxia Pré Exposição

RS- Representações Sociais

SPL- Sem Percepção de Luz

TALP- Teste de Associação Livre de Palavras

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TRS - Teoria das Representações Sociais

UFMS - Universidade Federal do Mato Grosso do Sul

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. DEFICIÊNCIA VISUAL: ASPECTOS CONCEITUAIS E EPIDEMIOLÓGICOS	13
2. A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS	15
2.1. A Teoria de Moscovici e a Teoria de Durkheim.....	17
3. A “ZONA MUDA” DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS	25
4. EMANCIPAÇÃO E CONQUISTA DE DIREITOS DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA	27
4.1. Sexualidade, Deficiência Visual e Construção de Identidades.....	32
5. AS PESSOAS LGBTQIAP+ NA SOCIEDADE	39
6. OBJETIVOS.....	41
6.1. Objetivo Geral	41
6.2. Objetivos Específicos.....	42
7. MÉTODO	42
7.1. Etapas da Coleta.....	43
7.2. Local do Estudo	44
7.3. População Alvo do Estudo.....	44
7.4. Critérios de Inclusão e Exclusão	45
7.5. Análise dos Dados	45
7.6. Aspectos Éticos.....	46
8. RESULTADOS E DISCUSSÃO	46
8.1. Perfil Dos Participantes	46
9. CONCLUSÃO	79
REFERÊNCIAS.....	82
APÊNDICES	94

INTRODUÇÃO

Desde já, situo que o tema que iremos apresentar neste trabalho é sensível à esta pesquisadora, visto que, a deficiência visual faz parte do meu cotidiano por muitas décadas. Desta forma, tive boa parte da vida sendo e convivendo com pessoas com deficiência visual, sejam cegas ou pessoas com baixa visão. No meu caso, me enquadro como pessoa com baixa visão, sendo cegueira total da visão direita e com baixa visão no olho esquerdo.

Me situo também, como pessoa “pertencente” à sigla LGBTIQAP+¹, fluindo, por longos anos, entre as siglas “G” e a sigla “T”. Porém, por muito tempo tudo era muito conflituoso interna e externamente. Na minha adolescência, por pressão social e familiar, não me entendia ou não compreendia a minha sexualidade diante do contexto em que me desenvolvi.

Esses conflitos atravessaram minha juventude e boa parte da fase adulta, até que comecei a participar mais ativamente dos movimentos das pessoas com deficiência visual. Nesse período conheci meu companheiro, que também é pessoa com deficiência visual (cego total), e que sofreu, por anos, com as crises de identidade e de pertencimento, por não poder assumir que sentia atração por pessoas do mesmo sexo e por temer o afastamento das pessoas do seu convívio e familiares. Além disso, ele também se deparou com grande dificuldade de encontrar pessoas para se relacionar, seja pela condição de não enxergar, ou pelos homens gays o estarem enxergando por um viés de preconceito ou de não crer que um homem cego possa ser gay.

Desse modo, acreditamos que esse fenômeno possa estar relacionado ao apagamento de homens gays com deficiência visual pois, não é comum encontrar pessoas LGBT's nos movimentos de pessoas com deficiência visual e vice/versa. Assim, após muitas crises de identidade, me reconheci como uma pessoa transgênera, sendo todos esses processos, cruzados pelas questões relacionadas à

¹ Iremos utilizar o termo LGBTQIAP+ que é a sigla referente à Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros(as), Transexuais e Travestis, Queer, Intersexuais e Assexuais, Pansexuais e outros, pois consideramos que abrange a diversidade sexual e de gênero sendo a terminologia mais usada atualmente. Entretanto, outras terminologias poderão surgir durante este trabalho, como: MHB, MGL, GLT, GLTT, GLTTT, GLBT, LGBT, LGBTI+, LGBTQIA+, dependendo dos autores e contexto em que foram utilizados nas referências (CHAGAS et al, 2022).

deficiência visual e outras questões que não teremos tempo de abordar neste trabalho.

Dessa forma, emergiu o interesse de entendermos como os homens gays percebem os homens gays com deficiência visual. Vale ressaltar que pesquisas como esta, sendo construída pelo prisma de uma pessoa que também possui deficiência visual é de grande valia para dar visibilidade às demandas, principalmente as relacionadas à sexualidade deste público, que podem estar sofrendo violências e apagamentos dentro do próprio movimento de pessoas com deficiência visual e por parte de pessoas LGBTQIAP+.

Assim, consideramos necessário iniciar discorrendo que as pessoas com deficiências representam, em média 1% da população mundial, sendo uma parcela considerável e com tendência de aumento expressivo nas próximas décadas, devido a fatores como o índice elevado de acidentes (de trabalho ou de trânsito) e doenças como o diabetes que, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), podem ser prevenidas. Conforme dados da OMS, 2,2 bilhões de pessoas, em todo o mundo, apresentam algum grau de Deficiência Visual (OMS, 2022). Além disso, estima-se que os países em desenvolvimento possuem números quatro vezes maior que os países desenvolvidos (OMS, 2022).

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no Brasil, mais de 6,5 milhões de pessoas têm alguma deficiência na visão (IBGE, 2019). Deste total, 528.624 são cegos, sem nenhuma acuidade visual e 6.056.654 pessoas têm grande dificuldade de enxergar, caracterizando baixa visão/visão subnormal. Além disso, um total de 29 milhões de pessoas declararam possuir algum comprometimento na acuidade visual (AZEVEDO PRATES e PESSEL, 2022).

No final do século XX, houve um movimento das Organizações das Nações Unidas (ONU) no sentido de se promover os direitos das populações minoritárias, com o resgate da Declaração Universal dos Direitos Humanos, de 1948 (FRANÇA, 2013^a). As pessoas com deficiência, por fazerem parte das classes minoritárias, também foram contempladas, conquistando, no ano de 2007, na cidade de Nova Iorque, a Declaração dos Direitos das Pessoas com Deficiência, a qual foi ratificada pelo Brasil, em 2008, conforme o Decreto Legislativo nº 186 (BRASIL, 2008). Esse decreto traz um conceito amplificado sobre a pessoa com deficiência. Conforme o Art. 1º, caracterizando as pessoas com deficiência como aquelas que possuem algum comprometimento, considerado de longa duração, podendo ser física, mental,

intelectual ou sensorial, podendo ficar em desvantagem às demais pessoas quanto às barreiras que lhes são apresentadas, dificultando a vida plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições relacionados aos outros cidadãos (BRASIL, 2008).

O referido Decreto concede, portanto, um conceito legal para o termo “pessoa com deficiência”. Ainda, a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência nº 13.146, de 06 de julho de 2015, também conhecida como Estatuto da Pessoa com Deficiência, prevê que, a este grupo, deve ser garantida a igualdade de condições, o exercício de seus direitos, visando a inclusão social e a cidadania bem como o direito à educação inclusiva em todos os níveis (BRASIL, 2015; FRANÇA, 2013a; SANTOS *et al*, 2021).

Apesar das conquistas e o empenho da sociedade em promover a integração, as pessoas com deficiências ainda encontram algumas barreiras referente à sexualidade (MADARAS, 2011; FRANÇA, 2013a;). Desse modo, embora a deficiência não seja um fator determinante, é muitas vezes vista como um obstáculo ao desenvolvimento do indivíduo, principalmente quando se fala em sexualidade. Na maioria das vezes, essa ideia é baseada nos limites relacionados à própria deficiência, porém, enfatiza-se que, mesmo possuindo estes impedimentos, é possível vislumbrar bons resultados no que se refere ao desenvolvimento global, proporcionando conscientizações sobre as peculiaridades de cada deficiência por meio de ambientes e práticas acessíveis. (FRANÇA, 2013a; SANTOS *et al*, 2021; ARO NAVEGA e BORTOLOZZI, 2020). Neste sentido, percebe-se que as pessoas com deficiência visual, tiveram um longo trajeto até os dias atuais e estudos apontam para um provável tensionamento no pensamento social acerca da sexualidade desse público, geralmente no sentido de se refutar que estas pessoas possam exercer sua sexualidade (RODRIGUES E CARVALHO, 2015; LOURO, 2000; GESSER, BOCK E LOPES, 2020; MADARAS, 2011; FRANÇA, 2013a).

Ademais, o avanço da ciência trouxe mudanças nos contextos históricos, sociais e culturais, possibilitando que muitos grupos, antes marginalizados pelo preconceito, como as pessoas LGBTIQAP+ e as pessoas com deficiências, ganhassem visibilidade, exigindo novos conceitos e olhares para as suas necessidades (BELARMINO, 1996; SCOTT 1995; SIQUEIRA, BAH LS E CALDAS, 2021). Sobre o preconceito sofrido pela população LGBTQIAP+, ao longo dos tempos, pesquisas sobre representações envolvendo este público, evidenciam um

processo de marginalização e exclusão (MADARAS, 2011; RODRIGUES e CARVALHO, 2015).

Nessa vertente, a presente pesquisa surge a partir desta observação referente ao processo de marginalização e exclusão, já explicitado por outros pesquisadores como Madaras (2011) e Rodrigues e Carvalho (2015). Além disso, como está no início dessa introdução, essa inquietação também é motivada pela participação desta pesquisadora no movimento das pessoas com Deficiência Visual. Considerando que os homens gays com deficiência visual também integram a comunidade LGBTQIA+ sendo uma manifestação legítima e uma questão de respeito aos direitos humanos (FRANÇA, 2013a), destaca-se a relevância desta pesquisa para a sociedade como um todo, principalmente para a Psicologia Social. Mais especificamente, esta pesquisa pode auxiliar com informações importantes para entender quais as possíveis Representações Sociais (RS) de Homens Gays sobre Homens Gays com Deficiência Visual?

Desse modo, o texto da dissertação encontra-se organizado em cinco eixos, sendo eles: 1) Deficiência Visual: Aspectos Conceituais e Epidemiológicos; 2) A Teoria Das Representações Sociais; 3) A “Zona Muda” das Representações Sociais; 4) Emancipação e conquista de direitos, histórico acerca da emancipação das pessoas com deficiência visual e 5) As pessoas LGBTQIAP+ na sociedade.

1. DEFICIÊNCIA VISUAL: ASPECTOS CONCEITUAIS E EPIDEMIOLÓGICOS

Conforme a décima primeira edição do Cadastro Internacional de Doenças (CID-11), publicado pela OMS (OMS) em 2019, são eletivos como pessoas com deficiência visual os indivíduos que apresentarem baixa visão ou cegueira (OMS, 2019). Desse modo, são consideradas como baixa visão ou visão subnormal, as pessoas que possuem acuidade visual menor do que 0,3 no melhor olho e acima ou igual a 0,05 ou ainda, as pessoas que possuem seu campo visual menor que 20° (vinte graus), no melhor olho (SANTOS et al, 2021; OMS, 2012; 2019).

Ainda segundo a OMS, cerca de 1% da população mundial apresenta algum grau de deficiência visual, sendo que 90% deste quantitativo encontram-se nos países em desenvolvimento). Já nos países desenvolvidos, a população com deficiência visual é composta por cerca de 5% de crianças e desse contingente 75% são idosos (OMS, 2012;2021). Conforme Santos et al, (2021), a integração das pessoas com deficiência no contexto social fez aparecer inúmeros movimentos sociais na contemporaneidade. Partindo do pensamento de inclusão, essas organizações têm como função principal promover ações de defesa de direitos sociais e a eliminação de impedimentos físicos e atitudinais (SANTOS et al, 2021).

Segundo dados do IBGE, no Brasil, mais de 6,5 milhões de pessoas têm alguma deficiência na visão (IBGE, 2019). Deste total, 528.624 são cegos, ou seja, são incapazes de enxergar e 6.056.654 pessoas têm grande dificuldade de enxergar, caracterizando baixa visão/visão subnormal (IBGE, 2019). Ainda segundo o IBGE, um total de 29 milhões de pessoas declararam possuir algum comprometimento na acuidade visual (IBGE, 2019). No Brasil, há 24,2 milhões de estudantes matriculados no ensino fundamental da rede pública, esta informação foi revelada por pesquisas feitas durante o Censo Escolar 2013. O Ministério da Saúde destaca que 15% das crianças da 1ª à 9ª séries de escolas municipais e estaduais, necessitarão realizar consultas com oftalmologistas; e 15% deste percentual, farão uso de óculos (BRASIL, 2008). Na tabela abaixo, estão dispostos os quantitativos de pessoas com deficiência visual distribuídos por região do Brasil.

Tabela 1- Distribuição de pessoas com deficiência visual por região.

Deficientes visuais por região	Total	% população local
Norte	574.823	3,6
Nordeste	2.192.455	4,1
Sudeste	2.508.587	3,1
Sul	866.086	3,2
Centro-Oeste	443.357	3,

Fonte: Adaptado de Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE, (2019).

Segundo a OMS, existem alguns tipos de classificação da deficiência visual, que, neste caso, é classificado pela CID-11, sendo o H54-4, que varia de acordo com a intensidade da deficiência, havendo a deficiência visual leve, moderada, profunda, severa e perda total da visão (OMS, 2022). Esse fenômeno pode ainda estar relacionado com comprometimento de campo visual, e com a idade de início, de modo que a deficiência pode ser congênita ou adquirida. As classificações seguem de acordo com a seguinte classe de acuidade visual:

- Normal - 20/12 a 20/25;
- Próximo do Normal - 20/30 a 20/60;
- Baixa Visão Moderada - 20/80 a 20/150;
- Baixa Visão Severa - 20/200 a 20/400;
- Baixa Visão Profunda - 20/500 a 20/1000;
- Próximo à Cegueira - 20/1200 a 20/2500;
- Cegueira Total - SPL (sem percepção de luz).

De acordo com o Relatório Mundial sobre as Deficiências da OMS (2012), a catarata, a glaucoma, a retinopatia diabética, a cegueira infantil e a degeneração macular são as principais causas de cegueira no Brasil. Ainda segundo o documento, nos países em desenvolvimento, as principais causas destas ocorrências estão relacionadas às doenças infecciosas, às deficiências nutricionais, aos acidentes e às cataratas. Por outro lado, em países desenvolvidos, são mais comuns os fatores genéticos e doenças degenerativas e, em ambos também são consideradas as causas congênitas ou adquiridas (OMS, 2012).

O mesmo relatório da OMS (2012) esclarece que há alguns fatores de riscos

que contribuem para aumento dos índices de deficiência visual, tais como:

- Diabetes, hipertensão arterial e outras doenças sistêmicas que podem levar a complicações na visão. Por exemplo: esclerose múltipla;
- Doenças relacionadas ao envelhecimento (Senilidade). Por exemplo: catarata, degeneração senil de mácula; falta de cuidados pré-natais e prematuridade;
- A não utilização de equipamentos de proteção individual nos olhos (por exemplo, durante o uso de solda elétrica);
- Ausência de imunização contra rubéola em mulheres em idade reprodutiva, potencializando a chance de rubéola congênita.

A OMS (2012;2022) ainda esclarece, que a falta de cuidados com a saúde ocular pode contribuir para o desenvolvimento de doenças graves, como a perda gradativa da visão, as quais podem ser agravadas quando não diagnosticadas e/ou tratadas precocemente. Conforme o relatório da OMS, problemas com a visão podem ocorrer em diferentes faixas etárias, porém os cuidados devem ser dobrados em crianças e com idosos, necessitando de maior atenção aos primeiros sintomas (OMS, 2012). A partir desses dados, constata-se que a deficiência visual é uma das deficiências mais presentes na população brasileira, com percentual de 46.07% (IBGE, (2019).

Neste sentido, esta população necessita de olhares diversos e sensíveis às questões relacionadas à sexualidade e diversidade, nem sempre respeitados. Assim, na seção seguinte, abordaremos as contribuições da Teoria das Representações Sociais, escolhida por nós, tendo em vista o seu potencial para evidenciar as questões sociais desse fenômeno e por possibilitar a problematização do senso comum, reconhecendo-o como culturalmente relevante (NOGUEIRA; DI GRILLO, 2020).

2. A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

No presente estudo, entende-se como Representações Sociais (RS), os conhecimentos elaborados e compartilhados, coletivamente, com objetivo prático, por meio dos quais se constrói uma realidade social por determinado grupo (MOSCOVICI, 2011). As RS são construídas socialmente e circulam no imaginário coletivo, refletindo nas relações individuais com algum objeto que é socializado por estes, possuindo a finalidade de indicar uma determinada conceituação do real. Neste sentido, Alba

(2014) reforça que os estudos das RS têm muita relevância para a compreensão da dinâmica dos grupos, elucidando como os sujeitos agem em sociedade e atuam para a inclusão de novos saberes, agregando novas simbologias ao grupo. Para a autora, as RS, bem como as representações coletivas são “entidades quase tangíveis” (ALBA, 2014, p. 526).

Conforme Nogueira e Di Grillo (2020), as RS vêm se tornando essenciais para pesquisas voltadas às crenças e aos mitos populares e de todo o senso comum, recebendo forte influência da teoria da linguagem de Saussure, da Epistemologia Genética de Piaget e da teoria do desenvolvimento cultural de Vygotsky. Desse modo, para Alba (2014) “o conceito de representação social compreende um processo sociocognitivo específico, e não apenas uma ampla classe de ideias ou uma categoria demasiado geral que visa abranger toda forma de pensamento social” (ALBA, 2014, p. 530).

É nesse contexto intelectual e histórico que Serge Moscovici, psicólogo social romeno, propôs a Teoria das Representações Sociais (TRS) a partir da sua tese de doutorado, estando interessado em compreender as representações sociais da Psicanálise (MOSCOVICI, 1969). Assim, desde a gênese à TRS, Moscovici demonstrava-se interessado nos processos e fenômenos que se evidenciavam na relação estabelecida entre os universos reificado (ciência) e o consensual (senso comum) (CAMARGO; SCHLOSSER; GIACOMOZZI, 2018; NOGUEIRA; DI GRILLO, 2020).

Mais especificamente, Moscovici (2011) buscou problematizar acerca da relação entre os saberes reificados acerca da Psicanálise e compreender como esses conhecimentos eram apropriados e reproduzidos através dos meios de comunicação, gerando novos saberes, construídos a partir da interação com o universo consensual (senso comum), e não apenas o dos representantes da própria psicanálise. Partindo desta inquietação, no ano de 1950, na França, Moscovici iniciou os estudos utilizando entrevistas, materiais jornalísticos bem como indagações por escrito, por meio dos quais, constatou várias representações de psicanálise que, em muitos aspectos, se distanciavam da proposta teorizada por Freud, difundida nos meios acadêmicos (MARKOVÁ, 2017; NOGUEIRA; DI GRILLO, 2020).

Conforme Nogueira e Di Grillo (2020), Moscovici consultou as bases Piagetianas que, em 1959, ao explorar o pensamento infantil, teorizou que este age de modo diferenciado do pensamento adulto sobre determinado objeto. Desse modo, ele

discorreu sobre o construtivismo, afirmando que o conhecimento é constituído pelo meio, a partir da interação do sujeito/objeto, enfatizando que o conhecimento surgia pela força empenhada neste processo. Conforme os autores, por meio dos processos de assimilação e acomodação, o sujeito transformaria o objeto estranho em algo familiar que, por sua vez, haveria uma resistência por parte do objeto acerca dos instrumentos utilizados pelo indivíduo. Haveria então, uma reação do sujeito em relação a esses instrumentos, fortes o suficiente para assimilar os objetos mais complexos (NOGUEIRA; DI GRILLO, 2020).

2.1. A Teoria de Moscovici e a Teoria de Durkheim

As Representações Coletivas de Durkheim e as Representações Sociais de Moscovici, como explicitam Nogueira e Di Grillo (2020), apesar de uma ter sido inspiração para a outra, parecem semelhantes, mas são bem diferentes. Para tanto vamos diferenciá-las para melhor entendimento.

A teoria de Durkheim, conforme Nogueira e Di Grillo (2020), se caracteriza pela imposição da sociedade para com os indivíduos de formas de tomadas de consciência. Conforme direcionavam os indivíduos a como agir e pensar, tinham suas transmissões e reproduções estáveis, de modo que as representações resistiam do mesmo molde por várias gerações. Além disso, eram coercitivas e não aceitavam indagações por parte dos indivíduos, sendo impostas durante o seu desenvolvimento (CAMARGO; SCHLOSSER; GIACOMOZZI, 2018). Nessa direção, Alba (2014) expõe que, para Durkheim a vida e a mente, não se separam, existindo em sua totalidade, não sendo constituída em cada indivíduo, ou seja, “[...] não em cada uma das partes que a constituem” (p.525), são independentes (ALBA, 2014, p. 525).

Alba (2014) reforça que, para Durkheim, ao ficarem equiparadas, as representações coletivas vão ganhando autonomia e complexidade. Segundo a autora, possivelmente o primeiro fundamento da representação seja calcado no indivíduo e no meio, se desenvolvendo de forma conjunta. No entanto, quando estabelecido este fundo, as representações vão se incorporando ao ponto de tornarem-se reais e de forma parcial e autônoma. Para Durkheim, quando formadas, as novas representações, estão vinculadas, dependendo mais de outras representações do que da estrutura social. Conforme destaca Alba (2014), os eventos da sociedade deveriam ser estudados para além dos indivíduos, pois “ao estudá-las

em nível individual perderiam sua especificidade e complexidade, já que se encontram incompletas em cada um” (ALBA, 2014, p. 527).

Cabe destacar que Durkheim enfatizava a esfera social e refutava a importância do indivíduo, negligenciando as possíveis mudanças de cada sujeito, tratando-os dicotomicamente. Segundo Nogueira e Di Grillo (2020), por causa destas especificidades, que não valorizavam os sujeitos, a teoria de Durkheim ficou esquecida por décadas. Moscovici, percebendo as aberturas que Durkheim deixou na sua teoria, resgatou essas pesquisas reformulando-as, constituindo então, um novo ponto de vista para a Psicologia no campo social, mudando de representações coletivas para representações sociais (CAMARGO; SCHLOSSER; GIACOMOZZI, 2018; NOGUEIRA; DI GRILLO, 2020).

Ainda conforme Nogueira e Di Grillo (2020), a teoria de Durkheim tinha como premissa uma respectiva estagnação, baseando-se em demais dogmas religiosos, mitos, conceitos, entre outros. Os autores relatam que os fenômenos dos indivíduos eram entendidos isoladamente e que Moscovici foi contrário veementemente à forma estagnada dessa teoria, ao entender que as RS são mutáveis conforme as mudanças no meio social, dando evidência aos aspectos dinâmicos da teoria. Ainda segundo os autores, estas questões foram revistas, pois na visão de Moscovici, o meio social colabora para a formação das representações já que as culturas são criadas coletivamente, destacando o papel dos sujeitos e, conseqüentemente dos seus modos de pensar, sentir e agir na construção da realidade. Outra divergência evidenciada entre as teorias dos autores se deve ao fato de que, nas representações coletivas de Durkheim eram impostas aos indivíduos as ideias sociais e, na visão de Moscovici, é considerado o caráter social e o papel dos sujeitos, enquanto agentes ativos, na elaboração dos fenômenos (NOGUEIRA; DI GRILLO, 2020).

Ainda de acordo com Alba (2014), em um contexto contemporâneo Moscovici, com novos pensamentos, não se limitou aos saberes das tradições, mas também conferiu a eles novas formas de pensar que originam novas sociedades, permitindo a observação, tanto na esfera individual quanto na forma coletiva, considerando a comunicação como a base do conhecimento para a Psicologia Social. Nas palavras da autora, “ele apresenta um método para a sua análise, dando a elas maior flexibilidade e dinamismo, coloca-as no contexto das sociedades contemporâneas, associa-as com novas formas de pensamento que geram as sociedades atuais (saber

científico, ideologias) e não apenas as limita ao saberes tradicionais”, permitindo uma observação tanto no nível individual, como no coletivo (ALBA, 2014, p.527).

Assim, as RS enfatizam a existência de diferentes maneiras de conhecimento que são separadas por Moscovici em dois universos: consensual, que vêm do pensamento do cotidiano (senso comum) e o reificado, que se origina do pensamento científico, ou seja, dos ambientes formais de conhecimento, levando em consideração diversas possibilidades de lidar com o imaginário construído. Moscovici avança ao reconhecer o senso comum como uma forma de conhecimento legítima, complexa e relevante, considerando ambos os universos como importantes. No entanto, é pertinente considerar que as RS frequentemente se dão no universo consensual (MOSCOVICI, 2003; MARKOVÁ, 2017; NOGUEIRA; DI GRILLO, 2020).

Conforme Nogueira e Di Grillo (2020), a TRS possibilita decifrar os saberes populares, de modo que o objeto a ser estudado deverá ser culturalmente relevante no meio social estudado, devendo abranger os diversos contextos e fenômenos do coletivo, sendo que, nem todos os fenômenos dos saberes populares se tornam objetos para a TRS (SÁ, 2014; NOGUEIRA; DI GRILLO, 2020). Na mesma direção, a TRS, segundo Alba, (2014), possui a capacidade de compreender o comportamento humano e torna tangível o pensar de modo coletivo, elencando-o como um importante objeto de Psicologia Social. Para a autora, as RS indicam um ciclo completo no que se refere à produção de significados, sendo um conhecimento compartilhado e construído socialmente, de forma prática, que colabora para um meio social e para a formação da realidade (ALBA, 2014).

Ainda segundo Nogueira e Di Grillo (2020), uma representação social não se refere a um reflexo de um dado objetivo da realidade, mas sim um constructo coletivo, que parte das experiências que determinado grupo vivenciou, criando um objeto, substituindo o objeto reiterado. Moscovici, segundo Alba (2014), afirma que as RS originam modelos de conduta e de comunicações, sendo a via por onde estes apropriam-se das interações em um espaço de tempo, fazendo com que o que então era estranho, se tornasse conhecido. Jesuíno, (2014) colabora com a autora ao relatar que “[...] Moscovici coloca em primeiro plano uma observação que irá servir de imagem de marca da teoria das representações sociais – tornar o não familiar, familiar”, tornando, a partir de então o fio condutor das RS (JESUINO, 2014, p. 52).

Jesuíno (2014) reforça que as RS contribuem para tomada de atitude, e auxiliam no modo como os indivíduos interagem com o meio social onde vive, compreendendo-

o como um sujeito pensante, que cria situações, buscam e repassam informações da realidade. O autor expõe que Moscovici sugere três dimensões das RS que se referem à constituição social ao qual o indivíduo está engendrado sendo a atitude, a informação e o campo de representação.

Nessa perspectiva, a atitude se manifesta em uma resposta, não muito simples, podendo ser escondida, permanecendo ativa enquanto o indivíduo ou sociedade estiver em atividade. Já a informação tem relação direta com as experiências apresentadas sobre determinado objeto social bem como a quantificação e qualificação, podendo ser identificado conforme a aproximação com o referido objeto. Por fim, o campo de representação remete ao contexto em que são estruturadas a informação e a atitude, de modo que as propriedades imageantes e qualitativas são hierarquizadas (JESUINO, 2014); (NOGUEIRA; DI GRILLO, 2020).

Um olhar mais atento, segundo Jesuíno, (2014), nos dá possibilidades de elencar as direções sociais de afastamento do sujeito com os objetos de RS que, segundo o autor, seriam as causas que as delineiam em relação as divergências nos níveis sociais, aproximando e nivelando assim a substância dessas representações. O autor relata que o modelo estrutural engendra uma terceira dimensão, modificando radicalmente o centro da atitude enquanto objeto, tornando-se um conceito amplo. O autor ainda entende que “[...] Por campo de representação entende Moscovici algo que nos remete para a ideia de imagem, de modelo social...para uma unidade hierarquizada de elementos” (JESUINO, 2014 p. 46).

Para Trindade, Santos e Almeida (2014) os processos básicos para a formação de uma RS são dois: a objetivação e a ancoragem. As autoras relatam que a objetivação e a ancoragem são conceitos basilares que estruturam uma representação, que, por sua vez, tornam-se tensões de elementos de cunho socioafetivos, mentais, em conjunto às relações sociais bem como a comunicação, cognição e do processo de linguagem. Nesta via, o que constrói as RS são a cultura, a comunicação, e a linguagem, assim como as condições socioculturais e ideológica do sujeito social que a desenvolve. Conforme as autoras “[...] sujeito e objeto de representações, tanto quanto os processos de objetivação e ancoragem que se encontram na base da construção das RS, pressupõem e demandam ser situados no *carrefour* do psicológico e sociológico”, ainda deixam evidenciado os contextos socioculturais” (TRINDADE, SANTOS & ALMEIDA, 2014, p. 148; JODELET, 2009).

A objetivação tem a finalidade de substituir um sentimento por uma imagem, ou

seja, transformar concreto o imagético, trazendo o que não era real para o conhecido. Trindade, Santos e Almeida, (2014) afirmam que se trata de uma ação que dá forma aos conceitos, reinterpretando os significados excedentes, sendo uma ação essencial no trânsito da comunicação. Em outras palavras, trata-se de uma materialização do campo ideativo, transformando conceitos em imagens e significações concretas. Assim, todo conceito objetivado adquire materialidade, tornando-os naturais para a realidade, e auxiliando a cognição bem como a significação se aproximando do real, tornando-se familiar (TRINDADE, SANTOS e ALMEIDA, 2014; MOSCOVICI, 2003).

Também ocorrem no processo da objetivação algumas operações, sendo: de construção seletiva, de esquematização e de naturalização. Na construção seletiva ocorre a figuração do conceito, tendo os níveis educacionais, regras da sociedade, valores e crenças, sendo expresso geralmente de forma imediata (MOSCOVICI, 2003). No processo de esquematização ocorre um esforço para deixar o conceito mais simples, apontando dados em comum na relação objeto/RS. Na naturalização, há uma troca de lugar entre os elementos do imaginário, objetivo e do campo cognitivo, tornando real o abstrato (MOSCOVICI, 2003).

Conforme Moscovici (2003), o processo de materialização oriunda da objetivação ocorre primeiramente com o uso de palavras que permeiam o meio social, sendo possível ser carregadas de significações e realidades, sendo estruturadas em imagens. O autor enfatiza que não são todas as palavras que podem ser ligadas a imagens, podendo ser pelo fato de não possuir imagens concretamente ou por estarem relacionadas a alguns tabus, pois, elas são familiares e geralmente são relacionadas a características aceitas socialmente, tendo a possibilidade de sofrer mudanças ao passar do tempo (MOSCOVICI, 2003).

As imagens, segundo Vala e Castro (2013), facilitam a familiarização das RS, pois conforme os autores, elas fazem parte de um núcleo imagético de grande complexidade que facilitam a reprodução de contextos ideativos. Para os autores, o processo de objetivação ocorre de três formas: na Personificação, na Figuração e na Ontologização. Na Figuração, é associada a imagem de uma figura pública ou de um grupo social ao conceito; na Personificação, ocorre uma substituição do conceito por um contexto metafórico ou imagético e; na Ontologização, os conceitos ou ideias adquirem um contexto mais concreto (MOSCOVICI, 2003; VALA; CASTRO, 2013; TRINDADE, SANTOS e ALMEIDA, 2014).

A ancoragem, conforme Nogueira e Di Grillo (2020), possui como característica

introduzir ou assimilar a um objeto em uma categoria familiar ao sujeito, estando na memória, sendo facilmente acessado, associando o objeto a uma espécie de banco de dados, classificando-os conforme o nível de assimilação. Desse modo, um objeto é ancorado ao passo de que esteja em categorias já existentes para o indivíduo conforme algumas adequações, esta ação, demanda de juízos de valores ao transformar o desconhecido em algo tangível pelo indivíduo, com base nas suas experiências grupais e institucionais (ALBA, 2014; NOGUEIRA; DI GRILLO, 2020; TRINDADE, SANTOS e ALMEIDA, 2014).

Neste sentido, para Trindade, Santos e Almeida (2014), o conceito de ancoragem refere-se a um processo individualmente realizado, classificando o objeto baseando-se no processo social de escolha, ocorrendo de forma a dar sentido e categorizando as determinações do grupo sobre conceitos e ideias imagéticas, relacionando-se com o contexto histórico bem como as memórias do indivíduo. Na ancoragem, alguma coisa nova é modificada pelo indivíduo ou pelo grupo, causando perturbação e comparações a experiências prévias inserindo-o em categorização peculiar que, neste momento, está familiarizado. Assim, nos indivíduos ou grupos, ancorando um objeto ou um fenômeno, ocorre uma espécie de julgamento partindo de uma referência social servindo-lhe de base (TRINDADE, SANTOS e ALMEIDA, 2014; MOSCOVICI, 2003).

Os seres humanos, quando se deparam com algo que não conseguem compreender, vivenciam um distanciamento e uma resistência, surgindo a necessidade de ancorar com a urgência de se haver uma classificação de algo até então desconhecido e ameaçador (MOSCOVICI, 2003; TRINDADE, SANTOS e ALMEIDA, 2014). Desta forma, para ocorrer a superação do que até então era resistente, inicialmente se dá avaliando, rotulando e categorizando algo desconhecido, nestas categorias os autores explicam que não há neutralidade. Estas categorias, estão carregadas de paradigmas presentes na memória baseados em determinações boas ou ruins (TRINDADE, SANTOS e ALMEIDA, 2014; MOSCOVICI, 2003).

A partir de valores que já existem na memória, a ancoragem possibilita que elementos e conteúdos sejam adicionados ao conhecimento, relacionando um objeto em uma classificação que já possui, possibilitando também a percepção de peculiaridades culturais de onde o indivíduo se encontra como fatores culturais, históricos, sociais e psicológicos que norteiam a elaboração de sentidos (TRINDADE, SANTOS E ALMEIDA, 2014; MOSCOVICI, 2003).

O processo de ancoragem, segundo Trindade, Santos e Almeida, (2014), implica em uma classificação e um julgamento acerca de um objeto, sendo estas classificações, permeadas de implicações de cunho social. Neste sentido, constituem uma rede de significados, incluindo os conteúdos que confrontam as categorias de seleção que, segundo Moscovici (2003), interferem diretamente no indivíduo ao decidir sobre o objeto que está analisando. Assim, como em uma hierarquia, os objetos são dispostos em uma espécie de escala valorativa, possibilitando uma melhor compreensão bem como mudanças nas relações sociais (MOSCOVICI, 2003). Em síntese, o processo de ancoragem não se trata, meramente, de um processo de seleção de cunho intelectual, mas de uma relação com a fixação de um determinado objeto em conformidade ou dissonância de determinadas normas sociais, consideradas adequadas ou não ao contexto social (TRINDADE, SANTOS e ALMEIDA, 2014; MOSCOVICI, 2003).

No desenrolar de mais de 50 anos da sua formulação por Moscovici, a TRS se desdobrou em inúmeras abordagens, sendo as mais importantes: a processual, de Denise Jodelet, também conhecida como Sóciogenética e que tem como premissa estudar a construção das RS; a Estrutural de Jean-Claud Abric, que se dedica ao estudo da estrutura das RS e ainda; a Societal de Willem Doise, onde o foco é o relacionamento grupal do indivíduo (DESCHAMPS & MOLINER, 2009).

No entanto, foi no continente latinoamericano que a TRS mais se desenvolveu em termos de novas abordagens, principalmente no Brasil. Denise Jodelet comparou o movimento dos cientistas brasileiros aos ocorridos no movimento modernista ocorrido no século XX, onde os escritores recusavam tomar como fundamental os preceitos teorizados pelos escritores franceses, desenvolvendo estudos pautados na antropologia, onde utilizavam as balizas europeias, porém, destacavam inspirações peculiares, sem perder de vista as regras das teorias originais (JODELET, 2011). Para Jodelet (2011), no Brasil, há duas características que merecem destaque, sendo:

De um lado, a diversificação dos domínios de estudos. De outro lado, uma concepção comunitária das práticas de pesquisa, através de encontros internacionais e sobretudo nacionais, como as Jornadas Internacionais sobre Representações Sociais (JIRS), as Conferências Brasileiras e os grupos da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia (ANPEPP). Esses encontros constituem um progresso enorme em termos de comunicação, intercâmbios de ideias, realizações e experiências e em termos de aprimoramento das práticas de investigação (JODELET, 2011 p. 23).

Jodelet (2011) enfatiza que essa maneira de integração dos pesquisadores

brasileiros em campos de estudos diversos como os educacionais, os da área da saúde e da psicologia social é, da mesma forma uma unidade no que se refere ao progresso. Nesse sentido, a autora cita o Centro Internacional de Estudos em Representações Sociais e Subjetividade – Educação (CIERS-ed) de São Paulo , que concentra dezenas de universidades; o Centro Internacional de Pesquisa em Representação e Psicologia Social ‘Serge Moscovici’ na cidade de Brasília, reunindo psicólogos sociais das cidades de Belo Horizonte, Recife, Rio de Janeiro e de Vitória; a Rede Internacional de Pesquisa sobre Representações Sociais de Saúde (RIPRES), que possuem uma articulação entre universidades brasileiras e universidades internacionais, principalmente da Europa como: Évora, Lisboa em Portugal, Amiens , *Aix en Provence*, *Brest*, Paris, na França, Roma, Pádua na Itália, entre outras (JODELET, 2011).

Em meio a várias vertentes e métodos para pesquisa em RS, adotamos neste trabalho a Abordagem estrutural que, na perspectiva de Abric (1998), considera que as RS são partilhadas entre os sujeitos pertencentes a um determinado grupo, partindo dos fatores comuns, ou seja, das crenças, costumes e valores. Constituintes do núcleo central, esses fatores alinhados e comuns aos membros do grupo, são os estruturantes da representação. Neste sentido, ele complementa a TRS identificando seu conteúdo e estrutura, desvelando como é a constituição de uma representação social e como se dá este fenômeno (ABRIC, 1998).

A abordagem estrutural tem como principais conceitos o núcleo central e o sistema periférico onde, no entorno de um núcleo central, se organiza a representação. O núcleo é o elemento que fundamenta o sistema de RS, gerando a significação que baliza a representação e determina a organização de todos os elementos. O sistema periférico é flexível, defende e mantém a estrutura da representação social, para que não haja modificações no seu núcleo, sendo adaptável ao contexto da realidade e nos distintos conteúdos representacionais (SÁ, 1996).

Elegemos esta abordagem por considerarmos que acessar a estrutura e a sistematização dos elementos das RS pode colaborar substancialmente para se compreender as práticas sociais acerca dos possíveis obstáculos para o exercício pleno da sexualidade de Homens Gays com deficiência visual. Durante a construção deste trabalho, notou-se que a RS é uma interpretação das dinâmicas sociais que variam conforme o desenvolvimento de uma comunidade ou grupo, conforme explicitam Nogueira e Di Grillo (2020).

Ainda, identifica-se nesta teoria a possibilidade do surgimento de reflexões acerca de comportamentos, hábitos de uma comunidade ou indivíduos de determinado grupo. Assim, esta abordagem torna-se importante para análise e compreensão dos fenômenos a serem investigados e compreender os aspectos da construção social de pessoas com deficiência visual, entre outras possibilidades que surgiram no desenrolar da presente pesquisa. Desta forma, se ressalta a relevância do uso desta teoria em estudos relacionados com homens gays com deficiência visual, pois viabiliza outras possibilidades para a compreensão dos processos e mecanismos pelos quais os sentidos do objeto de estudo são construídos pelos sujeitos em suas relações de interação, trazendo o contexto de como se constrói a realidade deste público (ROCHA, 2014).

Neste sentido, por estarmos lidando com aspectos socialmente reprováveis se forem explicitados pelos homens gays que estamos analisando nesta dissertação, consideramos a necessidade de utilizar ferramentas que permitam averiguar as respostas do público aqui pesquisado. Desta forma, chegamos à uma decisão que, no nosso entendimento, ao analisarmos a chamada “zona muda” das RS, chegaremos à explicitação do que é realmente não dito por determinados públicos em situações em que há contextos contra normativos. Neste viés, a seção seguinte abordará em que contexto a chamada “Zona Muda” foi elaborada (ABRIC, 2003).

3. A “ZONA MUDA” DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Ao analisar os resultados de uma eleição presidencial, na França, Abric (2005) ficou muito preocupado em tornar o método de pesquisa em representações sociais mais confiável. Ocorre que os resultados das eleições foram muito divergentes das pesquisas de intenção de voto na época, levando-o a refletir sobre os motivos para tal divergência. Notou então, a possibilidade de que os eleitores não tivessem relatado suas intenções de voto de forma fidedigna, por pressão social e por medo de não serem aceitos socialmente. Abric (2005) então, concluiu que, em determinados momentos e contextos, haveria uma “zona muda” das representações sociais que não seria manifestada de forma verbal pelos participantes da pesquisa, havendo a necessidade de desenvolver outras estratégias para identificá-las. Dessa forma, ele considerou muito importante verificar se os resultados obtidos eram condizentes e se

espelhavam as crenças e os valores dos grupos pesquisados, afinal, a pesquisa em RS extrai fenômenos do universo reificado, que por sua vez, são objetos polêmicos do meio científico (ABRIC, 2005).

Dessa forma, a zona muda é formada por RS que estão mais escondidas por explicitar conteúdos contra normativos vigentes socialmente, sendo invisibilizadas de forma intencional, não sendo de caráter inconsciente, existindo somente por razões sociais, ou seja, por causa de normatizações e regras sociais. Neste caso, o sujeito almeja ser aceito e tem a intenção de repassar “boas impressões” ao restante do grupo, a este fenômeno dá-se o nome de gestão de impressões (ABRIC, 2005).

Abric (2005) considerou, então, de fundamental importância evidenciar os elementos pertencentes a esta zona muda, haja vista que a meta da pesquisa em RS é trazer à tona o não dito, que é o cerne de uma representação. Para tanto, já que este fenômeno da zona muda ocorria por pressão social, Abric (2005) considerou necessário tentar diminuir esta pressão dos indivíduos entrevistados criando a técnica de substituição. Esta técnica, visa diminuir a pressão sobre o indivíduo e primeiramente solicita-se ao mesmo que responda a um determinado questionamento conforme o seu ponto de vista, em seguida, solicita-se que responda considerando o que outro indivíduo responderia (ABRIC, 2005). Segundo o autor, esta técnica dá a impressão de que não é o indivíduo que está respondendo, e sim um outro. Relata ainda que há a necessidade de que o outro ao qual o pesquisado irá responder, não seja muito distante do sujeito respondente e nem das RS do grupo pesquisado, havendo, nessa situação uma intervenção nas RS sobre o outro. (ABRIC, 2005).

Pretendeu-se aqui refletir acerca das RS, suas origens e influências, bem como abordar alguns pressupostos essenciais para o entendimento da Teoria de Moscovici, que foi profundamente difundida partir de seu surgimento (DESCHAMPS & MOLINER, 2009). Também, entender mais sobre a Teoria do Núcleo Central e a zona muda das RS que utilizamos nesta pesquisa e sua importância no entendimento acerca da construção das RS de homens gays sobre homens gays com deficiência visual. Na sessão seguinte, buscaremos compreender como se deu a emancipação das Pessoas com deficiência no que se refere à conquista dos seus direitos.

4. EMANCIPAÇÃO E CONQUISTA DE DIREITOS DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

O modo como é percebido o indivíduo com deficiência reflete os valores sociais, morais, filosóficos, éticos e religiosos que perpassam as variadas culturas, em distintos momentos históricos (BELARMINO,1996). Neste sentido, os progressos foram, notadamente grandes, no século XIX, para as pessoas com deficiência visual. Belarmino (1996) afirma que, em Paris no ano de 1784, no final do século XVIII, surgiu o primeiro centro de aprendizagem para cegos da história, criado por Valentin Haüy, com o nome de Instituto Real dos Jovens Cegos. Ainda naquele século, espalharam-se, na Europa e nos Estados Unidos, várias escolas com a mesma ênfase. No Brasil, com a Proclamação da República, em 1891, o Imperial Instituto de Meninos Cegos passou a se chamar Instituto Benjamin Constant (IBC), em homenagem a Benjamin Constant Botelho de Magalhães, que foi diretor do instituto de 1869 até 1889. O Instituto foi o responsável pela educação de pessoas como as com deficiência visual, até 1926. Logo surgiram o Instituto São Rafael, em Belo Horizonte e o Instituto Profissional para Cegos Padre Chico, em 1927, na cidade de São Paulo (BELARMINO,1996; BUENO, 1999; VILHAGRA, 2021; SOUZA, 2022).

Com o desenvolvimento do meio científico, no último século, conforme França (2013b), houve mudanças culturais e no contexto social, surgindo novos conceitos e possibilitando novos olhares para as novas temáticas contemporâneas no sentido do reconhecimento das pessoas com deficiência como seres sociais. Nos anos 1990, a ONU garantiu os direitos humanos para este público durante a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, direitos estes que, dentre outros, destacam-se a eliminação de impedimentos e o direito a ambientes acessíveis, fundamentais para a vida em sociedade deste público. A Declaração dos Direitos das Pessoas com Deficiência da ONU trouxe à luz os direitos desta população, reforçando a necessidade global de executá-los em todos os países signatários. Entretanto, as pessoas com deficiência visual, hoje dotada de direitos que asseguram a sua total integração na sociedade de maneira plena, encontram inúmeras dificuldades para exercer a sua sexualidade (FRANÇA, 2013b; SOUZA, 2022).

Estudos apontam que as pessoas com deficiência visual, assim como as pessoas das outras categorias de deficiência, apesar de todo o amparo que as

legislações preconizam, ainda encontram problemas no acesso a direitos, principalmente os relacionados à saúde, à educação e aos direitos sexuais e de reprodução (FRANÇA, 2013b; GESSER, BOCK e LOPES, 2020; SOUZA, 2022). Em resumo, a deficiência visual se cruza com vários preconceitos que levam a um processo de marginalização e exclusão, que culminou em lutas por inclusão, direitos e igualdade (SOUZA, 2022). Há muitos debates sobre a deficiência visual como um déficit físico e biológico (MAIA, 2020). No entanto, esta visão pode ser modificada se analisarmos o meio, ou seja, se examinarmos a dimensão social e os obstáculos presentes na sociedade. Consequentemente, pode-se notar que a deficiência visual é entendida de diversas formas como por exemplo: falta de compreensão ou pessoas capazes de se superar perante as adversidades, porém, é evidente a persistência de preconceitos e estigmas enraizados em crenças limitantes, políticas assistenciais inadequadas ou patologizações (THEODORO, 2022; PESSOTTI, 1985; SILVEIRA, 2009; MAIA, 2020).

Diante do exposto, com a finalidade de situar o estado da arte no que se refere aos estudos relacionados à deficiência visual, consideramos necessário realizar uma busca por trabalhos que utilizem a TRS e abordem a questão da deficiência visual. Neste sentido, os estudos de Andrade, (2020), sobre Representações sociais do corpo cego praticante de esporte, em que os participantes da pesquisa eram 17 pessoas com deficiência visual da cidade de Natal e adeptos do atletismo no campus da UFRN no estado do Rio Grande do Norte, evidenciou elementos para afirmar que o público estudado se autodefinia como capazes e com potenciais no que se refere as práticas esportivas. O autor também demonstra no trabalho que esta perspectiva, vai de encontro aos estigmas que inferiorizam as pessoas com deficiência, que se referem a este público como pessoas inferiorizadas e com sérias limitações. Assim, com base nas RS emergidas, o autor infere que os participantes performam um corpo com base nas suas vivências, sendo inclusos socialmente por meio das práticas esportivas, explicitando que, os debates acerca da exclusão dos corpos com deficiência visual são necessários para uma sociedade justa e que ficou demonstrado a ânsia deste público em estarem em igualdade com as demais pessoas (ANDRADE, 2020).

Um estudo para analisar as RS, inclusão social e resiliência no contexto da deficiência visual foi desenvolvido por Paulino, (2017). A tese teve como objetivo identificar as RS de pessoas com deficiência visual sobre a inclusão social. Para tanto, desenvolveu 03 estudos em diversas instituições. O primeiro, investigou 30 pessoas

com idades entre 18 e 65 anos, com a finalidade de identificar as RS sobre a inclusão social dessas pessoas. Foi evidenciado que os participantes da pesquisa relacionaram o processo de inclusão social às políticas sociais e os benefícios sociais como o benefício de prestação continuada (BPC). Denotando que é de grande relevância para este público, a participação governamental por meio das políticas de inclusão que, segundo a autora, foram essenciais para retirar muitas famílias de pessoas com deficiência visual da linha da pobreza, oportunizando maior autonomia e participação social (PAULINO, 2017).

O segundo estudo, desenvolvido pelos autores, e teve como meta evidenciar os campos representacionais da inclusão social e da deficiência visual, nesta proposta, teve a participação de 109 pessoas com deficiência visual com idades entre 18 a 69 anos, que responderam a um questionário sociodemográfico e a técnica de associação livre de palavras (TALP). Neste estudo, a autora observou nos resultados obtidos que, as adversidades durante o desenvolvimento das pessoas pesquisadas, pode ter relevância no que se refere ao modo com que estas enfrentam suas dificuldades do cotidiano (PAULINO, 2017). Explicitando que, as experiências traumáticas são diferentes frente aos obstáculos, podendo variar em maior ou menor grau, conforme as condições emocionais e culturais de cada pessoa. Ainda, relata que, pessoas com cegueira congênita, ou seja, as que nasceram com deficiência visual, possuem maior probabilidade de lidar com situações ou experiências adversas, enquanto as pessoas que desenvolveram a deficiência visual ao longo da vida, têm maior propensão à terem más elaboração de episódios traumáticos advindos da deficiência. (PAULINO, 2017)

Já o terceiro estudo buscou quantificar os níveis de resiliência no contexto da deficiência visual, utilizando a mesma amostra do segundo estudo, que, além do questionário sociodemográfico, responderam a Escala da Resiliência. Nos resultados ficou evidente que as pessoas com deficiência visual, ancoram o processo de resiliência às relações interpessoais, ou seja, em dar sentido à vida, em boas amizades e relacionamentos, realizações pessoais, satisfação e na significação da vida (PAULINO, 2017).

De forma controversa aos estudos supracitados, Silva, (2015), realizou uma pesquisa intitulada Representações Sociais de Mulheres Deficientes Visuais: Implicações no âmbito da vivência cotidiana, entrevistando 14 mulheres com deficiência visual na cidade de Rondonópolis no estado do Mato Grosso. A autora

em questão discorre sobre o trabalho que realizou nas dependências de uma Instituição, onde entrevistou e comparou a sua percepção enquanto entrevistadora e a autopercepção das mulheres com deficiência visual no que se refere à autoimagem. Durante o desenrolar da escrita acadêmica, a autora utilizou alguns termos que consideramos não serem adequados para se referir às pessoas com deficiência como: “deformidades”, além de terminologias como “boa aparência”, “boa higienização”, “higiene pessoal insatisfatória”, entre outras terminologias que denotam juízo de valor ao referir-se às mulheres com deficiência visual. O termo “deformidade” surgiu quando ela estava se referindo aos critérios de inclusão/exclusão onde escreveu: “...menores de 18 anos e presença de qualquer outra deformidade que não a visual...” (SILVA, 2015, p. 59). Também, por vários momentos a referida autora utilizou o termo “portador de deficiência” para se referir às participantes da pesquisa.

Conforme Garbino e Stump, (2003), nem todas as deficiências estão ligadas a deformidades corporais, sendo que muitas delas podem ser apenas sensoriais, que é o caso das pessoas com hanseníase, que possuem, em alguns casos, uma insensibilidade nas terminações nervosas, outro caso, são das pessoas com surdez e, a própria deficiência visual. Neste sentido, consideramos de grande relevância utilização da terminologia “pessoa com deficiência” ao se referir a este público, corroborando com a aprovação na Convenção Internacional para Proteção e Promoção dos Direitos e Dignidades das Pessoas com Deficiência, aprovada pela Assembleia Geral da ONU no ano de 2006 e ratificada no Brasil em julho de 2008 pelo Decreto nº 6.949, de 25 de agosto de 2009 (SASSAKI, 2003).

A autora, em suas considerações expõe que “a ausência da visão cria barreiras interferindo no seu senso de integridade física e em sua imagem corporal...” (SILVA, 2015, p. 95). Este trecho demonstra um despreparo da autora no que se refere ao entendimento acerca das pessoas com deficiência visual e as legislações que as amparam, visto que, já é um consenso desde a Declaração de Salamanca em junho de 1994, bem como nos estudos de Sassaki (2003); França, (2013) e Theodoro, (2022), que as barreiras no que tange às pessoas com deficiência, estão na sociedade, nos equipamentos e nas atitudes. Um reflexo desta “deficiência social”, está no elevado número de legislações para assegurar a integração plena deste público, também, como exemplificado por Theodoro, (2022), o grande número de entidades representativas.

As conclusões do estudo supracitado inferem que, nos discursos das mulheres

com deficiência foram evidenciados uma autopercepção, na visão da autora, distorcida da realidade e contraditória, pois segundo ela, os discursos apresentavam contextos normativos e condizentes à padrões impostos pelas mídias. Ainda, a autora relata ter evidenciado certa dificuldade no que se refere ao autocuidado e componentes psicológicos que, na visão dela, são prejudicados. No último parágrafo, a autora relata um resultado inesperado, uma mudança na sua postura enquanto pesquisadora, pois segundo ela, tornou-se uma pessoa mais solidária às pessoas “portadoras de deficiência visual”, em especial às mulheres (SILVA, 2015).

Desse modo, acreditamos que a autora teve boa intenção ao analisar as RS de mulheres com deficiência visual, uma vez que é uma temática que necessita de maior visibilidade no campo acadêmico, principalmente com o prisma da TRS, no entanto, consideramos que não houve o cuidado de não estigmatizar ainda mais esta população que, historicamente são marginalizados pela própria deficiência (THEODORO, 2022; FRANÇA, 2013). Também, ficou explicitado a falta de compromisso da pesquisadora para com o aprofundamento no campo da deficiência visual, evidenciado pelas inconsistências das narrativas textuais, uma vez que, não houve sustentações coerentes com o estudo proposto com base na TRS, nem a preocupação em utilizar as terminologias adequadas para se referir às pessoas com deficiência visual (SASSAKI, 2003).

Como ficou evidenciados nas análises supracitadas, há de se filtrar os trabalhos relacionados às pessoas com deficiência visual, uma vez que, nem sempre estão condizentes com a proposta que defendemos, que conforme Omote, (2003) é compreendido como um modelo social de deficiência, onde leva-se em consideração as barreiras e as dificuldades socialmente impostas às pessoas com deficiência, onde se avalia a deficiência como realmente é, em relação à vulnerabilidade e injustiças social que os grupos excluídos sofrem. Neste sentido, as dificuldades das pessoas com alguma deficiência, para este modelo, estão em uma estrutura social, que por sua vez, promove amplo debate acerca da inclusão desse público. Desse modo, os estudos com uma perspectiva inclusiva e pautadas neste modelo social, devem observar o sujeito como ser social e, primeiramente, como uma pessoa que é fruto desse social, e por ele excluído. E não observando ou buscando evidenciar os impedimentos e incapacidades da pessoa em questão (OMOTE, 2003; 1996).

Assim, o preconceito também se torna uma barreira para as pessoas com deficiência visual, podendo comprometer o processo de inclusão. Segundo as

autoras Costa e Moreira (2022), a inclusão é um tema complexo que envolve todos os atores sociais, ou seja, tanto o deficiente visual quanto a sociedade. As autoras ainda, explanam que a deficiência visual pode impossibilitar o reconhecimento de normas estéticas impostas pela sociedade e, desse modo acabam exercendo o papel que lhes é atribuído: o de pessoas assexuadas e sem desejos, cumprindo assim com as expectativas predeterminadas e estigmatizadas dessa população. Esse fenômeno colabora para a conformação das pessoas com deficiência como sujeitos oprimidos por uma estrutura que os empurra para um lugar social subalternizado. Desta forma, irá somar para a construção de uma identidade inferiorizada e complexamente mal desenvolvida no que se refere à sexualidade principalmente (COSTA e MOREIRA, 2022). Na sequência, iremos abordar alguns aspectos referente à sexualidade das pessoas com deficiência visual e aspectos que colaboram para a formação das identidades desse público.

4.1. Sexualidade, Deficiência Visual e Construção de Identidades

Habitamos em uma sociedade impregnada de normas, como explana Piccolo (2012), onde aqueles que se desviam delas, como as pessoas com deficiência, podem ser isolados dos demais. Isso significa que as minorias podem ser invisíveis e incapazes de atender às suas necessidades. Portanto, as diferenças que existem em condições normais são diretamente dependentes do ambiente interveniente e ocupam todos os elementos dos fatores sociais e humanos. As violações das regras ou de um desses fatores, ditos “naturais”, podem ser entendidas como “anormais” porque contradizem as normas existentes (THEODORO, 2022; PICCOLO, 2012; LOURO, 2000).

Theodoro (2022) explana sobre a concepção social de deficiência e afirma que a deficiência pode ser encontrada na própria sociedade, ficando evidenciado diante do aumento do número de estudos sobre deficiência e pela criação de grupos representativos dessa parte da população. Desse modo, esta noção da deficiência social não priva as pessoas de sua condição biológica e física, mas delega à sociedade a responsabilidade de criar ambientes e práticas deficientes ao estabelecer muitas barreiras que impedem as pessoas de serem incluídas. A falta de orientações referente ao contexto da sexualidade para este público é um exemplo desse processo

de exclusão (GAVÉRIO, 2017b; PICCOLO, 2012; MAIA, 2020).

Observa-se que, nos mais diversos setores sociais, o modo como a deficiência visual foi caracterizada (ênfatisando os aspectos limitadores), eram similares à forma como tratavam-na, fato este que é muito presente na atualidade. Por exemplo, como discorre Theodoro (2022), o assistencialismo e a falta de representatividade ou representação social, são alguns expoentes e prováveis indicadores, bem como conceito de deficiência baseado no entendimento de que as pessoas com deficiência são incompetentes ou ineficientes. Isso revela o quanto a sociedade é mantida cativa por noções limitantes de deficiência e como isso afeta a relação com essas pessoas (FRANÇA, 2013; GAUDENZI; ORTEGA, 2016; MAIA, 2020).

Para Omote (1996), o modelo social da deficiência é resultado da representação da deficiência pela sociedade e não é algo que congênito ou adquirido durante a vida. Esse molde visa compreender um grupo social que sustenta e cria suas ideias sociais, estigmatizando as diferenças presentes em algumas pessoas. Em suma, não considerando o que provoca a discordância no indivíduo e sim o que faz com que esse seja visto de modo destoante dos demais, enfatizando a deficiência ou incapacidade (THEODORO, 2022; MAIA, 2020).

Desta forma, de acordo com Santos (2020), as pessoas com deficiência, em geral, não partilham dos mesmos espaços e experiências que a grande maioria das pessoas, podendo ficar às margens, sendo discriminadas e invisibilizadas por um sistema de opressão. Segundo Louro (2000), de modo geral, a sociedade pode classificar e conferir a essas pessoas uma espécie de titularidade que podem hierarquizar os sujeitos, dando-lhes maior ou menor importância. Estes aspectos podem variar conforme as mudanças sociais e valores e vão evoluindo nos diferentes grupos que compõe uma sociedade (LOURO, 2000; FREITAS, 2015; MAIA, 2020; SANTOS, 2020).

Para todas as pessoas, sem distinção, o desenvolvimento da sexualidade começa na infância, sendo algo mais abrangente, pois inclui aspectos ligados à cultura, ao meio social e ao contexto político, além de características e questões intrínsecas de cada sujeito (MAIA, 2020). Porém, o desenvolvimento da sexualidade em pessoas com alguma deficiência, aqui enfatizamos a deficiência visual, vêm sendo, ao longo da história, constantemente inibido por comportamentos normativos, sociais e culturais (COSTA, 2018; SANTOS, 2020).

Ainda, a sexualidade faz parte do desenvolvimento dos seres humanos,

necessitando ser abordada assim como outros aspectos da vida. O autor também afirma que, alguns mitos como os de que as pessoas com deficiência são assexuadas, frequentemente culminam em preconceitos sociais e crenças equivocadas sobre a sexualidade desses sujeitos (AMARAL 1998; RIBEIRO, 2011; FRANÇA, 2013b; MAIA, 2020).

Concordando com o relato supracitado, Bruno e Mota, (2001) reforçam que os mitos acerca da sexualidade que permeiam as pessoas com deficiência visual podem, entre outros prejuízos, limitar o estabelecimento de políticas de inclusão de forma plena. As autoras defendem que, dentre os mitos mais frequentes, estão supostas infantilizações com conotações de que são assexuadas ou imaturas e que são seres sem malícias, ou o contrário disso, atribuindo a este público comportamentos extremamente sexualizados, sem pudores, denominando-os de forma pejorativa e generalizando estas condutas (BRUNO E MOTA, 2001; FRANÇA, 2013b; COSTA, 2018).

Gagnon (2006) reforça a ideia de que o fato ocorrido no campo sexual é derivado da cultura de cada sujeito, devendo ser interpretados levando em consideração os aspectos locais delegando as intenções e sentimentos próprios de cada indivíduo. Colaborando com o autor supracitado, Maia (2020) sugere que a sexualidade está relacionada com as conjunturas eliciadas pela dinâmica de onde o sujeito está inserido, tendo fatores como, classe social, idade, questões étnicas, entre outras variáveis, indicando que estes aspectos são mais do que uma conduta individual.

Na mesma direção, Garrafa e Porto (2002) esclarecem que é importante abordar a temática da sexualidade de pessoas com cegueira, uma vez que é por meio da percepção das diferenças e das necessidades individuais é que iremos atingir a igualdade. Os autores relatam ainda, que o momento em que reconhecermos as individualidades da sociedade na sua pluralidade e diversidade é que incluiremos todas as singularidades humanas e, reforçam que, ao omitir que a pessoa com deficiência visual é dotada de sexualidade, negam-se também os cuidados básicos em saúde, omite-se também situações em que ocorre abuso e violações de direitos de acesso à conhecimentos acerca das orientações e educação sexual (GAGNON, 2006; GARRAFA E PORTO, 2002; THEODORO, 2022; MAIA, 2020).

A família, para Theodoro (2022) e Maia, (2020), direta ou indiretamente,

costuma ser o primeiro ponto de contato com o “mundo” para todas as pessoas, com deficiência ou não, seja por meio da cultura, da linguagem, comportamentos transferidos pelos pares ou por meio de exemplos, ou ainda, pela própria observação do meio pelo sujeito. Para a autora, com essas bases é que o sujeito com deficiência visual irá se desenvolver e, por meio dessas referências irá descobrir, por exemplo, o conceito de masculino e feminino, sobre higiene pessoal e cuidados corporais, entre outras aprendizagens, fornecendo subsídios para que tenham capacidade de fazerem suas próprias escolhas, sendo estas referências que afetarão a forma como estas irão se desenvolver social e sexualmente (THEODORO, 2022; MAIA, 2020)

Ainda nessa vertente, a identidade pode ser social e sexualmente influenciada quando se nasce com deficiência visual ou adquire esta deficiência ao longo da vida (THEODORO, 2022). Assim, a pessoa introjeta uma série de conceitos predeterminados em sua personalidade. Esses conceitos, geralmente são responsáveis pelo reconhecimento das incapacidades (MAIA, 2020). Consequentemente, suas identidades serão, ao longo de suas vidas, influenciadas social e sexualmente de forma distinta daquela vivenciada pelos pares sem deficiência (THEODORO, 2022; MAIA, 2020).

Apesar de todos os problemas enfrentados durante o desenvolvimento, estas pessoas irão se relacionar afetiva e sexualmente. No entanto, as relações com maior intimidade com pessoas que não possuem deficiência vão ficar mais restritas gerando uma imagem social de que essas pessoas só se relacionam com pessoas que, igualmente, possuem alguma deficiência. Devido à estruturação cultural da sociedade, questões relativas à sexualidade são temáticas de divergências em vários meios, começando pelo meio familiar, que é o primeiro em que o sujeito é inserido e, deveria ser, o primeiro ambiente onde os assuntos relacionados a esses tabus deveriam ser abordados (THEODORO, 2022; BEZERRA, 2010; BASTOS, 2012; MAIA, 2020).

Desta forma, é recomendado observar a importância do diálogo durante a adolescência das pessoas com deficiência visual, pois, é a fase em que emergem muitas dúvidas acerca das modificações corporais e mudanças como: pelos pubianos, órgãos genitais, mamas, pelos faciais e odores inerentes dos hormônios sexuais, entre outras mudanças comportamentais (THEODORO, 2022; LOURO, 2000; MAIA, 2020). Ainda, geralmente iniciam-se os conflitos acerca da sexualidade e compreensão acerca das expressões de gênero. A falta dessas informações

acarretará sérios problemas relacionados ao desenvolvimento social e sexual dessas pessoas (THEODORO, 2022; LOURO, 2000; MAIA, 2020).

Na mesma vertente, Madaras (2011) reforça que a falta de conhecimentos em torno da sexualidade é uma grande barreira para que as pessoas com deficiência visual possam entender e usufruir da sua sexualidade de maneira plena e responsável. Ainda segundo o autor, esse assunto é omitido e não discutido pela maioria das famílias. Essa negligência nos cuidados à saúde sexual, segundo Madaras (2011), tem origem no meio familiar, aonde a ignorância e o constrangimento apresentam-se como fatores principais. O autor ainda relata que grande parte dos pais não receberam estas orientações nos lares em que foram criados, não possuindo os conhecimentos necessários para orientar os filhos, ainda, há mitos de que se falar de sexualidade, poderá estimular os filhos a praticar sexo (COSTA, 2018; MADARAS, 2011).

Negligências como as supracitadas, podem, entre outros prejuízos, causar sérios danos à construção das identidades, pois, a falta da visão, somada à falta de orientações e um meio onde estas pessoas com deficiência visual possam ter o máximo de estímulos para desenvolver critérios acerca da sua sexualidade e autopercepção, poderão acarretar sérios danos ao desenvolvimento. Conforme destacam Theodoro (2022) e Louro (2000), a família e as diversas interações do entorno são responsáveis pela formação das diversas identidades sociais e sexuais do sujeito. Ainda nessa direção, Wanderley (2012) relata que os índices de violência, de gravidez indesejada e infecções sexualmente transmissíveis em pessoas com deficiência visual são elevados em todos os países, sendo comparáveis ou superiores ao índice geral. Desse modo, a falta de orientações aos cuidados relacionados à saúde sexual para estes, influenciam de maneira negativa a vivência de uma sexualidade íntegra e saudável (WANDERLEY, 2012).

A compreensão acerca do desenvolvimento das pessoas e da sexualidade, para Maia e Ribeiro (2010), são diretamente ligadas a aspectos culturais das práticas da sexualidade. Para os autores, esta relação permite entender como se estabelecem conceitos diversos e basilares para o comportamento social, dentre os quais pode-se citar a compreensão sobre gênero, perfis de comportamento e noções sobre heteronormatividades, por exemplo. Desse modo, as formas de existência e de constituição do sujeito serão atravessadas pelo contexto social, onde este, não está por completo, sempre

havendo possibilidades de mudança (MAIA e RIBEIRO, 2010; THEODORO, 2022; RIBEIRO e ANTUNES-ROCHA, 2020).

Neste sentido, para Cortes et al. (2015), não há como falar de sexualidade sem abordar as questões de gênero. Segundo Lopes (2000) assuntos relacionados a gênero nas Ciências Humanas, em geral, tem se tornado muito comuns. A autora relata também que, na área educacional, assuntos sobre as relações sociais de gênero são debates frequentes. Nessa perspectiva, entende-se por gênero as relações sociais de homens e mulheres que adotam padrões de viver, delimitando seu corpo e campo de atuação (CORTES et al, 2015). Scott (1995), afirma que a compreensão corporal está diretamente ligada à construção social. Neste sentido, na visão da autora, sexo e gênero são concebidos de formas diferentes por cada indivíduo histórico e socialmente. Ainda, segundo a autora, gênero está ligado às relações de poder, enfatizando que as relações de gênero, significam relações de poder (SCOTT, 1995).

Neste contexto, Guedes e Fonseca (2011) avaliam que, considerando os estigmas relacionados à sexualidade das pessoas com deficiência visual, pode-se inferir que elas sofrem com os relacionados à deficiência e os fatores ligados às questões de gênero. Neste sentido, os debates com a temática sobre gênero aludem às relações de poder e hegemonia de gênero, onde podem colocar essas pessoas em uma posição de desigualdade nas relações sociais, como identidades subalternas (SCOTT, 1995; LOURO, 1999). Desta forma, Ribeiro e Antunes-Rocha (2020) entendem que a identidade possui atravessamentos que, por sua vez, gera e propaga sentidos em meio as diversas relações de poder, ou seja, a identidade não é construída do vazio e sim, das relações

Desta forma, compreende-se que as identidades são peculiares e dinâmicas, sendo necessário refletir sobre as várias possibilidades de como estes sujeitos gays podem se apresentar. Entendemos que as RS podem ser determinantes para a construção identitária, sendo a base para que os grupos afirmem suas ideias, dando-lhes uma característica peculiar dos demais. Ainda, as Rs podem ser produtos identitários, visto que, os grupos possuem RS de si próprios e da sua hierarquia para com os demais (RIBEIRO e ANTUNES-ROCHA, 2020).

Martins, (2019), colabora com o entendimento supracitado ao relatar que, as RS podem auxiliar no processo de construção identitária, pois, segundo ele, o conceito de identidade social contempla a noção de representação, abarcando

contextos cognitivos, do campo afetivo e do social. Assim, as identidades são compostas de experiências individuais sobre os próprios sujeitos e acerca dos grupos que ele se reconhece, se identificando e diferenciando-se durante a interação (Martins, 2019).

Nessa direção, no que se refere à construção da identidade de homens cisgêneros e heterossexuais, o modelo hegemônico de masculinidade é construído e mantido no sentido de desqualificar as demais masculinidades, ocupando um lugar de destaque de onde aponta e inferioriza as outras, havendo segundo Ribeiro (2022) uma espécie de “heteroterrorismo”. Desta forma, esta RS é uma contraposição ao masculino, como uma espécie de aviltamento ao viril, por se afastar do modelo empregado pelo machismo estrutural (RIBEIRO, 2022).

Assim, as masculinidades subalternizadas pelo machismo estrutural, como os homens gays, transgêneros e aqueles com deficiência visual por exemplo, não são na sua essência inferiores à normatividade, porém condicionadas a permanecer nesse lugar através dos discursos sociais somente pelo fato de existirem e de levantar questões que coloquem em xeque os padrões cis heteronormativos (RIBEIRO, 2022). Neste sentido, enfatizar os estereótipos dos gays, é uma forma de relacionar a identidade desses sujeitos à um modelo feminino e afastá-los do modelo de homem ideal, é como se fosse um “projeto de homem” que de alguma maneira não deu muito certo, subalternizando-os.

Neste sentido, os homens gays, em sua maioria, são relacionados a “[...] algo ligado ao feminino, sendo esse feminino algo que “deprecia” as masculinidades gays, favorecendo, deste modo, a superioridade social da masculinidade hegemônica” (OLIVEIRA, 2017, pag. 9). Neste sentido, algumas piadas machistas para oprimir outro homem são identificá-los como gays ou aproximá-los da figura feminina como por exemplo: “mulherzinha”, “marica”, “afeminado” entre outras.

Conforme Bezerra e Rocha (2020), os homens gays que, em geral aparecem nas mídias possuem um padrão, geralmente brancos, musculosos, cabelos lisos e sedosos, muitas vezes loiros e de olhos claros, corpos sem deficiência e viril, perfil que reflete o modelo hegemônico de masculinidade e que se afastam de certa forma do feminino, padrão reconhecido nos movimentos gays como “barbye”, por parecer o boneco “Ken” (RIBEIRO, 2022). Bezerra e Rocha (2020), reforçam que nem toda pessoa do gênero masculino se enquadra no ponto de vista hegemônico de masculinidade, nem possui o corpo que este modelo parece impor ou não se veem

tendo as atitudes que esses modelos recomendam. Os autores ainda alertam:

Propagar indiscriminadamente essa ideia pode ser danoso para algumas pessoas que recebem esse material e tentam alcançar um padrão, por vezes, inatingível. Ao consumir o que a mídia propaga como regras que devem ser seguidas, é sempre interessante estar alerta e analisar criticamente o conteúdo recebido (BEZERRA, ROCHA 2020 p. 229).

Sabemos que diferente do que é exposto nas mídias, na realidade, existem homens gays com estas características, mas não somente elas, há uma infinidade de outras singularidades que compõe as identidades desta população, que não são representados por estas personagens exibidas para o grande público.

Neste viés, a seguir abordaremos alguns aspectos acerca do público LGBTQIAP+ e como são representados em alguns estudos, buscando evidenciar que este público, assim como as pessoas com deficiência visual, inclusive os homens gays com deficiência visual, podem estar à margem, constituindo uma tensão pelo fato de estarem em desacordo com alguns “padrões” (LOURO, 2000).

5. AS PESSOAS LGBTQIAP+ NA SOCIEDADE

As diferentes formas de se viver a sexualidade podem causar tensões acerca do que a sociedade espera de determinados sujeitos. Neste sentido, Louro (2000) e Gesser, Bock e Lopes (2020) relatam que as pessoas com deficiência visual podem estar alocadas à margem da sociedade, somente pelo fato de possuírem uma deficiência. Esta marginalização se acentua se esta pessoa for atravessada por alguns fatores que possam deturpar as normas socialmente impostas, como, por exemplo, a heteronormatividade (MADARAS, 2011; LOURO, 2000).

Nesse sentido, Silva, Finkle e Moretti-Pires (2019) realizaram uma investigação com 15 trabalhadores e trabalhadoras de duas Unidades Básicas de Saúde na cidade de Florianópolis/Santa Catarina, com a finalidade de identificar as RS desses trabalhadores da atenção primária à saúde sobre pessoas LGBTs. No estudo foram evidenciados fortes valores morais relacionados ao contexto da religiosidade. Assim, as pessoas que participaram do estudo apresentaram concepções que, em sua maioria, se basearam em fundamentos morais, no sentido de que as pessoas LGBT estariam fazendo escolhas erradas que, segundo os autores, são representações sociais ancoradas em contextos religiosos e heterônomas.

Ainda segundo os autores do estudo, as RS dos trabalhadores e trabalhadoras da saúde foram rodeadas em planos distintos de conceitos balizados pelo machismo, pela heteronormatividade, pela visão binária de gênero, pela cisnormatividade e a LGBTfobia (SILVA, FINKLE e MORETTI-PIRES,2019). Além disso, os trabalhadores e trabalhadoras, participantes do estudo, desqualificaram as pessoas LGBTs, relacionando este público a condutas promíscuas e com risco elevado de Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST's), entre outros estereótipos (SILVA, FINKLE e MORETTI-PIRES,2019). Esses profissionais associam as identidades LGBT's a condutas erradas e pecaminosas, supostamente tias como biologicamente determinadas ou antinaturais ou que são um tipo de escolha de cunho pessoal. Estas RS, para os autores, dificultam e impõem barreiras ao público LGBT que buscam os atendimentos em saúde (SILVA, FINKLE e MORETTI-PIRES,2019).

No estudo de Rodrigues e Carvalho (2015), os autores analisaram 70 comerciais desde os anos 1970, buscando identificar como as pessoas LGBTQIAP+ foram representadas nessas peças publicitárias, que são meios de comunicação em massa. Os autores encontraram algumas estratégias estereotipadas das propagandas que reforçam um padrão que rege a sociedade: o heteronormativo (RODRIGUES & CARVALHO, 2015). Dentre os comerciais analisados, apenas 34,2% tinham uma proposta de inclusão do público LGBTQIAP+, enquanto os outros 65,7% enfatizaram os estereótipos deste público. Segundo os autores, estas propagandas podem delimitar espaços de tensionamento ao reafirmar as diferenças comportamentais do público LGBTQIAP+ com uma norma heteronormativa (RODRIGUES & CARVALHO, 2015).

Sobre condutas preconceituosas, Vitalli *et al.* (2019) analisaram as representações sociais (RS) sobre transexualidade sobre comentários de internautas, em comentários em redes sociais como Facebook e Instagram. As análises demonstraram que há muita falta de informação sobre as pessoas LGBTQIAP+ para este público, além de condutas transfóbicas por parte dos internautas. O trabalho deixa evidente a falta de políticas públicas para as pessoas trans, deixando-as mais à margem da sociedade e reforçam a necessidade de os meios de comunicação abordarem estas pautas para promover a conscientização. O estudo também evidenciou estereótipos como “sem-vergonhice”, “doença” e “transtorno” como núcleo central das representações sociais nos comentários destes internautas (VITALLI *et al.*, 2019).

Cabral (2017), em um estudo sobre RS da diversidade sexual e de gênero na ditadura militar, faz um apanhado e uma profunda análise no Arquivo Nacional em busca de documentos que registrem informações acerca da diversidade sexual e gênero. A autora relata que, nos arquivos analisados, há indícios de ódio e silenciamento das pessoas que se opunham ao Regime Militar instalado, no Brasil, neste período. A autora também expõe que a investigação foi importante por analisar o papel dos acervos públicos para esclarecer e historicizar o quanto este público vêm sofrendo com o preconceito e a discriminação ao longo dos tempos, e enfatiza os movimentos de resistência dos gays e demais pessoas que foram oprimidas por serem ou pensarem diferente do que era posto. Vale ressaltar que muitos destes movimentos, originados neste período ditatorial, foram duramente atacados pelos militares da época (CABRAL, 2017).

Como explicitado acima, as pessoas LGBTQIAP+ vêm lutando por um espaço na sociedade há muito tempo, mesmo sendo alvos de preconceitos e violências de todas as formas, bem como a falta de políticas públicas relacionadas a diversas áreas e propagações de estereótipos que colaboram somente para multiplicar os aspectos que inferiorizam ainda mais esta população (CABRAL, 2017). Neste sentido, as diferentes formas de se viver a sexualidade podem causar tensões acerca do que a sociedade espera de determinados sujeitos e as pessoas com deficiência visual que porventura fizerem parte da comunidade LGBTQIAP+, podem estar em situação mais criteriosa se levarmos em consideração os atravessamentos do desenvolvimento desses sujeitos, alocadas à margem da sociedade somente pelo fato de possuir uma deficiência. Esta marginalização se acentua se houver fatores que possa deturpar as normas socialmente impostas (MADARAS, 2011; VITALLI *et al*, 2019; RODRIGUES e CARVALHO 2015; LOURO, 2000; GESSER, BOCK e LOPES, 2020).

Diante dos atravessamentos supracitados, tanto pelas pessoas com deficiência visual, quanto pelas pessoas LGBTQIAP+, verifica-se que o público com deficiência pode estar sofrendo uma dupla discriminação. Neste viés, torna-se relevante a compreensão acerca de quais as RS dos Homens Gays sobre os Homens Gays com Deficiência Visual? Para tanto, a seguir estão os objetivos.

6. OBJETIVOS

6.1. Objetivo Geral

Identificar e analisar as Representações Sociais de Homens Gays sobre Homens Gays com deficiência visual.

6.2. Objetivos Específicos

- a)** Identificar como os homens com deficiência visual Gays são representados por Homens Gays sem deficiência;
- b)** Conhecer os elementos estruturais das Representações Sociais de homens gays sobre outros homens gays com deficiência visual, em relação ao exercício da sexualidade;
- c)** Identificar os dados relevantes e estruturais (núcleos centrais e sistemas periféricos) das representações sociais dos homens gays sobre os homens gays com deficiência visual;
- d)** Explicitar como os elementos centrais das representações sociais de homens gays com deficiência visual são organizados pelos homens gays.

7. MÉTODO

Trata-se de um estudo descritivo exploratório de caráter qualitativo, que nos possibilita a compreensão de como se constrói o pensamento social de um grupo. Conforme Temer e Cardano (2017), os estudos qualitativos possuem algumas peculiaridades essenciais que os identificam. Para as autoras, a pesquisa possui uma perspectiva integrada, desta forma um fenômeno pode ser mais bem entendido no contexto em que ele se manifesta. Buscando identificar o fenômeno vai-se a campo buscando compreender sujeitos nos seus locais de origem, devendo ser apontados na pesquisa todas as observações relevantes para o trabalho (GODOY, 1995).

Foi utilizado um formulário virtual, contendo 15 questões fechadas, seguidas da Técnica de Associação Livre de Palavras (TALP) (Apêndice A). Ressaltamos que, por se tratar de um formulário online, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi disponibilizado na primeira parte do instrumento. Assim, os participantes foram comunicados, antes do acesso às perguntas, acerca dos objetivos da pesquisa, sendo solicitada a concordância com a participação da pesquisa. Os participantes também puderam fazer download do TCLE, assinado pelos

pesquisadores (Apêndice B).

Para manter o sigilo dos participantes, não foram utilizados nomes nos formulários preenchidos *on-line*. Além disso, a divulgação foi efetuada por links individuais, garantindo o anonimato dos participantes desde a divulgação do instrumento. Também foi assegurado aos participantes o direito de não responderem a quaisquer uma das perguntas do instrumento.

Os participantes, após terem aceitado o TCLE, responderam a um formulário virtual estruturado em dois eixos. O primeiro foi composto por questões que permitiram traçar um perfil sociodemográfico e caracterizá-los enquanto pertença grupal, enquanto segundo eixo foi construído utilizando a Técnica de Associação Livre de Palavras (TALP), a partir de termos indutores específicos.

Oliveira et al, (2005) explanam que, nas Representações Sociais, utiliza-se, entre outras, a TALP no sentido de solicitar ao participante que, a partir de um ou mais termos indutores, produza respostas imediatas ou pedir que relate um número de palavras. Nesta dinâmica acontece uma hierarquização dos termos originados do termo com maior importância para o termo de menor importância.

7.1. Etapas da Coleta

Após a assinatura do termo de consentimento, o participante foi direcionado para as etapas seguintes:

Etapa 1 - Questionário Sociodemográfico:

- (Apêndice A);

Etapa 2

- Preenchimento da TALP.

Nesta etapa, o participante é convidado a escrever as primeiras cinco palavras que lhe vêm à mente após a leitura dos termos indutores. Anotando em um campo indicado no formulário, as primeiras CINCO palavras ou expressões que surgirem à cabeça. Logo após, o participante então, organiza as palavras por ordem de importância.

Foram utilizados os seguintes termos indutores:

- Homem Gay;

- Deficiência Visual;
- Homem Gay com deficiência visual;

Após esta etapa, os participantes foram direcionados para um exercício similar ao anterior, utilizando os mesmos termos indutores. Entretanto, agora respondendo considerando o que OUTROS HOMENS GAYS responderiam, almejando identificar a Zona Muda das RS.

Foram utilizados os mesmos termos indutores da etapa anterior, a saber:

- Homem Gay;
- Deficiência Visual;
- Homem Gay com deficiência visual;

Com a finalidade de alcançar o público de Homens Gays, a pesquisa foi divulgada em eventos voltados para o público LGBTQIAP+, redes sociais e por meio de aplicativos de mensagens contendo uma breve descrição, durante o ano de 2022. O acesso foi por meio de um link sendo direcionados para o formulário online.

7.2. Local do Estudo

O estudo foi desenvolvido em plataforma *on-line* (Google Forms), abrangendo o estado do Mato Grosso do Sul.

7.3. População Alvo do Estudo

A pesquisa foi realizada com Homens Gays, sendo Cis ou Transgêneros, maiores de 18 anos de idade, moradores do estado do Mato Grosso do Sul. Optou-se por investigar as RS de Homens Gays do estado do Mato Grosso do Sul sobre Homens Gays com deficiência visual para buscar compreender como se constitui no imaginário deste público a figura dos gays com as peculiaridades de uma deficiência, também compreender aspectos relacionados à nossa região. Neste sentido, estudos de Duque, (2017), desenvolvido na fronteira de Mato Grosso do Sul e a Bolívia, na Cidade de Corumbá, o pesquisador identificou alguns marcadores quando se refere às relações de gênero, principalmente as que ele denomina de dissidentes e

disparatadas, na pesquisa, foi evidenciado um regime de visibilidade que segundo o autor pode definir e demarcar as diferenças.

7.4. Critérios de Inclusão e Exclusão

Foram estabelecidos os seguintes critérios para a participação nesta pesquisa: a) ser homem gay Cis ou Transgênero, b) residir no estado do Mato Grosso do Sul e c) ser maior de 18 anos de idade. Igualmente, serão estabelecidos os seguintes critérios para a exclusão de participantes desta pesquisa: a) ser mulher Cis ou Trans, b) homens que residem em outros estados brasileiros e c) ser menor de 18 anos de idade.

7.5. Análise dos Dados

Tendo como base a coleta efetuada pelo formulário on-line e por meio do Teste de Associação Livre de Palavras (TALP), foi montado o banco de dados com as evocações apresentadas para dar início às análises dos dados. Para tanto, conforme esclarecimentos de Wachelke e Wolter (2011), anterior a este procedimento, as evocações foram organizadas, ou seja, lematizadas. Esta técnica, consiste em uma padronização lexical onde se promove um agrupamento dos termos conforme a classe gramatical. Dessa forma, o que é singular e plural, feminino e masculino, entre outras similaridades, que são relacionadas a uma mesma palavra são reunidos em uma só categoria (WACHELKE; WOLTER, 2011).

Os dados obtidos foram inseridos no software Iramuteq, para a hierarquização e identificação do núcleo central e o sistema periféricos presentes. A Teoria do Núcleo Central, desenvolvida por Jean-Claud Abric, direcionou a discussão dos dados deste estudo. Nela, os elementos são estruturados em um sistema sociocognitivo surgindo características específicas organizadas em um núcleo central e elementos periféricos e juntos, dão significado à representação (SÁ, 1996;2019). Ainda, na presente pesquisa, analisamos a e zona muda para se chegar ao não dito para evidenciar as representações sociais de homens gays sobre homens gays com deficiência visual, almejando colaborar para os estudos da zona muda das representações sociais utilizando a técnica de substituição.

Também, realizamos uma análise de similitude, visando a confirmação dos

dados obtidos pelas tabelas prototípicas e entender melhor a formação e relação entre os termos que emergiram como centralidade nas evocações (Salviati, 2017). Na análise de similitude, é verificada as co-ocorrências entre os termos, facilitando a compreensão de como se dá a estrutura de uma representação. É apresentado um grafo, ou “árvore máxima”, que mostra as inter-relações entre os termos emergidos, promovendo maior facilidade no reconhecimento dos termos relevantes para a pesquisa (SALVIATI (2017).

7.6. Aspectos Éticos

Conforme preconizado pela Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, esta pesquisa foi analisada pelo - Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (CEP/UFMS), sendo autorizada pelo parecer número 5.186.423 de 23 de dezembro de 2021.

8. RESULTADOS E DISCUSSÃO

8.1. Perfil Dos Participantes

Após o encerramento da pesquisa, obteve-se o quantitativo de 105 formulários preenchidos on-line. Desses, 84,8% dos participantes se identificaram com o gênero masculino, 7,6% como pessoa não binária, 6,7% como gênero feminino e 1% como gênero fluído Queer. Desse modo, foi um critério de inclusão para as análises, que os respondentes fossem homens e gays, nesse viés, foram excluídos aqueles que declararam serem heterossexuais. Então, foram considerados apenas os formulários onde há declarações de se enquadrarem no gênero masculino, sendo cisgênero ou transgênero e que sejam homossexuais, pansexuais ou bissexuais. Ainda, 9,5% dos participantes declararam não residirem no estado do Mato Grosso do Sul, que também não estão eletivos para participarem, conforme os critérios de inclusão/exclusão delimitados nesta pesquisa.

Na tabela 2, encontra-se o perfil dos participantes da pesquisa:

Tabela 2 - Características socioeconômicas e demográficas dos homens gays pesquisados (n=86).
Continua.

Variável	n (%)
Gênero	
Gay- Queer	1
Masculino	78
Não Binário	7
Orientação afetivo-sexual	
Bissexual	9
Homossexual	73
Pansexual	4
Identidade de gênero	
Cisgênero	80
Transgênero	6
Raça/cor	
Amarela	7
Branca	42
Indígena	1
Parda	21
Preta	15
Estado Civil	
Amasiado	1
Casado	9
Namorando	3
Relacionamento aberto	1
Relacionamento estável	1
Solteiro	70
Vivo junto	1
Escolaridade	
Ensino Médio Completo	4

Tabela 2 - Características socioeconômicas e demográficas dos homens gays pesquisados (n=86).
Continua.

Variável	n (%)
Ensino Superior completo	19
Ensino Superior em andamento ou incompleto	39
Pós-Graduação	24
Cidade onde reside	
Água Clara	2
Aquidauana	2
Bandeirantes	1
Bela Vista	2
Bonito	2
Camapuã	1
Campo Grande	66
Corumbá	4
Dourados	1
Fátima do Sul	1
Ladário	1
Nova Andradina	1
Ribas do Rio Pardo	1
Terenos	1
Ocupação	
Apenas estudo	16
Apenas trabalho	26
Sem ocupação ou desempregado	1
Trabalho e estudo	43
Renda mensal	
De 1 a 2 Salários-mínimos	34
de 2 a 4 salários-mínimos	26
De 4 Salários-mínimos acima	25
Sem renda	1
Religião	
Agnóstico	18
Ateu	18
Budista	1
Católico	17

Tabela 2 - Características socioeconômicas e demográficas dos homens gays pesquisados (n=86).
Concluído.

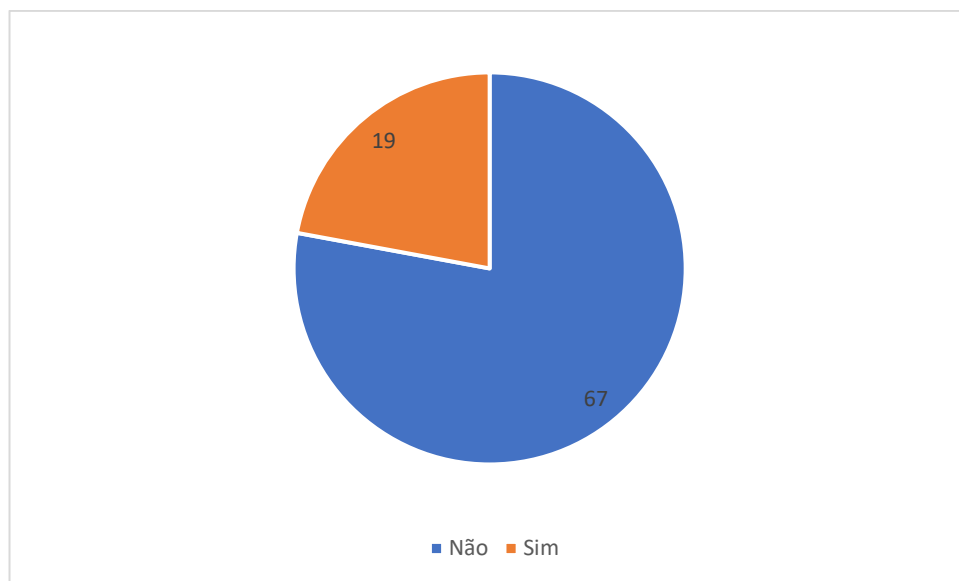
Variável	n (%)
Espírita	3
Evangélico	7
Outra	15
Umbandista	7

Fonte: produzido pela autora, com dados obtidos da pesquisa *online* do *Google Forms*.

Conforme podemos observar na Tabela 2, os homens gays participantes dessa pesquisa, são em sua maioria autodeclarados do sexo masculino, homossexuais e cisgêneros. Ainda, 42 dos participantes se autodeclararam de cor branca e uma amostra expressiva é composta de homens solteiros, sendo boa parcela de pessoas com ensino superior em andamento ou incompleto, evidenciando para nós, a possibilidade de se referir aos respondentes universitários, que foram as pessoas que mais colaboraram para esta pesquisa. Os dados também evidenciam que uma parcela expressiva dos pesquisados residem na capital sul-mato-grossense, Campo Grande, e grande parte dos participantes trabalham e estudam e, possuem remuneração de 1 a 2 salários-mínimos e são, em maioria, agnósticos ou ateus.

Neste mesmo formulário, foi perguntado aos participantes se eles já tinham se relacionado sexualmente com alguma pessoa com deficiência? 67 dos pesquisados nunca se relacionou sexualmente com pessoas com deficiência e 19 declararam que já haviam se relacionado.

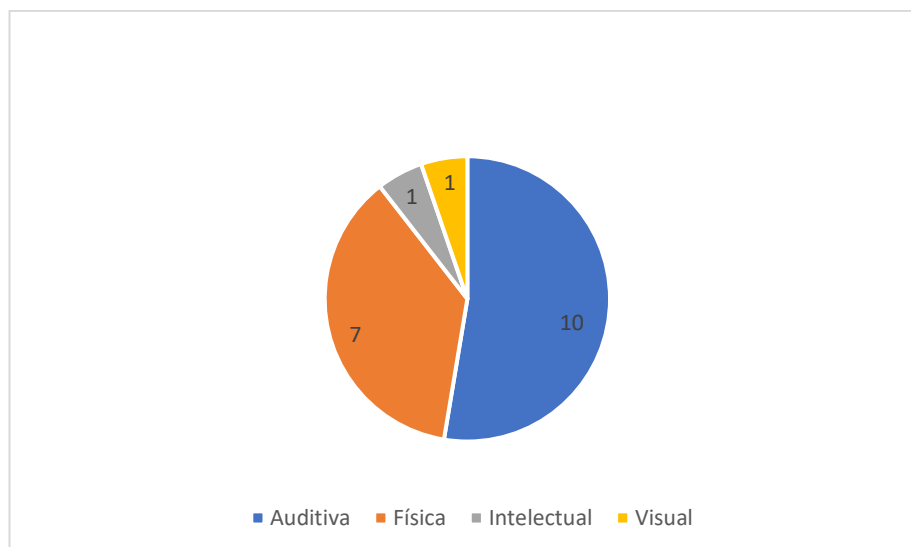
Figura 1 – Demonstrativo gráfico formato pizza sobre o questionamento se os pesquisados já se relacionaram com alguém com deficiência.



Fonte: Extraído da Pesquisa on-line, Google Forms.

Para os participantes que declararam já ter se relacionado sexualmente, foi perguntado com qual deficiência havia sido e 10 declararam que já se relacionaram com pessoas com alguma deficiência auditiva, sete declararam já ter se relacionado com pessoas com algum tipo de deficiência física, apenas um declarou já ter se relacionado com pessoas com deficiência visual e apenas um já se relacionou com pessoas com deficiência intelectual. Percebe-se nos dados obtidos que foram poucos os pesquisados que já se relacionaram sexualmente com pessoas com alguma deficiência visual, a maior parte já se relacionou com pessoas com deficiência auditiva e outra parte, com as pessoas com deficiência física.

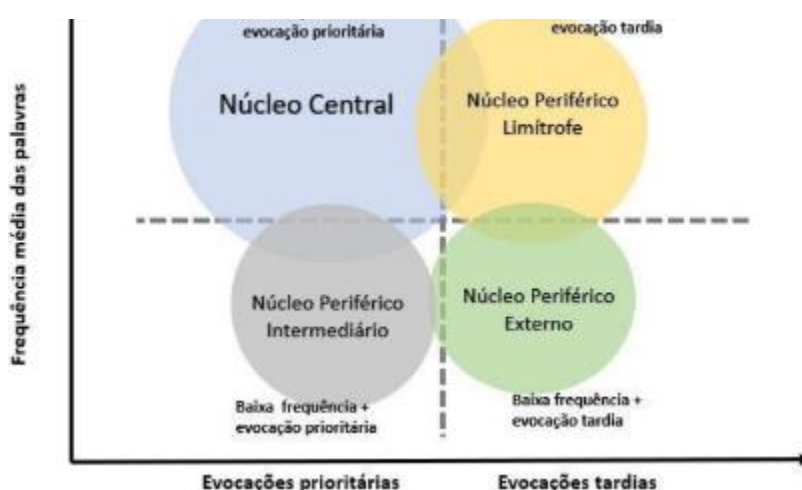
Figura 2- Demonstrativo gráfico formato pizza sobre qual o tipo de deficiência os pesquisados já se relacionaram.



Fonte: Extraído da Pesquisa on-line, Google Forms.

Nas seções seguintes, iremos apresentar os resultados referentes às análises dos quadrantes extraídos do *Software Iramuteq*. Nesses quadrantes estão dispostos os termos evocados pelos participantes da pesquisa, conforme a frequência (*f*) e Ordem Média de Evocação (*OME*), conforme a ilustração a seguir.

Figura 3– Diagrama representação do quadrante de 4 casas.



Fonte: Extraído do artigo de Mota e Aguiar, (2020).

Conforme apresentado na Figura 3, os termos evocados com maior frequência, ou seja, os potenciais núcleos centrais, irão surgir no primeiro quadro, posicionado à esquerda de quem está realizando a leitura. Na primeira periferia, que está localizada

no quadrante superior direito de quem está lendo, aparecerão os termos com alta frequência e alta ordem média de evocação, que por ultrapassarem a média sugerida para a pesquisa, não foram eletivas como núcleo central, porém, os termos contidos neste quadrante, devem ser considerados e analisados pois, há uma probabilidade muito grande de que se tornem núcleo central a depender do contexto em que a pesquisa é realizada (WACHELKE, WOLTER, 2011).

No quadrante inferior esquerdo, também conhecido como segunda periferia, estão os termos que possuem baixa frequência e baixa ordem média de evocação e, portanto, são menos consideradas para as análises, afinal, o propósito aqui é identificar os termos com maior saliência. Já na terceira e última periferia, localizada no quadrante inferior direito, emergem os termos que podem dar sustentação ao núcleo central, as palavras aparecem neste quadrante e, em geral, podem contrastar com o núcleo central do primeiro quadrante (WACHELKE, WOLTER, 2011).

Ainda, utilizaremos a árvore máxima para exemplificar como são dispostos os termos pertencentes ao núcleo central e os pertencentes às periferias e a conexão entre eles. Esta forma de análise de similitude, conforme Salviati (2017) é uma outra maneira de entender os termos evocados presentes na tabela, tomando como base o coeficiente de semelhança, que possibilita identificar o grau de conexão dos vários elementos estruturais da representação que foram identificados durante a análise prototípica, expressando de forma visual as relações preponderantes de similaridade dos elementos.

Tabela 3 - Frequência e ordem média da evocação (ome) para o termo indutor “homem gay”. Continua.

OME < 2,94			OME > 2,94			
	Evocações	f	OME	Evocações	f	OME
FREQUÊNCIA	≥ 3,88					
	Liberdade	13	2,3	Sexo	26	3,1
	Coragem	7	2,7	Preconceito	12	3,2
	Medo	5	1,8	Padrão	11	3,6
	Família	5	2,6	Beleza	10	3,2
	Diversidade	5	2,8	Desejo	8	3,5
	Satisfação	5	2,6	Homem	6	3,5
	Prazer	4	2,2	Bicha	4	4
	Corpo	4	2,2	Relacionamento	4	3,5
	Alegria	4	2,8	Vaidade	4	2
CONTINUA	Amor	4	2,2	Dificuldade	4	4,42
	Bandeira	4	2,2	Luta	4	3
	Sexualidade	2	2			
A	Homossexual	4	2,2			

Tabela 3 - Frequência e ordem média da evocação (ome) para o termo indutor “homem gay”. Concluído.

	OME < 2,94			OME > 2,94		
	Evocações	f	OME	Evocações	f	OME
< 3,88	Inteligente	3	2	Afeminado	3	3
	Respeito	3	1	Diversão	3	3,7
	Humano	3	2	Homofobia	3	4,3
	Músculos	3	2,3	Bonito	3	4,3
	Gay	3	2,7	Veado	3	3,3
	Pegação	2	2	Homossexualidade	3	3
	Resistência	2	2	Arco-íris	2	3,5
	Superficialidade	2	1,5	Promiscuidade	2	4,5
	Força	2	2	Passivo	2	3
	Amizade	2	1	Real	2	4
	Aceitação	2	1	Bomba	2	3
	Opressão	2	2,5	Status	2	5
	Tesão	2	2	Fetice	2	4
	Atração	2	2,5	Violência	2	4
	Egoísmo	2	1,5	Gente	2	3
	Livre	2	2	Belo	2	5
				Sensualidade	2	3
				Beijo	2	4
				Pessoa	2	5
				Pablo Vittar	2	3
				Discriminação	2	3,5
				Esforçado	2	3,5
				Virilidade	2	3

Fonte: Elaboração nossa, a partir dos dados processados pelo *software* Iramuteq. Nota: número total de palavras = 415; número de palavras diferentes = 225 Hapax= 325.

Na tabela 3, encontram-se as evocações emergidas para o termo indutor “Homem Gay” que refletem alguns aspectos das vivências do público gay como no primeiro quadrante, onde pode ser considerado o núcleo central do termo indutor “Homem Gay”, surgindo as palavras: Liberdade, Coragem, Medo, Família, Diversidade, Satisfação, Prazer, Corpo, Alegria, Amor, Bandeira, Sexualidade e Homossexual.

Conforme Abric, (1998), as RS são um apanhado de informativos, crenças, de inferências e de ações acerca de um determinado objeto. Desse modo, as RS apresentadas nessa tabela relacionam-se aos aspectos que identificam este grupo. Pode-se observar esse fenômeno quando surge a palavra “liberdade” após a apresentação do termo indutor “Homem Gay”. Para as pessoas LGBTQIAP+ esta palavra possui significado expressivo uma vez que essa temática está em pauta desde muito tempo. Neste sentido, no contexto da pesquisa, a palavra “liberdade” pode ser sinônimo de emancipação, visto que grande parte da população LGBTQIAP+ pode não possuir liberdade de expressão sexual e de gênero em virtude dos padrões

heterossexistas presentes na sociedade que por anos negou os direitos humanos para esse público (SOUZA, 2020).

Em seguida, surgem também como centralidade nas RS as palavras “coragem” e “medo”. Com sentidos totalmente opostos essas palavras também fazem parte do cotidiano das pessoas LGBTQIAP+, pois para Rozario (2020), esta população há tempos enfrenta muitas formas de exclusão social, reforça que já no século XVIII, enfrentando preconceitos e violências, surgiram grupos de pessoas que, diretamente encorajados pelos movimentos das comunidades LGBTQIAP+, principalmente na Europa, onde emergiam personalidades e organizações, começam a discutir a temática da sexualidade desse público no Brasil.

Estes eventos foram divididos em três momentos (ROZARIO, 2020). O primeiro refere-se ao manifesto pela liberdade de expressão da orientação sexual no Brasil, que iniciou no século XVIII, ficando mais saliente no século XIX e finalizado no século XX (ROZARIO, 2020). Em um segundo momento, os movimentos articulados pelos homófilos brasileiros (como eram chamadas as pessoas LGBT’s neste período) é iniciado depois da II Guerra Mundial e se encerra no evento que ocorreu em *Stonewall Riots* nos EUA. O terceiro movimento refere-se a eventos ocorridos a partir do ano de 1969 até os tempos atuais (ROZARIO, 2020). Ainda, Souza, (2020), reforça que as marcas deixadas pela LGBTfobia deixam feridas, traumas, vergonha social, fobias e pânico, sendo quase inevitável que uma pessoa LGBTQIAP+ seja privada de sofrer com algum tipo de humilhação durante o seu desenvolvimento.

Também emergem como centralidade, embora com menor frequência as palavras: família, diversidade, satisfação, corpo, alegria, amor, bandeira, sexualidade e homossexual. Destacamos aqui as evocações “família”, “corpo” e “alegria”, pois cabe analisar o contexto e a relevância desses termos para os homens gays e como influenciam o cotidiano desse público.

A família, para Ferreira, (2021) e Theodoro, (2022), é o primeiro meio em que somos inseridos e desse modo, as pessoas mais velhas (por exemplo, pais ou responsáveis) são incumbidos de cuidar dos mais jovens e transferir os valores, linguagens, comportamentos e tradições que por muitas vezes são geracionais, ensinando-lhes conceitos e normatizações do que é correto ou não. Dessa forma, o entendimento por família foi se modificando conforme os tempos, de modo que, ao longo do século XX houve mudanças significativas nos ditos “modelos nucleares” de família, surgindo nos trabalhos acadêmicos uma diversidade de grupos étnicos e

famílias homoafetivas. No entanto, ainda são predominantes os “modelos tradicionais” de família, ou seja, o modelo binário e heterossexual. As expectativas dos pais, gira em torno da crença de que seus filhos ou filhas irão, quando adultos, se relacionar e se casar com pessoas do sexo oposto garantindo assim a geração de descendentes (FERREIRA, 2021).

Quando esta regra é quebrada, ou seja, quando os filhos não correspondem às expectativas dos familiares no quesito da sexualidade ou papéis de gênero, torna-se um transtorno para a maioria das famílias (FERREIRA, 2021). Há um temor constante por parte das pessoas LGBTQIAP+ em relatar suas angústias aos pais, pois temem por serem rejeitados e isolados da família e da sociedade além de serem considerado uma ofensa à família tradicional. Ainda, um estudo realizado com adolescentes LGBTQIAP+, houve relatos de que ao procurar seus familiares para conversar sobre sexualidade homoafetiva ou transgeneridade, eles tiveram experiências de repressões, violências e expulsões do meio familiar (BRAGA, 2018 *apud* FERREIRA, 2021).

Dessa forma, a família tem grande importância para os Homens Gays, pois para este público, o apoio e acolhimento é fundamental para enfrentar o preconceito e demais adversidades relacionadas à sua sexualidade. Por este motivo surgiu como núcleo central neste estudo, evidenciando também, uma realidade para muitas pessoas LGBTQIAP+: o receio de perder o apoio dos familiares ao explicitar sua sexualidade ou identidade de gênero (FERREIRA, 2021).

A palavra “corpo” também surge como centralidade para o termo indutor “Homem Gay”, evidenciando como núcleo central das RS dos participantes da pesquisa e reforça a ideia de que o corpo é manipulado e concebido pelos homens gays pesquisados que, em sua maioria, seguem padrões que exaltam o homem másculo, jovem ou mais velho, desde que este corpo se apresente saudável e performe obedecendo um ideal de masculinidade que varia conforme o contexto social em que esteja inserido (MAGALHÃES, 2019; LOPES, 2007).

Peres *et al.* (2015) relatam que a construção de corpo para pessoas com deficiência visual está relacionada a valores considerados mais simbólicos do que estéticos ou formatos de corpo. Neste sentido, o estudo revela que o belo para pessoas com deficiência visual está mais ligado a contextos de experiências de vida, conteúdo intelectual, campo afetivo e independência. Durante a pesquisa, os participantes apresentaram discursos como “boas conversas”, “educação e

delicadeza” e “honestidade e simpático” evidenciaram a concepção de beleza partindo de valores não estéticos. Em resumo, o que as pessoas com deficiência visual almejam é ter boas companhias e confiar nelas.

De modo geral, nas periferias do sistema de RS também estão presentes palavras que podem refletir aspectos do cotidiano dos homens gays. Sobre a periferia mais próxima do núcleo central, Wachelke, Wolter, (2011), apontam que esta primeira periferia apresenta os termos que tiveram alta frequência e alta ordem média de evocação. Desse modo, são apresentados ao lado direito superior por ultrapassarem a média estabelecida para as análises. Por esse motivo, esses termos são apresentados com muita evidência e, podem fazer parte do núcleo central das RS, conforme os estudos de Pecora & Sá, (2008); e Sá, Oliveira, Castro, Vetere & Carvalho, (2009) (WACHELKE, WOLTER, 2011).

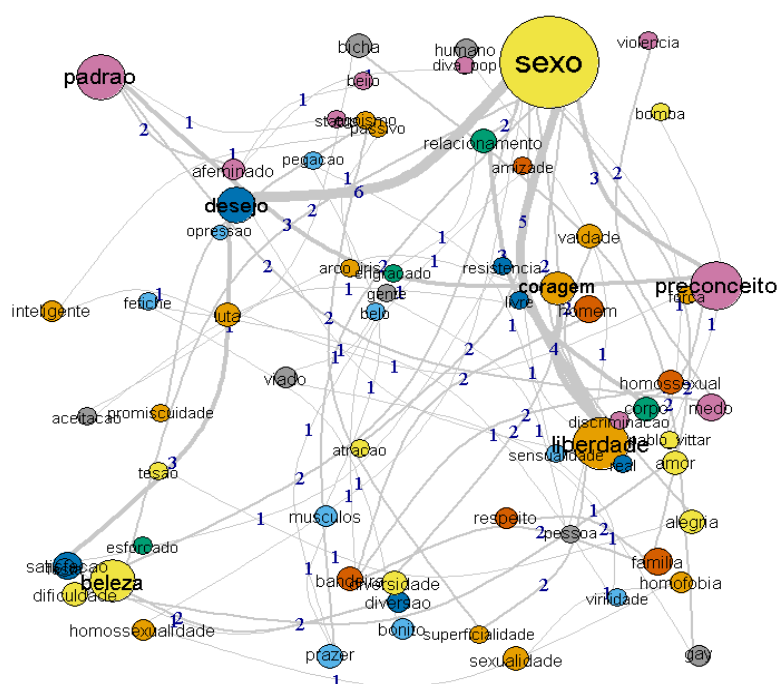
No presente estudo, os termos explicitados nesta periferia também revelam características do público aqui pesquisado. As palavras que emergiram com maior frequência que são: “Sexo”, “Beleza”, “Desejo”, “Homem”, “Relacionamento” e “Vaidade”, podem estar diretamente ligados à sustentação dos termos “Corpo”, “prazer” e “Satisfação” por exemplo, que podem representar o núcleo central nesta tabela e são termos que podem estar diretamente ligados às práticas do grupo pesquisado.

Já na segunda periferia houve evocações das palavras: inteligente, respeito, humano, músculos, gay, pegação, força, amizade, aceitação, tesão, atração e livre. Aqui notamos o surgimento de elementos presentes na sociabilidade gay. Mesmo apresentando baixa frequência, esses termos podem sugerir um pensamento recorrente nessa amostra de homens gays, evidenciando que esses termos podem vir a se tornar parte da centralidade em outros momentos. No entanto, pela baixa frequência e baixa ordem média de evocação, esta periferia não é considerada para fazer parte das estruturas que sustentam uma RS nesta análise (WACHELKE, WOLTER, 2011).

Por fim, na terceira periferia, a mais distante do núcleo central, surgiram as palavras: diversão, bonito, arco-íris, real, status, fetiche, gente, belo, sensualidade, beijo, pessoa, Pablo Vittar e virilidade. Esta também pode ser considerada uma zona de sustentação do núcleo central das RS, pois revela mais componentes do cotidiano dos homens gays, emergindo termos diretamente relacionados à sociabilidade do público pesquisado. como explicitado, os termos salientes sustentam e

complementam os termos emergidos como núcleo central (ABRIC, 2003; WACHELKE, WOLTER, 2011).

Figura 4– Árvore máxima para o termo indutor homem gay.



Fonte: Elaboração da autora por meio do *Software Iramuteq*.

Na Figura 4, o grafo expõe a análise de similitude onde aparecem a dinâmica das RS presentes para o termo indutor “homem gay”, exemplificado pela árvore máxima. Fica bem evidenciado o termo que emergiu com maior destaque foi “sexo”, que, no quadro de 4 casas, emergiu como termo mais proeminente na primeira periferia. Neste grafo, fica evidenciado a conexão entre os termos “sexo”, “desejo” “padrão” e “liberdade”, mais distante estão os termos “coragem” e “preconceito” no canto inferior direito com uma linha de conexão não tão robusta. Já o termo “desejo”, está conectado aos termos “padrão” no canto superior esquerdo e com os termos “beleza” e “satisfação”, que aparecem no canto inferior esquerdo, o termo “sexo” também está conectado ao termo “relacionamento”, que por sua vez, está ligado com o termo “corpo” que emerge no grafo no canto inferior direito.

A análise de similitude, possibilita identificar co-ocorrências entre os termos e, auxilia na assimilação da estrutura de uma representação. De acordo com Salviati

(2017), na análise é apresentado um grafo, ou “árvore máxima”, que evidencia as conexões entre o corpus textual, esta dinâmica promove facilidade ao reconhecer os termos com maior relevância para o estudo.

Tabela 4 - Frequência e ordem média da evocação (ome) para o termo indutor “deficiência visual” para homens gays (n =86). Continua.

		OME < 2,9			OME > 2,9		
		Evocações	f	OME	Evocações	f	OME
F R E Q U Ê N C I A	≥ 5,25	Acessibilidade	25	2,3	Dificuldade	27	3,1
		Cego	25	2,6	Braile	17	3,3
		Cegueira	13	2,8	Preconceito	11	2,9
		Dependência	9	2,3	Bengala	10	3,1
		Limitação	9	2,8	Deficiência	9	3,1
		Adaptação	8	2,1	Óculos	8	3,5
		Inclusão	7	2,1	Ajuda	7	2,9
		Cuidado	6	2,5			
		Superação	6	2,8			
	< 5,25	Respeito	5	1,8	Cão guia	5	3,4
		Escuro	5	2,8	Escuridão	5	3,6
		Olhos	4	2,5	Tristeza	4	3
		Desafio	3	2,3	Luta	4	3
		Acesso	3	2,7	Sensibilidade	3	3
		Percepção	2	1	Audição	3	4
		Fragilidade	2	2	Toque	3	3
		Inacessibilidade	2	2,5	Empatia	3	3
		Medo	2	1	Direitos	3	3,7
		Auxílio	2	2,5	Atenção	3	3
		Educação	2	1,5	Deficiente	3	3,3
		Calçada	2	2,5	Diferente	3	3
					Solidão	3	4
					Problema	3	4,3
					Apoio	2	3,5
					Dignidade	2	3
					Viver	2	3,5
					Piso Tátil	2	3,5
					Desemprego	2	4
					Exclusão	2	4,5
					Locomoção	2	3
					Aceitação	2	3,5
					Imaginação	2	3
					Adequação	2	3
					Tato	2	4,5
					Diferença	2	3,5
					Condição	2	3
					Isolamento	2	4,5
					Capacitismo	2	3,5
					Diversidade	2	2

Fonte: Elaboração nossa, a partir dos dados processados pelo *software* Iramuteq. Nota: número total de palavras =418; número de palavras diferentes = 163. Hapax: 102

Na tabela 4 temos a apresentação da frequência e a ordem média de palavras

para o Termo Indutor “Deficiência Visual”. Na primeira casa, como núcleo central surge, na sequência de maior evocação, as seguintes palavras: Acessibilidade, Cego, Cegueira, Dependência, Limitação, Adaptação, Inclusão, Cuidado e Superação. A primeira palavra “acessibilidade” emerge com maior frequência, revelando uma representação social compartilhada pelo grupo de homens gays pesquisados em torno da demanda principal das pessoas com deficiência no mundo, que é a luta por acessibilidade em todos os lugares, tanto ambiental, como de informação (MAZERA, 2021; SOUZA, 2018). Mas afinal, o que é acessibilidade? Conforme a Lei instituída em 2 de dezembro de 2004, de nº 5.296, considera-se acessibilidade como:

Condição para utilização, com segurança e autonomia, total ou assistida, dos espaços, mobiliários e equipamentos urbanos, das edificações, dos serviços de transporte e dos dispositivos, sistemas e meios de comunicação e informação, por pessoa portadora de deficiência ou com mobilidade reduzida; (BRASIL, 2004a).²

Desse modo, conforme o grupo aqui pesquisado, a palavra “acessibilidade” está sempre alinhada ao imaginário social quando se fala de pessoas com deficiência. Assim como a palavra “Adaptação” que também aparece como centralidade, esta, para este contexto pode ser caracterizada pelo sentido de adaptar materiais e ambientes ou situações para se promover acessibilidade, pois este público necessita das políticas de acessibilidade para conviver em igualdade com as demais pessoas na sociedade, seja na educação, trabalho, lazer, esporte, enfim, em todos os aspectos da vida social e individual dessas pessoas (MAZERA, 2021; BRASIL, 2004; SOUZA, 2018).

A palavra “Cego” emerge com boa frequência, em seguida surge a palavra “cegueira”. Essas palavras estão diretamente relacionadas com a deficiência visual, uma vez que “cegueira” é um termo utilizado, em geral, para caracterizar uma impossibilidade de enxergar de modo momentâneo ou permanente, sendo um termo muito utilizado no meio médico em diagnósticos relacionados à deficiência visual. Nesta perspectiva, toda pessoa que possui cegueira é considerada cego (parcial ou

² Em junho de 1994, ficou instituído o termo “Pessoas deficientes”, na Declaração de Salamanca que preconizou a educação de forma inclusiva para todos. Desse modo o termo “pessoa portadora de deficiência” não é mais utilizado para se referir ao público com deficiência. No Brasil, por ser um país signatário dessa convenção, utilizamos o termo “Pessoa com Deficiência” (SASSAKI, 2003).

total) ou pessoa com deficiência visual (SANTOS et al, 2021; OMS, 2012).

Ainda na tabela 4, as palavras que constituem o núcleo central refletem uma realidade vivida não somente pelas pessoas com deficiência visual, mas sim todas as deficiências, ou seja, o imaginário coletivo de que as pessoas com deficiência são ou podem ser pessoas com muita “dependência” e “limitadas” e que demandam “cuidado”, (THEODORO, 2022).

Cabe destacar a palavra “Superação” que aparece também como núcleo central das RS. Conforme Siqueira, Dornelles e Assunção, (2020), embora o uso desse termo seja muito comum ao se referir a pessoas com deficiência, sobretudo quando esta consegue lidar com as adversidades ao longo da vida, à primeira vista, parece tratar-se de uma espécie de “elogio”, porém, este termo, pode ser considerado uma forma de capacitismo³. Para as autoras, ao entender as pessoas com alguma deficiência com a perspectiva de superação da sua condição de deficiência, estamos reforçando a ideia de que as outras pessoas com deficiência que não consigam superar essas mesmas adversidades são inferiores àquelas que conseguem, sendo fadadas ao fracasso e à incapacidade. Isso, denota uma incompreensão das peculiaridades das pessoas com deficiência e suas potencialidades individuais (SIQUEIRA, DORNELLES e ASSUNÇÃO, 2020).

As autoras também problematizam as RS que circulam no contexto midiático acerca das pessoas com deficiência, revelando que as pessoas com deficiência, geralmente aparecem em alguma história de decadência ou humilhação e dependência ou em uma história que se refere à superação da própria deficiência (SIQUEIRA; DORNELLES e ASSUNÇÃO, 2020).

As palavras que surgiram nas periferias desta tabela, em sua maioria, também trazem aspectos incapacitantes para o termo indutor “Deficiência Visual”, podendo ser uma base para sustentar o núcleo central das RS (WACHELKE, WOLTER, 2011). Verificamos esta situação na primeira periferia onde, além das palavras que se referem ao cotidiano dessas pessoas como: Braille, Bengala, deficiência e óculos, também nos deparamos com o surgimento de palavras como: “Dificuldade”, “Preconceito” e “Ajuda”. Desse modo, verifica-se aqui uma zona que possui todos os indícios de sustentação do núcleo central das RS desta tabela, uma vez que possui

³ Este termo refere-se a maneira como as pessoas com deficiência são percebidas com um viés de “incapacidade”. Mello, (2014) relata que as demandas das pessoas com deficiência estão comparáveis a outras formas de discriminações sociais como o racismo, o sexismo e a homofobia.

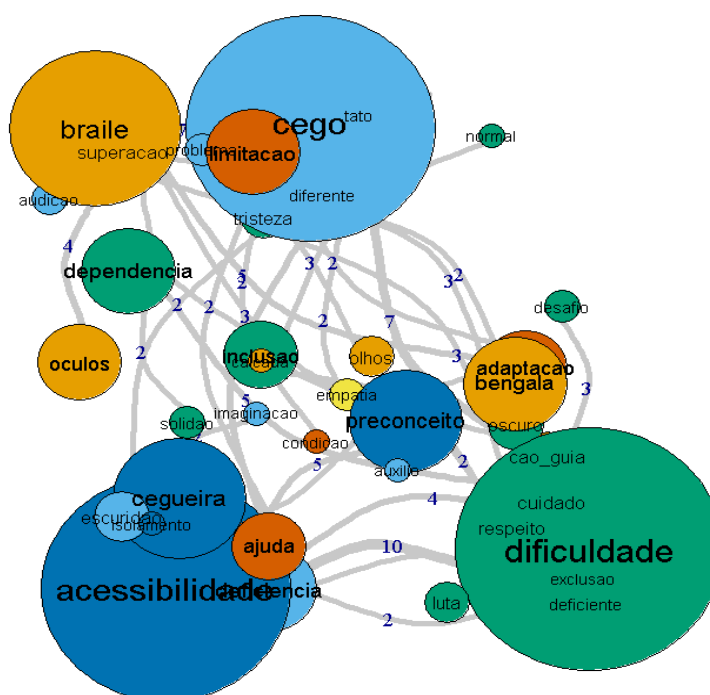
altas frequências para termos que indicam para o termo indutor “Deficiência Visual”, sugerindo que este público possui dificuldades ao longo da vida, além de sofrer com o preconceito e o pensamento de que necessitam de ajuda. Assim, as palavras “Dependência”, “Limitadas” e “Cuidado”, que emergiram como núcleo central nesta tabela são sustentadas por esta primeira periferia, presentes nos termos “Dificuldade”, “Preconceito e “Ajuda” (WACHELKE, WOLTER, 2011).

A segunda periferia, por ter baixa frequência e baixa ordem média de evocação, podem não fazer parte da estrutura das RS, nesta periferia surgiram as palavras: Respeito, Escuro, Olhos, Desafio, Acesso, Percepção, Fragilidade, Inaccessibilidade, Medo, Auxílio, Educação e Calçada (WACHELKE, WOLTER, 2011).

Na última periferia, encontramos palavras como: Cão guia, Escuridão, Tristeza, Luta, Sensibilidade, Audição, Toque, Empatia, Direitos, Atenção, Deficiente, Diferente, Solidão, Problema, Apoio, Dignidade, Viver, Piso Tátil, Desemprego, Exclusão, Locomoção, Aceitação, Imaginação, Adequação, Tato, Diferença, Condição, Isolamento, Capacitismo e Diversidade. Esta terceira periferia que também é chamada de zona de contraste, emergem novamente palavras que evidenciam o cotidiano de pessoas com deficiência visual, além de emergirem palavras que também sustentam de alguma forma o núcleo central desta tabela.

Destacamos as palavras “Capacitismo” na zona de contraste e sustenta o termo emergido na primeira casa “Superação” na zona que representa o núcleo central das RS. Esses dados revelam um viés que compreende as pessoas com deficiência visual em um lugar de merecedora de cuidados, direitos e locomoção, como explicitados nas palavras “cão-guia”, “piso tátil”, “Locomoção” e “Adequação”. No entanto, ainda é evidenciado a constante de que as pessoas com deficiência visual necessitam de cuidados apenas, não estando evidenciados outras nuances do convívio social, ou seja, o modelo pautado apenas na condição que a deficiência impõe a este público (WACHELKE, WOLTER, 2011; SIQUEIRA, DORNELLES e ASSUNÇÃO, 2020; THEODORO, 2022).

Figura 5 - Árvore máxima para o termo indutor “deficiência visual” para homens gays.



Fonte: Elaboração da autora por meio do *Software Iramuteq*.

Na Figura 5, o grafo mostra os termos "acessibilidade", "dificuldade" e "cego". ambos estão correlacionados entre si, explicitando uma homogeneidade, estando dispostos de forma similar e conectados por traços bem consistentes à termos como: "preconceito", "adaptação", "inclusão", "dependência" e "braile". Neste sentido, a palavra "Acessibilidade" emerge como núcleo central na tabela 4, assim como "Cego"., já os termos "dificuldade" e "Braile", estão alocados na primeira periferia na mesma tabela.

Assim, como tática para complementar à análise das tabelas, a apreciação de similitudes nos termos evocados promove maior eficácia na verificação da centralidade dos dados apresentados nas tabelas prototípicas e as relações entre eles. Já a árvore máxima, nos permite visualizar a ligação dos termos de uma estrutura de RS e sua centralidade e correlações estabelecidas entre si e com os demais, a partir das evocações (PÉCORA, 2011).

Tabela 5- Frequência e ordem média da evocação (ome) para o termo indutor “homem gay com

deficiência visual” para homens gays (n =86).

deficiência visual para homens gays (n = 66).							
OME < 2,96			OME > 2,96				
	Evocações	f	OME	Evocações	f	OME	
F R E Q U Ê N C I A	≥ 4	Preconceito	30	2,8	Dificuldade	27	3,1
		Respeito	8	1,9	Diferente	14	3,4
		Liberdade	6	1,8	Exclusão	9	3,2
		Superação	5	2,8	Solidão	7	3,1
		Limitação	5	2,8	Coragem	7	3
		Sexo	4	2,5	Rejeição	6	3,3
		Inclusão	4	2	Cego	6	3,7
					Desafio	4	3,2
					Diversidade	4	4,3
F R E Q U Ê N C I A	< 4	Minoria	3	2,7	Empatia	3	3,7
		Acessibilidade	3	2	Medo	3	3,7
		Relacionamento	3	2,3	Amizade	3	3
		Diferença	3	2,7	Força	3	3,3
		Adaptação	3	1,7	Vontade	3	3,3
		Família	3	2,7	Bengala	3	3
		Condição	3	2,7	Luta	3	3,3
		Invisibilidade	3	2	Sensibilidade	2	4
		Desejo	3	2,7	Ombridade	2	4
		Toque	2	1,5	Deficiência	2	3,5
		Empoderamento	2	1	Corajoso	2	4
		Ignorância	2	2,5	Obstáculo	2	3
		Tristeza	2	1,5	Conexão	2	3
		Normal	2	2,5	Difícil	2	3,5
		Igualdade	2	2	Inacessibilidade	2	4
		Sexualidade	2	2,5	Acesso	2	3
		Realização	2	1	Batalha	2	4
		Desconhecido	2	2	Aceitação	2	3,5
		Política	2	1,5	Raridade	2	4
		Depressão	2	2	Incomum	2	5
		Expressão	2	2,5	Tabu	2	3,5
					Satisfação	2	3,5
					Capacidade	2	2,5
					Comunicativo	2	2,5
					Problema	2	3,5
					Naturalidade	2	3
					Dependência	2	5
					Afeto	2	4

Fonte: Elaboração nossa, a partir dos dados processados pelo software Iramuteq . Nota: número total de palavras =406; número de palavras diferentes = 211 Hapax= 146

Na tabela 5 temos as palavras emergidas para o termo indutor “Homem Gay com Deficiência Visual”, surgindo como saliência e componentes do núcleo central das RS as palavras: Preconceito, Respeito, Liberdade, Superação, Limitação, Sexo e Inclusão. Jodelet, (2001) relata que as RS têm como principal função a nomeação e significação do que é do dia a dia, indo do perceber ao ato em si. Para a autora, considera-se então que, a RS é uma teoria que abarca as formas das ações perante um objeto. Como já explicitado, o núcleo central tem como principal função colocar

em ordem e dar estabilidade às RS, sendo uma série de dados, de valores e credíes acerca de um objeto (ABRIC e CAMPOS, 1996).

Desse modo, a palavra “Preconceito” como centralidade nesta tabela, pode evidenciar que, no imaginário do público da pesquisa, os homens gays com deficiência visual estão sendo percebidos de forma inferiorizada e excludente, apesar de surgirem as palavras: “Respeito”, “Liberdade”, “Limitação”, “Sexo” e “Inclusão”.

Destaca-se que nesta tabela, assim como na Tabela 4, também surge como núcleo central a palavra “Superação” que, como evidenciado na tabela 4, esta palavra pode sugerir uma ideia de subestimação do real potencial dos gays com deficiência visual, evidenciando que o grupo pesquisado, apesar de entender que os homens gays com deficiência visual são dignos de respeito, liberdade e inclusão, este mesmo grupo, também demonstra não vislumbrar possibilidades de relacionamentos com homens gays com deficiência visual, pois podem acreditar que existam algumas limitações presentes (SIQUEIRA, DORNELLES e ASSUNÇÃO, 2020).

Na primeira periferia, surgiram palavras como: Dificuldade, Diferente, Exclusão, Solidão, Coragem, Rejeição, Cego, Desafio e Diversidade que, apesar de não estarem presentes como núcleo central, também podem ser entendidas como possíveis saliências devido ao alto índice de evocações, havendo grande possibilidade de ser parte da estrutura que sustentam o núcleo central das RS (WACHELKE, WOLTER, 2011). Neste sentido, emergiu a palavra “Dificuldade”, seguida das palavras “Diferente” e “Exclusão”. As palavras Solidão, Coragem, Rejeição, Cego, Desafio e Diversidade surgem logo em seguida e evidenciam um aspecto do cotidiano de pessoas com deficiência visual e de pessoas LGBTQIA+. Neste sentido, as pessoas com deficiência visual sempre estiveram permeadas pelo preconceito e exclusão social, dessa forma, atravessamentos referentes à sexualidade potencializam este processo. Dada a sua construção social, a deficiência visual pode levar os sujeitos a experimentar ao longo da vida, muita discriminação e preconceito, podendo inclusive sofrer deturpações acerca da sua identidade social uma vez que estes, são identificados apenas pela deficiência (THEODORO, 2022; FERREIRA, 2021).

Na segunda periferia, surgiram as palavras: Minoria, Acessibilidade, Relacionamento, Diferença, Adaptação, Família, Condição, Invisibilidade, Desejo, Toque, Empoderamento, Ignorância, Tristeza, Normal, Igualdade, Sexualidade, Realização, Desconhecido, Política, Depressão e Expressão. Esta zona, apesar das palavras emergidas se relacionarem com os termos presentes no núcleo central

Na Figura 6 temos a representação em forma de árvore máxima emergidas para o termo indutor “Homem Gay com Deficiência Visual”, o termo “preconceito” surge com maior protuberância, estando conectado com maior ênfase nos termos “dificuldade”, “diferente”, “exclusão” e “respeito”. A palavra “Preconceito”, surgiu como núcleo central na Tabela 5, à sua volta, emergiram os termos: Respeito, Liberdade, Superação, Limitação, Sexo e Inclusão, que emergiram em menor frequência, seguido pelas palavras que compõem as periferias, nesta árvore máxima, estes termos aparecem com maior distância, mas conectados com o núcleo central.

A análise de similitude, conforme Alves-Mazzotti (2007), é fundamental para a entender as aglomerações e atrelamentos apresentados pelos elementos explicitados na árvore máxima. Assim, de forma compreensível, a imagem pode confirmar os prováveis núcleos centrais com a disposição dos elementos da representação.

Tabela 6 - Frequência e ordem média da evocação (ome) para o termo indutor “homem gay” para homens gays zona muda (n =86). Continua.

OME < 2,12			OME > 2,12			
	Evocações	f	OME	Evocações	f	OME
F R E Q U Ê N C I A	≥ 4,36					
	Sexo	40	1,6	Afeminado	9	2,4
	Preconceito	11	1,6	Liberdade	6	3,3
	Beleza	11	2	Amor	6	2,5
	Padrão	9	1,8	Sexualidade	5	2,2
	Prazer	8	2	Aceitação	5	2,4
	Corpo	7	2	Família	5	2,2
	Homofobia	6	2			
	Comunidade	5	1,4			
	Diversidade	5	1,4			
	Desejo	5	1,2			
	< 4,36					
	Veado	4	1	Academia	4	2,8
	Moda	3	1,7	Ativo	4	2,8
	Medo	3	1,7	Promiscuidade	3	3
	LGBT	3	1,7	Passivo	3	2,3
	Drogas	3	1,7	Resistência	3	2,3
	Gostoso	2	1,5	Relacionamento	3	2,7
	Boiola	2	1	Bonito	3	3,7
	Pegação	2	2	Parada Gay	3	3,7
	Grindr	2	2	Gay	3	2,3
	Parceiro	2	2	Luta	3	3
	Força	2	2	Festa	3	2,3
	Competição	2	2	Rejeição	2	2,5
	Conhecer	2	2	Identidade	2	2,5
	Sensualidade	2	1,5	DST	2	2,5
	Homossexual	2	1,5	Putaria	2	2,5
				Amizade	2	2,3
				Belo	2	4
				Músculos	2	3,5
				PREP	2	3,5
				Poligamia	2	4

Tabela 6 - Frequência e ordem média da evocação (ome) para o termo indutor “homem gay” para homens gays zona muda (n =86). Concluído.

OME < 2,12			OME > 2,12		
Evocações	f	OME	Evocações	f	OME
			Homem	2	2,5
			Boate	2	2,5
			Afeto	2	3,5
			Dificuldade	2	3

Fonte: Elaboração nossa, a partir dos dados processados pelo *software* Iramuteq. Nota: número total de palavras=397; número de palavras diferentes = 212, Hapax= 157.

Na tabela 6 verifica-se o predomínio das palavras evocadas em situação de substituição que, em resumo, seria o que os outros homens gays diriam sobre o termo indutor “Homem Gay”. Neste sentido, surgiram as palavras na primeira casa que refletem o núcleo central das RS que são: Sexo, Preconceito, Beleza, Padrão, Prazer, Corpo, Homofobia, Comunidade, Diversidade e Desejo.

Assim como na Tabela 3, onde os participantes responderam ao mesmo termo indutor, com a diferença que a resposta era de forma imediata, ou seja, sem substituição. De modo geral, as respostas dos pesquisados foram muito condizentes com os aspectos do cotidiano dos homens gays. No entanto, com a diferença de que em situação de substituição, os participantes manifestaram respostas, em sua maioria, relacionadas à sexualidade como: Sexo, Beleza, Padrão, Prazer, Corpo e Desejo, evidenciando o que realmente os homens gays buscam em outros homens gays. Abric (2003), relata que o núcleo central possui elementos que surgem em algumas situações e desaparecem em outras, estes, são nomeados pelo autor como “Zona Muda” das RS e, neste sentido, esses elementos podem não ser facilmente identificados devido a sua natureza “contra-normativa” e as relações e pressões da sociedade (SÁ, 2019).

Neste sentido, verifica-se o surgimento de termos mais relacionados ao contexto da sexualidade dos homens gays pesquisados. Nota-se que as palavras que surgiram com maior frequência nesta tabela foram “Sexo”, “Beleza”, “Padrão”, “Prazer”, “Corpo” e “Desejo”.

É importante salientar que na Tabela 3, onde não houve respostas em substituição emergiram na primeira periferia as palavras: “Sexo”, “Padrão”, “Beleza” e “Desejo”. Verifica-se aqui uma confirmação de que o conteúdo presente na primeira periferia, pode estar diretamente relacionado com o núcleo central das RS, neste caso, sendo confirmado pela análise da “Zona Muda” das RS. Dessa forma, é imprescindível que se identifique o núcleo central das RS, evidenciando o que de fato

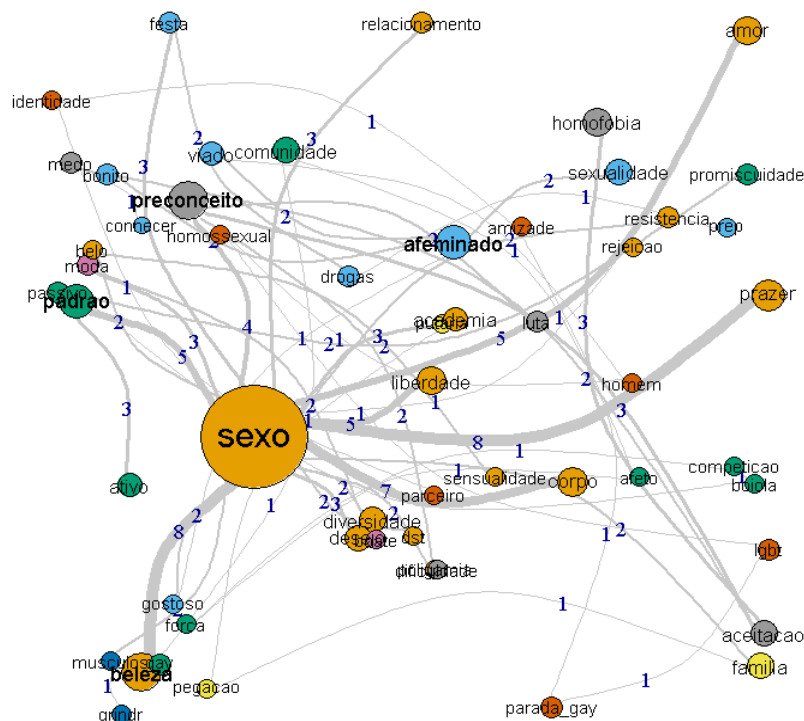
está emergindo e, conforme a frequência e ordem média de evocações, muitos elementos que compõe as RS, estarão nas periferias do núcleo central, sendo ele próprio que estrutura as mesmas (SÁ, 2019).

Na primeira periferia desta tabela, houve saliência das palavras: Afeminado, Liberdade, Amor, Sexualidade, Aceitação e Família. Esta é uma área de muita importância pois, pode se tratar de saliências que de alguma forma estão diretamente relacionadas ao núcleo central, há, no entanto, grandes possibilidades de elas mesmas se tornarem parte deste núcleo (WACHELKE, WOLTER, 2011).

Na segunda periferia emergiram as palavras: Veado, Moda, Medo, LGBT, Drogas, Gostoso, Boiola, Pegação, Grindr, Parceiro, Força, Competição, Conhecer, Sensualidade e Homossexual. Esta zona, apesar de também apresentar termos salientes condizendo com as vivências do público estudado, por apresentar baixa ordem de evocação e baixa frequência, podem não estarem relacionadas diretamente para a formação deste núcleo central, todavia, não se pode descartar esses termos pois, fazem parte de evocações emanadas em baixa frequência e que poderão, em um futuro surgirem mais próximo ou até fazendo parte do núcleo central em pesquisas posteriores.

Na terceira periferia, surgiram as palavras: Academia, Ativo, Promiscuidade. Passivo, Resistência, Relacionamento, Bonito, Parada Gay, Gay, Luta, Festa, Rejeição, Identidade, DST, Putaria, Amizade, Belo, Músculos, PREP, Poligamia, Homem, Boate, Afeto e Dificuldade. Nota-se aqui uma saliência de termos mais negativos e que também fazem parte da sociabilidade dos pesquisados, embora estes termos não estejam presentes no centro do núcleo, reflete o pensamento que poderá relacionar-se com o núcleo central. Esta zona, também conhecida como “zona de contraste”, pode conter elementos que fazem ou irão fazer parte do núcleo central. Segundo Sá, (1996), as periferias do núcleo central, podem responder às funções que são essenciais, sendo elas: concretude, regulação e defesa. A “concretude”, é o resultado de quando a RS interage com o contexto da realidade, dando aspecto e elementos do que é real, ou seja, do que é concreto que serão compreendidos e compartilhados. A “regulação” facilita a adaptação das RS às variações evolutivas de variados contextos e a “defesa”, é responsável por blindar as RS contidas no núcleo central.

Figura 7 – Árvore máxima para o termo indutor “homem gay” zona muda.



Fonte: Elaboração da autora por meio do *Software Iramuteq*.

Na Figura 7, em forma de árvore máxima, verifica-se o surgimento da palavra “sexo” sendo consolidada como centralidade. Neste grafo, podemos verificar a robustez das ligações entre o provável núcleo central “sexo”, com os termos “prazer”, “corpo” e “beleza”. Ainda, é evidenciado ramificações relevantes em direção aos termos “padrão”, “amor”, “liberdade” e “preconceito”. A tabela 6 também evidenciou como núcleo central o termo “sexo” em situação de substituição e, na sequência, emergiu os termos: “Preconceito”, “Beleza”, “Padrão”, “Prazer”, “Corpo”, “Homofobia”, “Comunidade”, “Diversidade” e “Desejo”, que estão ao redor do núcleo duro, assim como os termos pertencentes às demais periferias.

Em relação ao exposto, Moliner (1996) esclarece que os termos que estão no centro promovem funções geradora de RS, neste sentido, podem estar ligadas à densas cognições relacionadas diretamente ao objeto representacional sugerido, havendo uma distinção dos demais elementos por causa das suas conexões apresentadas, ficando mais evidenciados (MOLINER, 1996).

Tabela 7 - Frequência e ordem média da evocação (ome) para o termo indutor “deficiência visual” para homens gays zona muda (n =86).

		OME < 2,88			OME > 2,88		
		Evocações	f	OME	Evocações	f	OME
F R E Q U Ê N C I A	≥ 5,58	Dificuldade	25	2,2	Acessibilidade	16	3
		Cego	18	2,1	Deficiência	12	3,2
		Preconceito	17	2,6	Ajuda	12	3,1
		Braile	11	2,8	Bengala	11	3,7
		Cegueira	7	1,9	Exclusão	9	3,8
		Inclusão	7	2,1	Óculos	6	3,2
		Limitação	7	2,3			
		Diferente	6	2,8			
		Dependência	6	2,7			
	< 5,58	Respeito	4	2,5	Apoio		
		Sexo	4	1,5	Escuridão		
		Deficiente	4	2,5	Tristeza		
		Ceguinho	4	1,2	Condição		
		Rejeição	4	1,5	Adaptação		
		Inacessibilidade	3	2	Solidão		
		Dependente	3	2	Difícil		
		Capacitismo	3	2,7	Acesso		
		Pena	2	2,5	Auxílio		
		Olhos	2	2	Direitos		
		Normalidade	2	2,5	Compaixão		
		Luta	2	1	Educação		
		Problema	2	1	Escuro		
					Cuidado		
					Solidariedade		
					Relacionamento		
					Visão		
					Família		
					Desprezo		
					Obstáculo		

Fonte: Elaboração nossa, a partir dos dados processados pelo *software* Iramuteq. Nota: número total de palavras =392; número de palavras diferentes = 172, hápax= 124.

Na tabela 7 estão presentes os termos emergidos como núcleo central para o termo indutor “Deficiência visual” sendo em situação de substituição que são: Dificuldade, Cego, Preconceito, Braile, Cegueira, Inclusão, Limitação, Diferente e Dependência. Os termos presentes nesta tabela também foram semelhantes aos termos da Tabela 4 onde não houve a situação de substituição, verifica-se pelas palavras emergidas que, entre outras, são: “Cego”, “Cegueira”, “Inclusão”, “Limitação” e “Dependência “. Já na tabela 2, onde não houve situação de substituição emergiram, entre outras, as mesmas palavras:” Cego”, “Cegueira”, “Dependência”, “Limitação” e “Inclusão”.

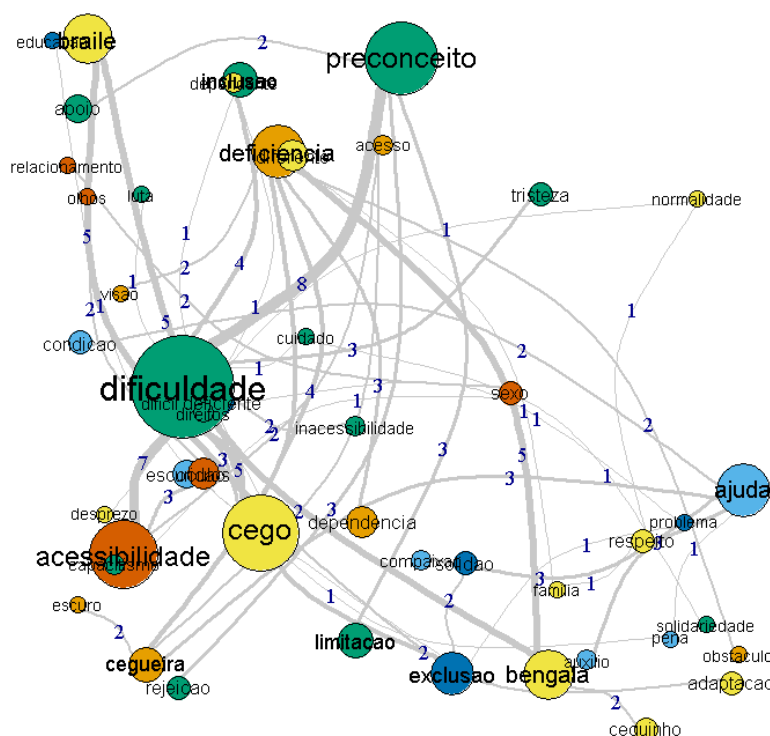
Dessa forma, esta tabela demonstra, em situação de substituição que, as RS

presentes aqui colaboram com os termos emergentes na Tabela 4 que evidenciaram uma realidade vivida por todas as deficiências, o pensamento de que os sujeitos que possuem alguma deficiência são pessoas com muita “Limitação”, palavra que surge nesta tabela e pessoas com muita “Dependência” que aparece e que necessitam de “Inclusão”, palavra que (THEODORO, 2022).

Na primeira periferia emergiram os termos: Acessibilidade, Deficiência, Ajuda, Bengala, Exclusão e Óculos. Há grandes possibilidades de que os termos emergentes nesta periferia sejam parte do núcleo central dessa tabela pois, são diretamente relacionados com as vivências das pessoas com deficiência visual. Segundo Sá, (1996), as periferias realizam a aproximação do que é real e a organização central, atualizando e exemplificando de forma contínua os conceitos de normalidade, tornando-as mais flexíveis e mutáveis, resultando em consensos de ideias individuais e coletivas que, igualmente, são representações sociais.

Na segunda periferia surgiram como Saliência as palavras: Respeito, Sexo, Deficiente, Ceguinho, Rejeição, Inacessibilidade, Dependente, Capacitismo, Pena, Olhos, Normalidade, Luta e Problema. No entanto, as palavras aqui apresentadas possuem baixa frequência e baixa ordem média de evocação em desse modo não possuem relevância para as análises dessa tabela neste momento (WACHELKE, WOLTER, 2011). Já na terceira periferia dessa tabela surgiram os termos: Apoio, Escuridão, Tristeza, Condição, Adaptação, Solidão, Difícil, Acesso, Auxílio, Direitos, Compaixão, Educação, Escuro, Cuidado, Solidariedade, Relacionamento, Visão, Família, Desprezo e Obstáculo. Esta zona apresenta saliências que são pertinentes ao público com deficiência visual, uma vez que surgem palavras que correspondem ao cotidiano delas. Neste caso, emergiram termos mais relacionados com o contexto de que essas pessoas possuem inúmeras dificuldades. essa periferia tem certa relevância para a manutenção do núcleo central pois tem, entre outras funções, a de protegê-lo (WACHELKE, WOLTER, 2011).

Figura 8 – Árvore máxima para o termo indutor “deficiência visual” zona muda.



Fonte: Elaboração da autora por meio do *Software Iramuteq*.

Na Figura 8, o grafo evidencia o termo " dificuldade" como centralidade, que está conectado mais densamente aos termos “preconceito”, “inclusão”, “braille”, “acessibilidade”, “cego” e “bengala”. Este termo, também ficou evidenciado como provável núcleo central na Tabela 7, já o termo “acessibilidade”, surge na tabela como pertencente à primeira periferia, porém com grande frequência.

Em relação às comparações, a análise de similitude torna-se um procedimento relevante quando se trata da perspectiva da abordagem estrutural, pois, possibilita verificação das conexões dos vários elementos que compõe uma RS, além da possibilidade de explicitar sua estrutura, bem como o seu conteúdo. Isso permite que possamos confirmar ou não a possível centralidade de determinados núcleos (OLIVEIRA et al., 2005),

Tabela 8 - Frequência e ordem média da evocação (ome) para o termo indutor “homem gay com deficiência visual” para homens gays zona muda (n=86).

		OME < 2,85			OME > 2,85		
		Evocações	F	OME	Evocações	f	OME
F R E Q U Ê N C I A	≥ 3,97	Preconceito	26	1,8	Diferente	14	2,9
		Dificuldade	16	2,4	Exclusão	10	2,9
		Cego	7	2,1	Inclusão	7	3,9
		Acessibilidade	6	2,7	Condição	7	3,7
		Fetichismo	6	2,3	Solidão	6	3
		Curiosidade	5	2,8	Respeito	5	3,8
		Rejeição	4	1,8	Sexo	5	3,8
		Estranho	4	2	Deficiente	5	3,4
		Dependência	4	2,2	Diferença	4	3
					Diversidade	4	4,2
	< 3,97	LGBT	3	3	Deficiência	3	3
		Novo	3	2	Resistência	3	4,3
		Obstáculo	3	2	Sexualidade	3	3,7
		Sofrimento	2	2,5	Invisibilidade	3	4,3
		Sociedade	2	2,5	Desafio	3	3,7
		Comunidade	2	1,5	Coragem	3	3,7
		Preconceito	2	1	Toque	2	4
		Padrão	2	2	Diversos	2	4,5
		Contemporâneo	2	2	Realização	2	4
		Bizarro	2	1,5	Corajoso	2	5
		Pena	2	2,5	Vítima	2	3
		Discriminação	2	1,5	Apoio	2	3,5
		Isolamento	2	2	Amizade	2	4
		Independência	2	1,5	Beleza	2	4,5
		Não_consigo_pensar_em_nada	2	1	Cegueira	2	3
					Bicha	2	4
					Ajuda	2	4
					Gay	2	4,5
					Empatia	2	4
					Sem_vergonha	2	4
					Capacitismo	2	3
					Tabu	2	4,5
					Depressão	2	4
					Limitação	2	4

Fonte: Elaboração nossa, a partir dos dados processados pelo *software* Iramuteq. Nota: número total de palavras = 390; número de palavras diferentes = 215, hâpax= 156.

Na tabela 8 são apresentadas as palavras que emergiram para o termo indutor “Homem Gay com Deficiência Visual” em situação de substituição. Como núcleo central emergiram os termos: Preconceito, Dificuldade, Cego, Acessibilidade, Fetichismo, Curiosidade, Rejeição, Estranho e Dependência.

Nota-se que os termos emergidos no quadrante superior esquerdo como núcleo central, são similares aos emergidos fora da situação de substituição, sendo evidenciados nas palavras: “Preconceito” que, nesta tabela surge como núcleo central

e, na Tabela 5, em situação normal aparece também como núcleo central com frequência de (f=30) e ordem média de evocação de (OME-2,8). Já os dois termos que nesta tabela aparecem como núcleo central, na tabela 5 surgiram como parte da primeira periferia sendo as palavras: “Dificuldade”, que nesta tabela surge com frequência de (f=16) e ordem média de evocação de (OME-2,4) e na tabela 4 emerge com frequência de (f=27) e ordem média de evocação de (OME-3,1) e “Cego”, que nesta tabela aparece com frequência de (f=7) e ordem média de evocação de (OME-2,1) e na tabela 5 surge com frequência de (f=6) e ordem média de evocação de (OME-3,7).

Nesta tabela, assim como na tabela 5, sem a situação de substituição, os homens gays igualmente evocaram termos que denotam uma ideiação que inferioriza e exclui qualquer forma de relação com os gays com deficiência visual que não seja a de defender os direitos desse público e respeita-los porém, os termos que mais se manifestam giram em torno da sensação de “piedade” e “compaixão”, evidenciando que o grupo pesquisado, compreende que este público possui direitos e devem ser incluídos porém, não idealizam os gays com deficiência visual como potenciais relacionamentos mais íntimos, talvez por considerar estes muito vulneráveis ou limitados.

Surgiram também como núcleo central nesta tabela alguns termos que não foram evidenciados durante as evocações em situação normal e que são merecedores de atenção, sendo: “Fetichismo”, “Curiosidade” e “Estranho”. Desse modo, pode-se inferir que o público pesquisado possui como núcleo central o imaginário de que há uma escassa possibilidade de relacionamento mais íntimo com um homem gay com deficiência visual. Porém, essa experiência está pautada em um contexto da “curiosidade”, ainda, surge também o termo “estranho”, que se refere a algo que não está no cotidiano desse grupo e, por esta razão, pode-se até conceber esta possibilidade, mas somente como “fetichismo”, ou seja, algo que foge dos padrões de relacionamento para o grupo pesquisado.

Segundo Sá (2019) a zona muda é formada por RS podem não ser evidenciadas de modo fácil pois, estas RS podem ir de encontro a um contexto normativo socialmente vigente, essas representações são manifestações conscientes e não reveladas propositalmente pelos sujeitos pesquisados (SÁ, 2019; COSTA, 2007).

No quadrante superior direito, na primeira periferia, emergiram os termos:

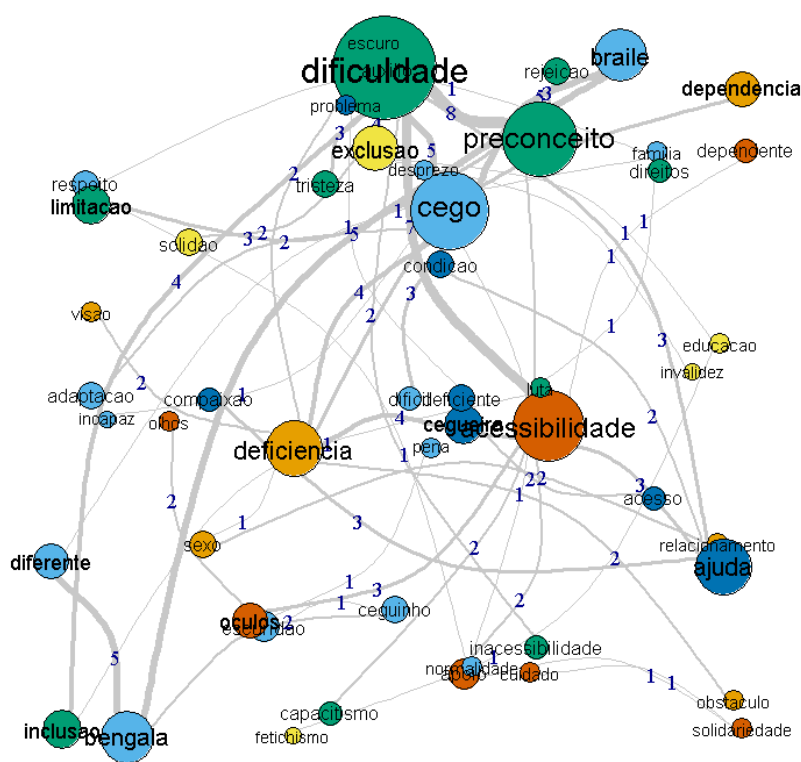
Diferente, Exclusão, Inclusão, Condição, Solidão, Respeito, Sexo, Deficiente, Diferença e Diversidade. Igualmente, identifica-se semelhanças entre este quadrante e a primeira periferia da tabela 5, os termos são: “Diferente” que surge com frequência de (f=14) e ordem média de evocação de (OME-3,4), nesta tabela com frequência de (f=14) e ordem média de evocação de (OME-2,9) “Exclusão” com frequência de (f=9) e ordem média de evocação de (OME-3,2), nesta tabela parece com frequência de (f=10) e ordem média de evocação de (OME-2,9), “Solidão” com frequência de (f=9) e ordem média de evocação de (OME-3,2), nesta tabela emergindo com frequência de (f=6) e ordem média de evocação de (OME-3) e “Diversidade” com frequência de (f=9) e ordem média de evocação de (OME-3,2) e que nesta tabela aparece com frequência de (f=4) e ordem média de evocação de (OME-4,2).

No quadrante inferior esquerdo emergiram as palavras: LGBT, Novo, Obstáculo, Sofrimento, Sociedade, Comunidade, Preconceito, Padrão, Contemporâneo, Bizarro, Pena, Discriminação, Isolamento, Independência e Não_consigo_pensar_em_nada. Desse modo, como já explicitado, este quadrante não será considerado neste momento para análise desta tabela devido ao baixa frequência e baixa ordem média de evocações (WACHELKE, WOLTER, 2011).

Na última zona no quadrante inferior direito desta tabela emergiram os termos: Deficiência, Resistência, Sexualidade, Invisibilidade, Desafio, Coragem, Toque, Diversos, Realização, Corajoso, Vítima, Apoio, Amizade, Beleza, Cegueira, Bicha, Ajuda, Gay, Empatia, Sem_vergonha, Capacitismo, Tabu, Depressão e Limitação.

Para Wachelke e Wolter, (2011), estas representações apontam para duas hipóteses: podem ser simplesmente complementações da primeira periferia ou podem indicar a prevalência de um grupo dentro de um grupo pesquisado que dão valor a estes termos emergidos sendo estes, diferentes dos termos compartilhados pelo restante, podendo inclusive, possuir outro núcleo central.

Figura 9 – Árvore máxima para o termo indutor “homem gay com deficiência visual” zona muda.



Fonte: Elaboração da autora por meio do *Software Iramuteq*.

Conforme observado na Figura 9, surgiu como núcleo central o termo "dificuldade", que é explicitado com conexões bem-marcadas e próximas dos termos "preconceito", "exclusão", "cego" e "escuro". Um pouco mais distantes, mas com ligações bem-marcadas, estão os termos "deficiência", "acessibilidade" e "ajuda". Observa-se que dois termos surgem, embora com aparente distância, ligados ao termo "preconceito" que são: "capacitismo" e "fetichismo".

Observamos que as análises realizadas por meio das árvores máximas, para verificar as conexões entre os termos e para a confirmação dos elementos pertencentes à centralidade nas tabelas prototípicas, sugeriram bastante semelhanças, tanto em situação normal, quanto em situação de substituição. Neste viés, podemos inferir que os elementos que emergiram como possíveis núcleos centrais nas tabelas, são, de fato, componentes da centralidade, ou estão bem aproximados, na estrutura que formam as RS dos homens gays pesquisados. Dessa forma, esta foi uma pertinente forma de constatação de como são estruturadas e,

como se relacionam os componentes que formam as RS deste grupo (OLIVEIRA et al., 2005).

Assim, os dados indicam que os homens gays com deficiência são representados como vulneráveis e limitados pelas pessoas pesquisadas, dado que foi confirmado pela análise de similitude, que confirmou os termos "preconceito", "exclusão" e "cego". Surgiram também como núcleo central, tanto em situação normal, quanto em situação de substituição, alguns termos como: "Fetichismo", "Curiosidade" e "Estranho", que denota uma compreensão do público pesquisado de que há uma possibilidade de reconhecer os homens gays com deficiência visual como possíveis relacionamentos desde que sejam nessas categorias.

Assim, os elementos que surgiram durante as análises como núcleo central para o termo indutor "Homem Gay com Deficiência Visual" foram, em situação normal, os termos: Preconceito, Respeito, Liberdade, Superação, Limitação, Sexo e Inclusão. Na primeira periferia emergiram os termos: Dificuldade, Diferente, Exclusão, Solidão, Coragem, Rejeição, Cego, Desafio e Diversidade.

Na segunda periferia, surgiram as palavras: Minoria, Acessibilidade, Relacionamento, Diferença, Adaptação, Família, Condição, Invisibilidade, Desejo, Toque, Empoderamento, Ignorância, Tristeza, Normal, Igualdade, Sexualidade, Realização, Desconhecido, Política, Depressão e Expressão. Na última zona, emergiram as palavras: Empatia, Medo, Amizade, Força, Vontade, Bengala, Luta, Sensibilidade, Ombridade, Deficiência, Corajoso, Obstáculo, Conexão, Difícil, Inacessibilidade, Acesso, Batalha, Aceitação, Raridade, Incomum, Tabu. Satisfação, Capacidade, Comunicativo, Problema, Naturalidade, Dependência e Afeto.

Em situação de substituição, que se refere à tabela 6, emergiram os termos: Preconceito, Dificuldade, Cego, Acessibilidade, Fetichismo, Curiosidade, Rejeição, Estranho e Dependência. No quadrante superior direito, na primeira periferia, emergiram os termos: Diferente, Exclusão, Inclusão, Condição, Solidão, Respeito, Sexo, Deficiente, Diferença e Diversidade. No quadrante inferior esquerdo emergiram as palavras: LGBT, Novo, Obstáculo, Sofrimento, Sociedade, Comunidade, Preconceito, Padrão, Contemporâneo, Bizarro, Pena, Discriminação, Isolamento, Independência e Não_consigo_pensar_em_nada. Na última zona no quadrante inferior direito desta tabela emergiram os termos: Deficiência, Resistência, Sexualidade, Invisibilidade, Desafio, Coragem, Toque, Diversos, Realização, Corajoso, Vítima, Apoio, Amizade, Beleza, Cegueira, Bicha, Ajuda, Gay, Empatia, sem

vergonha, Capacitismo, Tabu, Depressão e Limitação. Já contemplamos aqui o terceiro objetivo específico que foi identificar os dados relevantes e estruturais (núcleos centrais e sistemas periféricos) das representações sociais dos homens gays sobre os homens gays com Deficiência Visual.

Desse modo, os elementos centrais foram organizados da seguinte forma: o termo “Preconceito” que surgiu na tabela 6 como núcleo central com frequência de ($f=26$) e ordem média de evocação de (OME-1), sendo a saliência com maior evidencia também na Tabela 3 onde em situação normal aparece com frequência de ($f=30$) e ordem média de evocação de (OME-2,8). Em seguida emergem a palavra “Dificuldade”, que na tabela 3 surge com frequência de ($f=16$) e ordem média de evocação de (OME-2,4) e na tabela 3 emerge com frequência de ($f=27$) e ordem média de evocação de (OME-3,1) e “Cego”, que nesta tabela aparece com frequência de ($f=7$) e ordem média de evocação de (OME-2,1) e na tabela 3 surge com frequência de ($f=6$) e ordem média de evocação de (OME-3,7). Neste sentido, podemos concluir, com base nestas informações que o termo “Preconceito” é, então, considerado a saliência mais relevante no núcleo central por manifestar maior frequência e ordem média de evocações.

Os elementos que surgiram como núcleo central evidenciam um reflexo do preconceito que os homens gays com deficiência visual sofrem no cotidiano. Como explicitado, os elementos que emergiram tanto na tabela 3 em situação normal, quanto na tabela 6, em situação de substituição para o termo indutor “Homem Gay com Deficiência Visual”, demonstram que os homens gays possuem crenças centrais que destoam da realidade de muitos homens gays com deficiência visual. Uma situação peculiar que surgiu como núcleo central na tabela 6, em situação de substituição “zona muda” foi a saliência de termos como “Fetichismo”, “Curiosidade” e “Estranho”.

Neste sentido, entendemos que algumas palavras surgiram no campo da zona muda por se tratar de um evento contra normativo para o grupo pesquisado, dessa forma, os homens gays pesquisados possui como núcleo central a ideiação de que há uma rasa probabilidade de algum envolvimento com um homem gay com deficiência visual, no entanto, somente a título de “curiosidade”. Surge também o termo “estranho”, que pode se referir ao afastamento do grupo pesquisado em relação ao termo indutor, por esta razão, pode-se até imaginar esta hipótese, mas no campo do “fetichismo” ou seja, algo que é atípico para os padrões de relacionamento do grupo pesquisado.

9. CONCLUSÃO

Consideramos que os objetivos desta pesquisa foram alcançados pois, identificamos e analisamos as Representações Sociais de um grupo de homens gays sobre homens gays com deficiência visual e, por meio da análise da zona muda e de similitude, conseguimos explicitar o núcleo central e as periferias dessas representações. Evidenciamos durante as análises do quadro de quatro casas, onde estão representados o núcleo central e as periferias das representações sociais dos pesquisados, que os homens gays sem deficiência reconhecem os homens gays com deficiência visual como pessoas que possuem dificuldades e que este público possui direitos e devem ser incluídos.

Pode-se inferir que os homens gays pesquisados, apesar de reconhecerem que o público com deficiência deve ser respeitado e incluído, também percebem os homens gays com deficiência visual por uma lente pautada em crenças que podem ser consideradas preconceituosas e capacitistas, uma vez que subestimam o potencial dos homens gays com deficiência visual, direcionando este público para uma categoria inferiorizada.

Assim, o que ficou mais latente nas análises, foi a percepção de que ainda há muito o que se fazer para que os homens gays com deficiência visual sejam efetivamente incluídos dentro da própria sigla LGBTQIAP+. Surgiram termos relacionados às limitações e conquistas de direitos, porém, uma das maiores ideias percebidas, referente ao público pesquisado, é algo que ocorre no cotidiano de pessoas que possuem alguma deficiência, no sentido de que foram evocados primeiramente termos considerados capacitistas e relacionados às limitações dos homens gays com deficiência visual. Percebe-se, em primeiro plano, a limitação (deficiência) e não a pessoa em si. Também, é muito relevante enfatizar que um dos termos mais evidentes surgidos como núcleo central, foi a palavra “preconceito”, que foi confirmado também pela análise de similitude, será que quer nos dizer algo?

Como limitações a esta pesquisa, destaca-se o valor reduzido de amostras eletivas em relação ao quantitativo de participantes e o reduzido número de homens Gays que aceitaram participar também constitui um possível limitador. Ainda, as diretrizes e recomendações de distanciamento social devido ao período da pandemia de COVID-19, que necessariamente condicionou algumas pesquisas a manter um

formato digital para o andamento da mesma e o período relativamente apertado para a construção em si. Vários pesquisadores, assim como esta pesquisadora, tiveram inúmeras dificuldades durante o período pandêmico, a falta de encontros presenciais para troca de conhecimentos e aproximação dos demais mestrandos é um dos exemplos, muitos de nós perdemos pessoas queridas em um curto espaço de tempo, desse modo, este mestrado foi realizado em um contexto atípico e desafiador.

Almejando evidenciar possíveis incongruências nas representações sociais para o grupo pesquisado, sugere-se, para futuras pesquisas, um recorte das análises por orientação sexual, sexo, religião e raça com a finalidade de complementar este trabalho. Ainda sugerimos a realização de entrevistas com os homens gays com deficiência visual para identificar possíveis situações de preconceito e discriminação no cotidiano deste público ou ainda.

Considerando os pressupostos teóricos ao qual nos debruçamos durante os nossos estudos, identificou-se que as pessoas com deficiência visual percorreram uma longa trajetória no que se refere à conquista de direitos e emancipação. Ao longo do desenvolvimento dessas pessoas, verificou-se inúmeras dificuldades no que tange ao processo de construção psicossocial, principalmente no que se refere ao desenvolvimento e vivências da sexualidade.

Também, é um consenso entre os estudiosos da área social que, apesar de as pessoas com deficiência visual possuírem um leque de direitos que os amparam no sentido de garantia de igualdade social, ainda nos tempos atuais, nos deparamos com situações que aviltam esses direitos, bem como uma inabilidade quase que geral da sociedade em desenvolver práticas acessíveis para integração plena desse público. Estes aviltamentos, ficaram evidenciados na presente pesquisa, como a falta de conhecimento e subestimação por parte do público pesquisado ao representar os homens gays com deficiência visual. São formas de exclusão e violência para com os homens gays com deficiência visual que, sofrem diariamente estes apagamentos escamoteados em forma de compreensão e colaboração.

No que se refere à construção das identidades dos homens gays com deficiência visual, como mencionado nesta pesquisa, a família possui uma grande influência e participa ativamente para a construção destas identidades, dessa forma, recai sobre ela a responsabilidade acerca do sucesso ou não desses sujeitos em formação. É pelo meio familiar que essas pessoas irão conceber seus valores sociais, culturais e as orientações sobre o contexto da sexualidade e suas nuances. Assim,

também identificamos nos estudos que a falta de informações acerca da sexualidade de pessoas com deficiência visual, pode acarretar prejuízos na formação das identidades sexuais dessas pessoas, fragilizando e colaborando para que estes não desenvolvam sua sexualidade de forma plena.

Assim, entendemos que as identidades são singulares e mutáveis, sendo necessário uma reflexão acerca das várias possibilidades de como os gays com deficiência visual se apresentam. Desse modo, partimos da premissa de que as RS são determinantes para a construção identitária, sendo elas basilares para as ideias grupais, conferindo-lhes uma peculiaridade dos demais sujeitos. Também compreendemos as RS como produtos identitários, levando em consideração de que os grupos também possuem representações sociais próprias bem como do seu posicionamento social para com os demais.

Compreendemos também, que é uma necessidade não somente do meio familiar, mas da sociedade como um todo, o dever de promover assuntos relacionados à sexualidade das pessoas com deficiência visual, visando desmistificar tabus sociais como os evidenciados, inclusive em pesquisas de mestrado, como explicitado na presente pesquisa que, acabam por colaborar para a exclusão e perpetuação de preconceitos e estereótipos que inferiorizam e marginalizam essas pessoas, uma vez que entendemos se tratar de uma reparação sociocultural e política.

As pessoas com deficiência visual, apesar de todas as dificuldades supracitadas estão cada vez mais ativas na sociedade, inclusive nos movimentos LGBTQIAP+ e, no que se refere aos homens gays com deficiência visual, identificamos que também existem inúmeras barreiras e compreensões equivocadas acerca desse público que foram evidenciadas nos termos emergidos como núcleo central das representações sociais dos homens gays sem deficiência.

Dessa forma, identificamos aqui uma necessidade urgente de se promover políticas de inclusão mais efetivas em todos os âmbitos da sociedade visando amenizar os estigmas e preconceitos para com as pessoas com deficiência visual de modo geral, pois, somente com ações assim, poderemos modificar entendimentos como os evidenciados nesta pesquisa. Entendemos que todas as pessoas devem ter as suas potencialidades respeitadas e reconhecidas de modo que possamos construir uma sociedade sem qualquer forma de violência e mais justa.

REFERÊNCIAS

ABRIC, Jean-Claude; CAMPOS, Pedro Humberto Faria. Les éducateurs et leur représentation sociale de l'enfant de rue au Brésil. **Exclusion sociale, insertion et prévention**. Paris: Erés, p. 137-149, 1996.

_____, Jean-Claude. A abordagem estrutural das representações sociais. **Estudos interdisciplinares de representação social**, v. 2, n. 1998, p. 27-38, 1998. Disponível em: A Abordagem Estrutural das Representações.pdf (ipl.pt) acesso em: 05/07/2021.

_____, Jean-Claude. La recherche du noyau central et de la zone muette des représentations sociales. **Méthodes d'étude des représentations sociales**, v. 296, 2003.

_____, Jean-Claude. A zona muda das representações sociais. Em: D. C. Oliveira & P. H. F. Campos (Orgs.). **Representações sociais: Uma teoria sem fronteiras** (p. 23 - 34) 2005. Rio de Janeiro: Museu da República.

AMANCIO, Marlene Nunes; RODRIGUES, Thiago Donda. EDUCAÇÃO INCLUSIVA E A INSTITUIÇÃO DISCIPLINAR ESCOLA: UMA DISCUSSÃO PERTINENTE. **DOCÊNCIA, DIVERSIDADE E INCLUSÃO**, p. 87 2020. [Assesment-as-a-Key-Element-in-The-process-of-Porpouse-Education-en-Lucelia-Tavares-Guimaraes-Maria-Jose-de-Jesus-Alves-Cordeiro-coord-Docencia-diversidade-e-inclusao.pdf \(researchgate.net\)](#) Acesso em: 02/02/2023.

ALBA, Martha. Representações sociais e memória coletiva: uma releitura. **Teoria das representações sociais**, v. 50, p. 393-432, 2014.. iBook/pdf. Organizadoras: Almeida AMO, Santos MFS, Trindade ZA. Disponível: https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwitlo2_gs3xAhU8FrkGHZbGDYMQFjAAegQIAhAD&url=http%3A%2F%2Fwww.technopolitik.com.br%2Ffiles%2FTRS%252050%2520anos2aEdAbr17PDFsRp.pdf&usg=AOvVaw3U-oYUzRipKM5u-aWUGkvq acesso em: 20/06/2021.

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith. Representações da identidade docente: uma contribuição para a formulação de políticas. **Ensaio: avaliação e políticas públicas em Educação**, v. 15, p. 579-594, 2007. [untitled \(scielo.br\)](#) Acesso em: 25/04/2023.

ANDRADE, Elmir Henrique Silva. **Representações sociais do corpo cego praticante de esporte**. 2020. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. [ElmirHenriqueSilvaAndrade DISSERT.pdf \(ufrn.br\)](#) Acesso em: 15/12/2022.

AMARAL, Lígia Assumpção. Sobre crocodilos e avestruzes: falando de diferenças físicas, preconceitos e sua superação. **Diferenças e preconceito na escola: alternativas teóricas e práticas**, v. 5, p. 11-30, 1998. Disponível em: https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&ved=2ahUKEwjlv5um_vPzAhV7rZUCHXCpDNYQFnoECAIQAQ&url=https%3A%2F%2Fedisciplinas.usp.br%2Fpluginfile.php%2F3990616%2Fmod_resource%2Fcontent%2F1%2FSobre_crocodilos_e_avestruzes__Ligia_Amaral%255B1%255D.rtf&usg=AOvVaw1

7GkOmdzwgqmZCPlun0DP- acesso em: 21/03/2021.

ARAUJOTRINDADE, Zeidi; DE SOUZA SANTOS, Maria de Fátima; DE OLIVEIRA ALMEIDA, Angela Maria. Ancoragem: notas sobre consensos e dissensos. **Conselho Editorial**, p. 134, 2014.

https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwitlo2_gs3xAhU8FrkGHZbGDYMQFjAAegQIAhAD&url=http%3A%2F%2Fwww.technopolitik.com.br%2Ffiles%2FTRS%252050%2520anos2aEdAbr17PDFsRp.pdf&usq=AOvVaw3U-oYUzRipKM5u-aWUGkvq acesso em: 20/06/2021.

ARO NAVEGA, Débora de; BORTOLOZZI, Ana Cláudia. Capítulo 5 ENCONTRO ÀS ESCURAS: SEXUALIDADE E DEFICIÊNCIA VISUAL1. **LEITURAS SOBRE A SEXUALIDADE EM FILMES: intersecções sobre vínculos, desejos e relacionamentos**, p. 95, 2020. [2021pack0188.pdf \(precoq.com.br\)](#) Acesso em: 21/08/2022.

AZEVEDO PRATES, Daniela Medeiros; PESSEL, Edson Roberto Martins. Inclusão escolar: narrativas de pessoa com deficiência visual. Cadernos do Aplicação, v. 35, 2022. Disponível em: [125106-Texto do artigo-551768-1-10-20221223 \(1\).pdf](#) Acessado em: 22/12/2022

BASTOS, Olga Maria; DESLANDES, Suely Ferreira. Sexuality and intellectual handicap: parents' narratives. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 22, n. 3, p. 1031-1046, 2012. Disponível em: SciELO - Brasil - Sexualidade e deficiência intelectual: narrativas de pais de adolescentes Sexualidade e deficiência intelectual: narrativas de pais de adolescentes acesso em: 20/04/2021.

BELARMINO, Joana. Associativismo e política: a luta dos grupos estigmatizados pela cidadania plena. **João Pessoa: Idéia**, 1996.

BEZERRA, Camilla Pontes; PAGLIUCA, Lorita Marlena Freitag. A experiência da sexualidade por adolescentes deficientes visuais. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 44, p. 578-583, 2010. Disponível em: 4 (scielo.br) acesso em: 29/06/2021.

BRAGA, Iara Falleiros et al. Violência familiar contra adolescentes e jovens gays e lésbicas: um estudo qualitativo. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 71, p. 1220-1227, 2018. [SciELO - Brasil - Family violence against gay and lesbian adolescents and young people: a qualitative study Family violence against gay and lesbian adolescents and young people: a qualitative study](#) Acesso em: 15/01/2023.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria-Geral. Subchefia para Assunto Jurídicos. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília, 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm Acesso em 02 jul.2022.

_____. Presidência da República. Decreto n. 5.296, de 2 de dezembro de 2004. Regulamenta as Leis n. 10.048, de 8 de novembro de 2000, que dá prioridade de atendimento às pessoas que especifica, e n. 10.098, de 19 de dezembro de 2000, que

estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 3 dez. 2004a. Não paginado. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5296.htm. Acesso em: 15/01/2023.

_____. Presidência da República. Secretaria Especial de Direitos Humanos. Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência. **A Convenção sobre os direitos das pessoas com deficiência**: versão comentada. [Internet]. 2ª ed. Brasília: Corde; 2008. Disponível: <http://www.adiron.com.br/site/uploads/File/ConvencaoComentada.pdf> acesso em: 25/05/2021.

BRUNO, Marilda Moraes Garcia; MOTA, Maria Glória Batista. Programa de capacitação de recursos humanos do ensino fundamental: deficiência visual. **Brasília: Ministério da Educação**, v. 2, 2001. Disponível em: Def_Visual_1.p65 (mec.gov.br) acesso em: 22/04/2021.

BUENO, José Geraldo Silveira. **Educação especial brasileira: integração/segregação do aluno diferente**. EDUC-Editora da PUC-SP, 1993.

CABRAL, Jacqueline Ribeiro. ARQUIVOS DA REPRESSÃO: representações sociais da diversidade sexual e de gênero na ditadura militar. In: **VIII Seminário de Saberes Arquivísticos**. 2017. Disponível em: Artigo (d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net) acesso em: 25/08/2021.

CHAGAS, Leonardo Borges Rodrigues et al. Terminologia LGBTQIAP+ em linguagens de indexação: uma análise discursiva crítica dos registros de autoridade de assunto da UFMG. 2022. https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/49137/2/Dissertação_Versão_Final.pdf Acesso em: 01/02/2023.

CAMARGO, Brígido Vizeu; SCHLOSSER, A.; GIACOMOZZI, Andreia Isabel. Aspectos epistemológicos do paradigma das representações sociais. **Representações Sociais e práticas psicossociais**. Curitiba: CMRV, p. 153-66, 2018. Disponível em: capítulo de livro.pdf (europhd.net) acesso: 01/06/2021.

CAMPOS BORGES, Yarana Este der; DA SILVA NOLETO, Rafael. Os estudos de gênero, raça, sexualidade e capacitismo: uma reflexão sobre os temas que atravessam a minha história. In: **XXXI Congresso da ANPPOM**. 2022.

CARDANO, Mario. Manual de pesquisa qualitativa. **A contribuição da teoria da argumentação**. Tradução: Elisabeth da Rosa Conill. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2017. Disponível em:

CARDANO_Manual_de_pesquisa_qualitativa_EXCERTO-with-cover-page-v2.pdf (d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net) acesso em: 04/11/2021.

COSTA, Jéssica Gomes das Mercês; MOREIRA, Patrícia Machado. Questões de gênero e sexualidade para todas. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**, v. 8,

n. 1, p. 244-262, 2022. Disponível em: [41373 \(uerj.br\)](http://41373.uerj.br) Acesso em: 22/12/2022

COSTA, Tadeu Lessa da. As representações sociais acerca das pessoas com HIV/AIDS entre enfermeiros: um estudo da zona muda. 2007. <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp040952.pdf>. Acesso em: 21/08/2022

COSTA, Marianna Stella Garcia Magesty da. A vivência da sexualidade na deficiência: uma revisão bibliográfica. 2018. [2018 MariannaStellaGarciaMagestydaCosta tcc.pdf \(unb.br\)](http://2018.MariannaStellaGarciaMagestydaCosta.tcc.pdf) Acesso em: 21/08/2022.

DESCHAMPS, Jean-Claude; MOLINER, Pascal. A identidade em psicologia social: dos processos identitários às representações sociais. **Petrópolis, RJ: Vozes**, 2009.

DEMOGRÁFICO, IBGE Censo. Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência. **Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**, 2010. Disponível em: http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd_2010_religiao_deficiencia.pdf Acesso em: 05/09/2021.

DUQUE, Tiago. “Lá não tem gay”: fronteira e relações de vizinhança envolvendo gêneros dissidentes e sexualidades disparatadas em Corumbá (MS). **Mneme-Revista de Humanidades**, v. 18, n. 40, p. 111-124, 2017. Disponível em: 12275-Texto do artigo-43003-1-10-20180415.pdf Acesso em: 02/11/2021.

FERREIRA, Maria Fernanda Alves da Silva. **Aprender a ser mãe e pai de uma filha e ou filho LGBT: o ativismo social e político das famílias**. 2021. Tese de Doutorado. [TMRI MFernandaFerreira.pdf \(uab.pt\)](http://TMRI.MFernandaFerreira.pdf) Acesso em: 15/01/2023.

FRANÇA, Dalva Nazaré Ornelas. A sociedade e a sexualidade da pessoa cega: preconceito, curiosidade, indiferença ou falta de conhecimento? **Revista Latinoamericana de Bioética**, v. 13, n. 1, p. 88-95, 2013a. Disponível em: Redalyc.A sociedade e a sexualidade da pessoa cega: preconceito, curiosidade, indiferença ou falta de conhecimento? Acesso em 05/09/2021.

_____, Dalva Nazaré Ornelas. Sexualidade da pessoa com cegueira: da percepção à expressão. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 19, p. 583-596, 2013b. Disponível em: v19n4_2013.indd (scielo.br) acesso em: 03/09/2021.

FREITAS, Talitta Tatiane Martins. A Visibilidade Do Que Não Se Quer Ver: Identidades Homoafetivas Sob As Lentes Das Telenovelas Do Brasil Contemporâneo. **Fato & Versões-Revista De História**, V. 7, N. 14, 2015.: A Visibilidade Do Que Não Se Quer Ver: Identidades Homoafetivas Sob As Lentes Das Telenovelas Do Brasil Contemporâneo | Fato & Versões - Revista De História (Ufms.Br) Acesso Em: 12/06/2021.

GAGNON, John H. Vários capítulos. **Uma interpretação do desejo: ensaios sobre o estudo da sexualidade**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

GARBINO, José Antonio; STUMP, Patrick. Conceitos de deficiência e deformidade,

incapacidade e invalidez. In: **Prevenção de incapacidades e reabilitação em hanseníase**. 2003. [Microsoft Word - Conceitos de Deficiência de Deformidade, Incapacidade \(ils.br\)](#) Acesso em: 15/04/2023.

GARRAFA, Volnei; PORTO, Dora. Bioética, poder e injustiça: por uma ética de intervenção. **Mundo Saúde (Impr.)**, p. 6-15, 2002. Disponível em: Bioética, poder e injustiça: por uma ética de intervenção | Mundo saúde (Impr.);26(1): 6-15, jan.-mar. 2002. | LILACS | SES-SP (bvsalud.org) acessado em: 20/03/2021.

GAUDENZI, Paula; ORTEGA, Francisco. Problematisando o conceito de deficiência a partir das noções de autonomia e normalidade. **Ciênc. saúde colet.**, vol. 21, n° 10, 2016. p. 3061-3070. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/HFz9VsDjHFTLsyCzNQThK9y/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 17 set. 2022

GAVÉRIO, Marco Antônio. Estranha atração: A criação de categorias científicas para explicar os desejos pela deficiência. 111 f. **Dissertação** (Mestrado em Sociologia). Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2017a. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/8921/DissMAG.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 08 mar. 2022.

GESSER, Marivete; BÖCK, Geisa Letícia Kempfer; LOPES, Paula Helena. Estudos da deficiência. **Curitiba: CRV editora**, 2020. Disponível em: GESSER, Marivete; BÖCK, Geisa Letícia Kempfer;... - Google Acadêmico Acesso em: 01/10/2021.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de empresas**, v. 35, n. 3, p. 20-29, 1995. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rae/a/ZX4cTGrqYfVhr7LvVyDBgdb/?lang=pt&format=pdf> acesso em: 02/11/2021.

GUEDES, Rebeca Nunes; FONSECA, Rosa Maria Godoy Serpa da. Autonomy as a structural need to face gender violence. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 45, p. 1731-1735, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reeusp/a/HgPw4p8bzGtsMYGNxFMFZNw/?format=pdf&lang=pt> Acesso em 25/03/2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Pesquisa Nacional de Saúde (PNS) 2019. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-permanentes/cpd/arquivos/cinthia-ministerio-da-saude> Acesso em: 22/12/2022.

JESUINO, Jorge Correia. Um conceito reencontrado. **Teoria das representações sociais**, v. 50, p. 42-75, 2014. [TRS 50 anos2aEdFinalMatriz17abr17PDFsumario.pdf \(technopolitik.com.br\)](#) Acesso em: 22/12/2022.

JODELET, Denise. A alteridade como produto e processo psicossocial. **Representando a alteridade**, v. 2, p. 47-67, 1998.

_____, Denise et al. As representações sociais. **Rio de Janeiro: Eduerj**, p. 17-44,

2001. [Representacoes-sociais-e-mundos-de-vida.pdf \(researchgate.net\)](#) Acesso em: 23/08/2021

_____, Denise. O movimento de retorno ao sujeito e a abordagem das representações sociais. **Sociedade e estado**, v. 24, p. 679-712, 2009. <https://www.scielo.br/j/se/a/bgm4vwYnbPvPy9dDGMWHgZt/?lang=pt&format=pdf> Acesso em: 23/08/2021

_____, Denise. Ponto de vista: Sobre o movimento das representações sociais na comunidade científica brasileira. **Temas em psicologia**, v. 19, n. 1, p. 19-26, 2011. [Redalyc.Ponto de Vista: Sobre o movimento das representações sociais na comunidade científica brasileira](#) Acesso em: 14/04/2023.

LICENCIATURAS, MATRIZES CURRICULARES; UFSCAR, D. A. Certo é que o paradigma da inclusão escolar tem como marco histórico a Declaração de Salamanca (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 1994), de que o Brasil é signatário, a qual, logo de início, apre-senta uma proposta desaiadora, com a seguinte airmação. **Educação inclusiva: em foco a formação de professores**, p. 77, 2021. [file:///C:/Users/raxim/Downloads/ali,+AS+POL%C3%8DTICAS+EDUCACIONAIS+INCLUSIVAS+E+A+PESSOA+COM+DEFICI%C3%8ANCIA.pdf](#) Acesso em: 02/02/2023.

LOPES, Zaira de Andrade. Meninas para um lado, meninos para outro: um estudo sobre representação social de gênero de educadores de creche. **Campo Grande, MS: Ed. UFMS**, v. 20000, 2000.

LOURO, Guacira Lopes. Currículo, gênero e sexualidade. **O “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”**. In.: **LOURO, GL**, 2000. Disponível em: Guacira Lopes Louro - O Corpo Educado _doc__rev_ (usp.br) acesso em: 11/07/2021.

_____, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. O corpo educado. **Belo Horizonte–Autêntica–2007**,1999. Disponível em: Guacira Lopes Louro - O Corpo Educado _doc__rev_ (usp.br) acesso em: 11/07/2021

MADARAS L. O que está acontecendo com o meu corpo? **Livro para meninos/Lynda Madaras com Area Madaras. Campinas: Verus**, 2011.

MAGALHÃES, Selma Reis. As fronteiras sexuais e os esquemas classificatórios. **Juventude. br**, n. 17, p. 18-22, 2019. [lepidus,+Páginas+de+Ed+17+jun.2019+-+COMPLETA5.pdf](#) Acesso em: 15/01/2023.

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi. Inclusão e sexualidade: Na voz de pessoas com deficiência física. **Revista Feminismos**, v. 2, n. 1, 2011. [Inclusão e sexualidade: na voz de pessoas com deficiência física | Curitiba; Juruá; 2011. 186 p. | SES-SP | SESSP-ILSLACERVO | SES-SP \(bvsalud.org\)](#) Acesso em: 02/11/2021..

_____, Ana Cláudia Bortolozzi. Sexualidade e educação sexual. 2020. https://acervodigital.unesp.br/bitstream/unesp/155340/3/unesp-nead_reei1_ee_d06_s03_texto02.pdf. Acesso em: 15 nov. 2022

MARKOVÁ, Ivana. A fabricação da teoria de representações sociais. **Cadernos de pesquisa**, v. 47, n. 163, p. 358-375, 2017. [CP163 Miolo.indb \(fcc.org.br\)](#) Acesso em: 15 nov. 2022

MARTINS, Alberto Mesaque et al. Masculinidades no reino de deus: corpo, gênero e representações sociais de homem entre frequentadores da igreja universal do reino de deus. 2019. [Microsoft Word - Tese Doutorado Alberto Mesaque 2019 final ficha.docx \(ufmg.br\)](#) Acesso em: 15/04/2023.

MAZERA, Maiara Suelen; SCHNEIDER, Dulcinéia Ghizoni; PADILHA, Maria Itayra. Política de acesso, acessibilidade e inclusão educacional da pessoa com deficiência: revisão integrativa [Policy of access, accessibility and educational inclusion for persons with disabilities: integrative review][Política de acceso, accesibilidad e inclusión educativa de personas con discapacidad: revisión integradora]. **Revista Enfermagem UERJ**, v. 29, n. 1, p. 55486, 2021. [55486-216584-2-PB.pdf](#) Acesso em: 15/01/2023.

MELLO, Anahí Guedes de et al. **Gênero, deficiência, cuidado e capacitismo: uma análise antropológica de experiências, narrativas e observações sobre violências contra mulheres com deficiência**. 2014. Dissertação de Mestrado. Florianópolis, SC. <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/182556/PASO0431-D.pdf?sequence=1> Acesso em: 10/03/2023.

MOLINER, Pascal. La structure des représentations sociales. **Images et Representations Sociales**, p. 51-78, 1996.

MOSCOVICI, Serge. Representações Sociais: investigações em psicologia social. Trad. de Pedrinho A. Guareschi. **Petrópolis. Vozes**, 2003.

_____, Serge. Prefácio. **Temas em psicologia**, v. 19, n. 1, p. VII-X, 2011. pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v19n1/v19n1a02.pdf acesso em: 02/05/2021.

_____, Serge. **A representação social da psicanálise. Trad. de Álvaro Cabral**. Zahar, 1978. Disponível em: MOSCOVICI, Serge. A representação social da psicanálise. Trad. por Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. 291p | Em Aberto (inep.gov.br) acesso em: 02/05/2021.

MOTA, Diego; DE AGUIAR, Juliana Maciel. O que pensam professores sobre avaliação: o núcleo central das representações sociais acerca de avaliação entre docentes do Colégio Pedro II. **Regae-Revista de Gestão e Avaliação Educacional**, v. 9, n. 18, p. 1-16, 2020. [O que pensam professores sobre avaliação: o núcleo central das representações sociais acerca de avaliação entre docentes do Colégio Pedro II \(redalyc.org\)](#) Acesso em: 21/04/2023.

MUNDIAL, Banco. ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Relatório mundial sobre a deficiência. **World Health Organization, The World Bank. Tradução Lexicus Serviços Linguísticos.-São Paulo: SEDPcD**, 2012. Disponível em: <http://www.pessoacomdeficiencia.sp.gov.br/usr/share/documents/RELATORIO_MUNDIAL_COMPLETO.pdf> Acesso em: 20/04/2021.

NOGUEIRA, Karine; DI GRILLO, Marcelo. Teoria das Representações Sociais: história, processos e abordagens. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 9, p. e146996756-e146996756, 2020. [6756-Article-105467-1-10-20200814 \(2\).pdf](#) Acesso em: 01/02/2022.

OLIVEIRA, DC de et al. Análise das evocações livres: uma técnica de análise estrutural das representações sociais. **Perspectivas teórico-metodológicas em representações sociais**, p. 573-603, 2005.

OMOTE, Sadao. Perspectivas para conceituação de deficiências. **Revista Brasileira de Educação Especial**. Piracicaba, v. 2, n. 4, 1996, p. 127-135. Disponível em: <http://www.abpee.net/pdf/artigos/art-4-Inl.pdf>. Acesso em 03 mar. 20221.

OMOTE, Sadao. Algumas tendências (ou modismos?) recentes em Educação Especial e a Revista Brasileira de Educação Especial. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 9, n. 01, p. 35-35, 2003. [v09n01a05.pdf \(fcc.org.br\)](#) Acesso em: 15/04/2023.

OMS, Organização Mundial da Saúde (World Health Organization). Blindness and vision impairment [Internet]. Geneva (CH); 2021 . Disponível em: <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/blindness-and-visual-impairment> Acesso em 15/12/2022;

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE- OMS. Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionadas à Saúde. 11.ed. Disponível em: <https://www.who.int/classifications/icd/revision/en/>. Acesso em: 20/04/ 2023.

PAULINO, Ana Cristina de Oliveira Borba et al. Representações sociais, inclusão social e resiliência no contexto da deficiência visual. 2017. [Ficha Catalográfica \(ufpb.br\)](#) Acesso em : 15/03/2023.

PECORA, Ana Rafaela. Análise de similitude. 74 slides. In: **Minicurso realizado na VII JORNADA INTERNACIONAL EV CONFERÊNCIA BRASILEIRA SOBRE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS**. Vitória, ES. 2011.

PESSOTTI, Isaias. Deficiência mental: da superstição à ciência. São Paulo: EDUSP, 1984. 204p. **Em Aberto**, v. 13, n. 60, 1993.

PERES, Raquel Jacintho et al. Insatisfação com a imagem corporal entre pessoas com deficiência visual. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 37, p. 362-366, 2015. [SciELO - Brasil - Insatisfação com a imagem corporal entre pessoas com deficiência visual Insatisfação com a imagem corporal entre pessoas com deficiência visual](#) Acesso em: 20/03/2023.

PICCOLO, Gustavo Martins. **Contribuições a um pensar sobre a deficiência**. Tese (Doutorado em Ciências Humanas). 2012a. 232 p. Programa de Pós-Graduação em Educação Especial, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/2898> . Acesso em: 15 fev. 2022.

RIBEIRO Karen. **Sexualidade e Gênero: estudo das relações afetivas de jovens**

surdas de uma escola municipal de educação especial de São Paulo. 2011. 210 f. Tese (Doutorado em Sociologia da Educação) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: Sexualidade e gênero: estudo das relações afetivas de jovens surdas de uma escola municipal de educação especial de São Paulo (minedu.gob.pe) acesso em: 21/04/2021.

RIBEIRO, Luiz Paulo; ANTUNES-ROCHA, Maria Isabel. IDENTIDADE E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: evidências e correlações a partir de pesquisas da área da Educação. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, v. 18, n. 52, p. 402-435, 2020.
<http://revistaadmmade.estacio.br/index.php/reeduc/article/viewFile/6256/47967598>
Acesso em: 15/04/2023.

RIBEIRO, Luiz Paulo. Sujeitos gays: identidade (s), estética (s) identitária (s) e violência. **Cadernos de Gênero e Tecnologia**, v. 15, n. 45, p. 112-129, 2022.
<https://revistas.utfpr.edu.br/cgt/article/viewFile/13274/8963> Acesso em: 15/04/2023.

ROCHA, Luis Fernando. **Teoria das representações sociais: a quebra de paradigmas das tendências clássicas das teorias psicológicas.** Psicologia: ciência e profissão, v. 34, n. 1, p. 46, 2014. Disponível em: https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwi3873Z2v3zAhXNqpUCHRYwCfoQFnoECAYQAQ&url=https%3A%2F%2Fwww.scielo.br%2FsciELO.php%3Fpid%3DS1414-98932014000100005%26script%3Dsci_abstract%26tIng%3Dpt&usg=AOvVaw24cw63efb9XWwz55w2ymuB acesso em: 02/11/2021.

RODRIGUES, André Iribure; CARVALHO, Amanda de. Desde a década de setenta, em setenta comerciais: as representações LGBT na publicidade e propaganda veiculadas na televisão brasileira. **Encontro Nacional de História da Mídia (10.: 2015 jun. 3-5: Porto Alegre, RS). Anais.[Porto Alegre, RS: Alcar, 2015]., 2015.** Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/132742/000980128.pdf?sequence=1> Acesso em: 01/09/2021.

ROZARIO, Elton Santa Brígida do. Para além das plumas e paetês: movimento LGBT no enfrentamento à LGBTfobia em Belém (PA). **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, v. 3, n. 9, p. 05-26, 2020. [9682-Texto do Artigo-41714-1-10-20200824.pdf](https://doi.org/10.20200824.pdf) Acesso em: 15/01/2023.

SÁ, Celso Pereira de. Representações sociais: teoria e pesquisa do núcleo central. **Temas em Psicologia**, v. 4, n. 3, p. 19-33, 1996. [v4n3a02.pdf \(bvsalud.org\)](https://bvsalud.org/v4n3a02.pdf) Acesso em: 25/09/2022.

_____, Pereira, Celso. **Núcleo central das representações sociais.** Petrópolis: Vozes; 1996.

_____, Celso Pereira de. A pesquisa das representações sociais pode nos enganar. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, v. 5, n. 11, p. 11-20, 2019. [A pesquisa das representações sociais pode nos enganar.pdf](https://doi.org/10.20200824.pdf) Acesso em: 21/08/2022

_____, Pereira, Celso. **Sobre o pensamento social e sua gênese: algumas impressões**. Art. 10. Teoria das Representações Sociais: 50 anos. 2 ed. 2014. iBook/pdf. Organizadoras: Almeida AMO, Santos MFS, Trindade ZA. Disponível: https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwitlo2_gs3xAhU8FrkGHZbGDYMQFjAAegQIAhAD&url=http%3A%2F%2Fwww.technopolitik.com.br%2Ffiles%2FTRS%252050%2520anos2aEdAbr17PDFsRp.pdf&usg=AOvVaw3U-oYUzRipKM5u-aWUGkvq acesso em: 20/06/2021.

SANTOS, Juciara Inácio dos et al. Processo de inclusão da criança com deficiência visual na educação. **Diversitas Journal**, v. 6, n. 3, p. 3607-3624, 2021. Disponível em: [1508-Arquivo contendo o artigo sem a identificação dos autores-8183-9371-10-20210809.pdf](#) Acesso em: 22/12/2022

SALVIATI, Maria Elisabeth. Manual do aplicativo IRaMuTeQ. 2017. **Planaltina**. Disponível em: <http://iramuteq.org/documentation/fichiers/manual-do-aplicativo-iramuteq-par-maria-elisabeth-salviat>. Acesso em 20/04/2023.

SANTOS, FRANCISCA ÁDILA DOS. DISCRIMINAÇÃO CONTRA DEFICIENTES VISUAIS: O PAPEL DA PERCEPÇÃO DE AMEAÇA, DO PRECONCEITO E DA OPOSIÇÃO ÀS POLÍTICAS DE INCLUSÃO. 2020. [FRANCISCA ÁDILA DOS SANTOS tcc.pdf \(ufpb.br\)](#) Acesso em: 21/08/2022.

SANTOS, Eduardo Gabriel Chaves Melo dos; LEMOS, Gabriel Soares de; BETTES, Paulo Sérgio Loiácono. A importância da dança na vida do deficiente visual Pesquisa na Associação Mafrense dos Deficientes Visuais–AMADEV. **Brazilian Journal of Development**, v. 7, n. 11, p. 108292-108306, 2021. [View of A importância da dança na vida do deficiente visual Pesquisa na Associação Mafrense dos Deficientes Visuais – AMADEV / The importance of dance in the life of the visually impaired Research at the Mafrense Association for the Visually Impaired - AMADEV \(brazilianjournals.com.br\)](#) Acesso em: 22/12/2022

SASSAKI, Romeu Kazumi et al. Terminologia sobre deficiência na era da inclusão. **Revista Nacional de Reabilitação, São Paulo, ano**, v. 5, p. 6-9, 2003. [terminologia inclusiva-libre.pdf \(d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net\)](#) acesso em: 01/02/2023.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & realidade**, v. 20, n. 2, 1995. Disponível em: <http://archive.org/download/scott_gender/scott_gender.pdf>. Acesso 20/01/2021.

SILVA, Ana Luísa Remor da; FINKLE, Mirelle; MORETTI-PIRES, Rodrigo Otávio. Representações sociais de trabalhadores da atenção básica à saúde sobre pessoas LGBT. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 17, 2019. [REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE TRABALHADORES DA atenção basica.pdf](#) Acesso em: 20/06/2022.

SILVA FERREIRA, Wellington Fernando; DE OLIVEIRA, Elia Machado; DE ALMEIDA DUTRA, Denecir. Representações sociais acerca da epistemologia dos gêneros: aspectos concepções e práticas em enfermagem. **Revista Jurídica Uniandrade**, v. 31, n. 2, p. 32-45, 2020. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rgenf/a/RdKMYf8Q4yPJDvMybtjJWYj/?lang=pt> acesso em: 25/03/2021.

SILVEIRA, Tatiana dos Santos da. **Deficiência Visual: Fundamentos e Metodologias**. Centro Universitário Leonardo da Vinci, Indaial, Grupo UNIASSELVI, 2009, 130 p. Disponível em: <https://www.uniasselvi.com.br/extranet/layout/request/trilha/materiais/livro/livro.php?codigo=30545>. Acesso em: 03 mai. 2022.

SIQUEIRA, Carolina Cordeiro; BAHLS, Diego Paiva; CALDAS, Felipe Rodrigo. Representações de gênero no jogo FreeFire: uma problemática fundamentada na cultura visual1. **CDD: 370 CDU-37**, p. 50, 2021. Acesso: (PDF) Ebook-Estudos Sobre Pedagogias Culturais | Daniela Finco e Fernanda Theodoro Roveri - Academia.edu acesso em :13/06/2021.

SIQUEIRA, Denise; DORNELLES, Tarso Germany; DE ASSUNÇÃO, Sabrina Mangrich. EXPERIENCIANDO CAPACITISMO: a vivência de três pessoas com deficiência. **ESTUDOS DA DEFICIÊNCIA**, p. 145, 2020. [Estudos da deficiência anticapacitismo e emancipacao social-libre.pdf \(d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net\)](#) Acesso em: 15/01/2023.

SOUZA, Maria Clara Batista de. **Etiologia da deficiência visual, com ênfase nos agentes infecciosos, dos alunos admitidos em um centro de referência nacional na área da deficiência visual (2015-2021)**. 2022. Tese de Doutorado. [\[PDF\] fiocruz.br](#) Acesso em: 22/12/2022

SOUZA, Djonatan Kaic Ribeiro. Uma perspectiva sobre sexualidade através da ontologia do ser social. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, v. 3, n. 10, p. 128-149, 2020. Disponível em: [10562-Texto do Artigo-44771-1-10-20201229.pdf](#) Acesso em: 15/01/2023.

SILVA, Liliam Carla Vieira Gimenes et al. **Representações sociais de mulheres deficientes visuais: implicações no âmbito da vivência cotidiana**. 2015. [Dissertação Liliam Carla \(pucgoias.edu.br\)](#) Acesso em: 15/04/2023.

THEODORO, Helen Cristiane da Silva. Sexualidade de jovens-adultos/os com deficiência visual. 2022. **Dissertação** (Mestrado em Sociologia). Programa de Pós-graduação em Educação Especial, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2022. Disponível em: [Sexualidade de jovens-adultas/os com deficiência visual \(ufscar.br\)](#) . Acesso em: 28/10/2022.

VALA, Jorge; CASTRO, Paula. Pensamento social e representações sociais. **Psicologia social (9ª edição revista e actualizada)**, p. 569-602, 2013. [ICS_JVala_Pensamento CLN.pdf \(ul.pt\)](#) Acesso em: 22/12/2022

VILHAGRA, Bárbara Samudio Figueiredo et al. O PROCESSO EDUCACIONAL DA CRIANÇA EM CONDIÇÃO DE CEGUEIRA: O MUNICÍPIO DE PONTA PORÃ, MATO GROSSO DO SUL. **South American Journal of Basic Education, Technical and Technological**, v. 8, n. 1, p. 584-601, 2021. [\[PDF\] ufac.br](#) Acesso em: 22/12/2022

VITALI, Marieli Mezari et al. “Homem é homem e mulher é mulher, o resto, sem-vergonhice”: representações sociais da transexualidade sobre comentários da internet. **Saúde e Sociedade**, v. 28, p. 243-254, 2019. Disponível em: pt (scielosp.org) Acesso em: 23/08/2021.

WANDERLEY, L. D. et al. Sexuality, STD and condom: gender comparative among the visually impaired. **Rev enferm UERJ**, v. 20, n. 4, p. 463-9, 2012.. Disponível em: Sexualidade, DST e preservativo: comparativo de gênero entre deficientes visuais [Sexuality, STD, and condom: gender comparative among the visually impaired] [Sexualidad, EST y preservativo: género comparativo de género entre deficientes visuales] | Wanderley | Revista Enfermagem UERJ acesso em: 15/07/2021.

WACHELKE, João; WOLTER, Rafael. Critérios de construção e relato da análise prototípica para representações sociais. **Psicologia: Teoria e pesquisa**, v. 27, p. 521-526, 2011.
<https://www.scielo.br/j/ptp/a/bdqVHwLbSD8gyWcZwrJHqGr/?lang=pt&format=pdf>
Acesso em: 20/01/2022.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Técnica da Associação Livre de Palavras (TTALP)

Estamos
quase
lá..

Nessa última etapa, gostaríamos de saber as primeiras palavras que lhe vem à mente a partir de um conjunto de palavras e termos. Anote no quadro abaixo, as primeiras CINCO palavras ou expressões que lhe vem à cabeça, separadas por um ponto e vírgula. Na questão seguinte, você poderá organizar as palavras por ordem de importância.

20. Quando você pensa em "HOMEM" quais são as cinco primeiras palavras que lhe vêm à mente? (Separe por . ou ;)

28/11/2021 11:01

Pesquisa: Representações Sociais de Homens Gays sobre a Sexualidade de Homens Gays com Deficiência Visual

21. Reescreva sua resposta anterior organizando as palavras por ordem de importância (da mais importante a menos importante)

22. Quando você pensa em "HOMEM GAY" quais são as cinco primeiras palavras que lhe vêm à mente? (Separe por . ou :)

23. Reescreva sua resposta anterior organizando as palavras por ordem de importância (da mais importante a menos importante)

24. Quando você pensa em "DEFICIÊNCIA VISUAL" quais são as cinco primeiras palavras que lhe vêm à mente? (Separe por . ou :)

28/11/2021 11:01

Pesquisa: Representações Sociais de Homens Gays sobre a Sexualidade de Homens Gays com Deficiência Visual

25. *Marcar apenas uma oval.*

☐ Opção 1

26. Reescreva sua resposta anterior organizando as palavras por ordem de importância (da mais importante a menos importante)

27. Quando você pensa em "HOMEM GAY COM DEFICIÊNCIA VISUAL" quais são as cinco primeiras palavras que lhe vêm à mente? (Separe por , ou ;)

28. Reescreva sua resposta anterior organizando as palavras por ordem de importância (da mais importante a menos importante)

28/11/2021 11:01

Pesquisa: Representações Sociais de Homens Gays sobre a Sexualidade de Homens Gays com Deficiência Visual

29. Quando você pensa em "SEXUALIDADE DE HOMENS GAYS COM DEFICIÊNCIA VISUAL" quais são as cinco primeiras palavras que lhe vêm à mente? (Separe por . ou :)

30. Reescreva sua resposta anterior organizando as palavras por ordem de importância (da mais importante a menos importante)

Para
finalizar...

Agora, repetiremos o mesmo exercício. Entretanto, você responderá considerando o que OUTROS HOMENS GAYS responderiam.

31. Em relação ao termo "HOMEM", relacione as cinco primeiras palavras que você acredita que os outros homens gays responderiam (Separe por . ou :)

28/11/2021 11:01

Pesquisa: Representações Sociais de Homens Gays sobre a Sexualidade de Homens Gays com Deficiência Visual

32. Em relação ao termo "HOMEM GAY", relacione as cinco primeiras palavras que você acredita que os outros homens gays responderiam (Separe por . ou ;)

33. Em relação ao termo "DEFICIÊNCIA VISUAL", relacione as cinco primeiras palavras que você acredita que os outros homens gays responderiam (Separe por . ou ;)

34. Em relação ao termo "HOMEM GAY COM DEFICIÊNCIA VISUAL", relacione as cinco primeiras palavras que você acredita que os outros homens gays responderiam (Separe por . ou ;)

28/11/2021 11:01

Pesquisa: Representações Sociais de Homens Gays sobre a Sexualidade de Homens Gays com Deficiência Visual

35. Em relação ao termo "SEXUALIDADE DE HOMENS GAYS COM DEFICIÊNCIA VISUAL", relacione as cinco primeiras palavras que você acredita que os outros homens gays responderiam (Separe por . ou ;)

Agradecimentos

Agradecemos a participação na pesquisa.

Caso sinta necessidade, você poderá entrar em contato conosco por meio dos contatos abaixo:

Pesquisador Responsável: Alberto Mesaque Martins. Endereço: Estrada Ns-02, nº 22, Chácara dos Podereas – Campo Grande – MS. Cep: 79037-815. Tel.: (67) 99325-1423 E-mail: alberto.mesaque@ufms.br

Pesquisador Assistente: Geraldo Ferreira dos Santos. Endereço: Av. Afonso Pena, nº 1974, Centro – Campo Grande – MS. Cep: 79002-071. Tel.: (67) 99264-4701 E-mail: gferreira_psicologia@hotmail.com

Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos: Campus da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, prédio das Pró-Reitorias - Hércules Maymone – 1º andar, Av. Costa e Silva, s/nº - Bairro Universitário, Campo Grande - MS - CEP: 79070900 – E-mail: cepconepp.ropp@ufms.br – Tel.: (67)3345-7187

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Título da Pesquisa: Representações Sociais de Homens Gays sobre Homens Gays com Deficiência Visual

Pesquisador Responsável: Alberto Mesaque Martins. Endereço: Estrada Ns-02, nº 22, Chácara dos Poderes – Campo Grande – MS. Cep: 79037-815. Tel.: (67) 99325-1423 E-mail: alberto.mesaque@ufms.br

Pesquisadora Assistente: Geíza Ferreira dos Santos. Endereço: Rua Wanderley Pavão nº 259, Jardim Aeroporto – Campo Grande – MS. Cep: 79103-833. Tel.: (67) 99264-4701 E-mail: gferreira.psicologia@hotmail.com

Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos: Campus da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, prédio das Pró-Reitorias - Hércules Maymone – 1º andar, Av. Costa e Silva, s/nº - Bairro Universitário, Campo Grande –MS - CEP: 79070900 – E-mail: cepconeppropp@ufms.br – Tel.: (67)3345-7187

Caro participante,

Este estudo tem como finalidade identificar e analisar as Representações Sociais de Homens Gays sobre a Sexualidade de Homens Gays com Deficiência Visual. De forma mais específica, buscamos compreender como se constitui no imaginário deste público a figura dos gays com as peculiaridades de uma deficiência. Esses dados podem colaborar para o desenvolvimento de pesquisas futuras acerca dos fenômenos de Representações Sociais relacionados à sexualidade de Homens Gays com Deficiência Visual. Gostaríamos de convidá-lo a participar dessa pesquisa através do preenchimento de um formulário, que será disponibilizado online, neste caso, serão solicitados primeiramente informações sociodemográficas e depois haverá alguns termos indutores para que responda informando no campo de resposta as primeiras palavras que surgirem à mente após a leitura. O tempo médio para o preenchimento do formulário é em torno de 10 a 15 minutos. Sua participação não oferece riscos físicos ou psicológicos diretamente. Porém, por se tratar de questões relacionadas à sexualidade, há possibilidades de que você experiencie alguns sentimentos que possam deixá-lo fragilizado emocionalmente. Por este motivo, esta pesquisa terá acompanhamento e orientação de um Psicólogo (Alberto Mesaque Martins CRP-14/08402-7), conforme a necessidade, você poderá solicitar atendimentos psicológicos gratuitos na Clínica de Psicologia da UFMS, sendo garantido seu atendimento de forma gratuita. Se houver despesas decorrentes de sua participação

na pesquisa, você e seu/sua acompanhante, se houver, serão reembolsados. Se houver danos eventuais em virtude da sua participação na presente pesquisa, será indenizado. Sendo garantido o seu anonimato em todas as etapas da pesquisa. Também em qualquer fase da pesquisa, será garantido a sua ampla liberdade de se recusar a participar ou retirar o seu consentimento em qualquer tempo, sem que resulte quaisquer prejuízos a você. as informações coletadas por meio dos formulários serão exclusivamente utilizadas para fins desta pesquisa bem como para a produção de artigos e outros trabalhos científicos. Ainda, em virtude de serem formulários que, para a coleta dos dados, ficam armazenados em “nuvem” provisoriamente, pode-se haver fragilidades no que se refere ao sigilo de informações pois nenhum dado que esteja em ambientes virtuais estão seguros totalmente, havendo a possibilidade de violações por *hackers* ou vazamentos de dados por circunstâncias diversas tais como: roubo ou furto de dispositivos onde as contas de *e-mails* ou armazenamentos estejam logados; fragilidades na segurança nas plataformas de armazenamento de dados da pesquisa; acesso indevido de pessoas não autorizadas aos ambientes virtuais relacionados a pesquisa entre outras fragilidades ainda desconhecidas pelos pesquisadores. No entanto, para minimizar estes riscos, os pesquisadores se comprometem em realizar o download dos dados obtidos pelos formulários e e-mails dos participantes apagando todos os dados dos ambientes virtuais após a coleta dos dados de quaisquer plataformas compartilhadas ou “nuvem” de armazenamento *on-line*, no caso de contato realizado por e-mail, ocorrerá individualmente, ou seja, os pesquisadores não utilizarão lista de contatos para que não ocorra exposição dos e-mails dos participantes, se houver disparo em listas, serão de modo oculto. Ainda, os pesquisadores irão manter estes dados em computador físico e com softwares de segurança contra vírus sempre atualizados. Enfatiza-se ainda que em nenhum momento da pesquisa, será utilizado os nomes dos participantes, somente serão utilizados códigos para citá-los. Por um período mínimo de 05 anos após o término da pesquisa, todos os documentos relacionados a mesma ficarão sob guarda e inteira responsabilidade do pesquisador responsável (Alberto Mesaque Martins). Após esse período os arquivos contendo as análises serão eliminados pelo próprio pesquisador, conforme estabelecido na Alínea “f” do Item XI.2 da Resolução CNS N° 466/2012. Ainda informamos que, se aceitar participar desta pesquisa, a sua participação terá caráter voluntário, não conferindo direito a qualquer tipo de ressarcimento ou remuneração. Contudo, caso seja comprovado algum tipo de dano relacionado à sua

participação na pesquisa, garantiremos a indenização. Você poderá realizar o download desse termo de consentimento, assinado pelos pesquisadores, assim que o aceitar e, caso tenha qualquer dúvida poderá entrar em contato com os responsáveis pela pesquisa e/ou com o Comitê de Ética da UFMS por meio dos contatos informados no início desse documento.

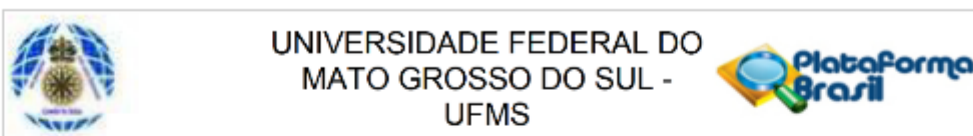
Também declaramos e asseguramos o cumprimento das exigências contidas no item IV.3 da Resolução CNS/MS nº 466/2012, que é um documento que estabelece que critérios que asseguram os aspectos éticos de toda investigação que envolva seres humanos.

Campo Grande, _____ de _____ de 20____.

Participante

Pesquisador Assistente

Pesquisador Responsável



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE HOMENS GAYS SOBRE A SEXUALIDADE DE HOMENS GAYS COM DEFICIÊNCIA VISUAL

Pesquisador: Alberto Mesaque Martins

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 53951221.4.0000.0021

Instituição Proponente: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.186.423

Apresentação do Projeto:

Trata-se protocolo de pesquisa para realização do estudo sob a responsabilidade do pesquisador Alberto Mesaque Martins intitulado "Representações sociais de homens gays sobre a sexualidade de homens gays com deficiência visual". De acordo com o pesquisador, trata-se de um estudo descritivo exploratório de caráter qualitativo, que possibilitará a compreensão de como se constrói o pensamento social de um grupo, especificamente as representações sociais de homens gays sobre a sexualidade de homens gays com deficiência visual.

Objetivo da Pesquisa:

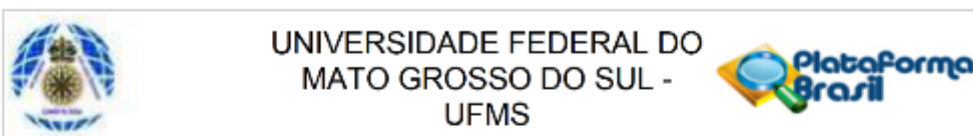
Objetivo Primário:

Identificar e analisar as Representações Sociais de Homens Gays sobre a Sexualidade de Homens Gays com Deficiência Visual.

Objetivos Secundários:

- Identificar como os homens com Deficiência Visual Gays são reconhecidos por Homens Gays sem deficiência;
- Conhecer os elementos das Representações Sociais elencados pelos participantes gays sobre os gays com Deficiência Visual em relação ao exercício da sexualidade;
- Identificar os dados relevantes e estruturais (núcleos centrais e sistemas periféricos) das

Endereço: Av. Costa e Silva, s/nº - Pioneiros, Prédio das Pró-Reitorias, Hércules Maymone, 1º andar
Bairro: Pioneiros **CEP:** 70.070-900
UF: MS **Município:** CAMPO GRANDE
Telefone: (67)3345-7187 **Fax:** (67)3345-7187 **E-mail:** cepconcep.propp@ufms.br



Continuação do Parecer: 5.186.423

- representações sociais dos homens gays sobre os homens gays com Deficiência Visual;
- d) Explicitar como os elementos centrais das representações sociais de homens gays com Deficiência Visual são organizados pelos homens gays;
- e) Caracterizar como a sexualidade de homens gays com Deficiência Visual é representado por homens gays.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Em relação aos riscos, o pesquisador afirma que "A pesquisa não oferece riscos físicos ou psicológicos diretamente. Porém, por se tratar de questões relacionadas à sexualidade, há possibilidades de que os participantes experienciem alguns sentimentos que possam deixá-lo fragilizados emocionalmente. Por este motivo, esta pesquisa terá acompanhamento e orientação de um Psicólogo (Alberto Mesaque Martins CRP-14/08402-7), conforme a necessidade, o participante poderá solicitar atendimentos psicológicos gratuitos na Clínica de Psicologia da UFMS, sendo garantido seu atendimento de forma gratuita."

Em relação aos benefícios da pesquisa o pesquisador ressalta que "Os benefícios almejados com esta proposta é de minimizar os possíveis preconceitos sofridos pelos homens gays com deficiência visual e proporcionar ao público de Homens Gays sem deficiência mais conhecimentos acerca desta população." A análise dos riscos e benefícios nos leva a concluir que atendem satisfatoriamente aos requisitos estabelecidos e determinados na Resolução CNS Nº 466, de 12 de dezembro de 2012, que regulamenta os procedimentos para pesquisas envolvendo seres humanos, contudo, por se tratar de uma pesquisa em que a coleta de dados e informações será obtida através de ambientes virtuais, os riscos relacionados ao uso dessas tecnologias deve ser descritos, bem como os meios a serem utilizados para minimizá-los ou eliminá-los.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O tema abordado trás para discussão questões ligadas às representações sociais de um grupo específico mas que são importantes para a convivência pacífica e humanizada. O projeto procurou atender aos requisitos da legislação vigente sobre pesquisa envolvendo seres humanos, contudo, este comitê identificou algumas questões que devem ser esclarecidas pelo pesquisador e que estão descritas no item "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações".

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Endereço: Av. Costa e Silva, s/nº - Pioneiros, Prédio das Pró-Reitorias, Hércules Maymone, 1º andar
 Bairro: Pioneiros CEP: 70.070-900
 UF: MS Município: CAMPO GRANDE
 Telefone: (67)3345-7187 Fax: (67)3345-7187 E-mail: cspconep.propp@ufms.br



Continuação do Parecer: 5.186.423

O pesquisador anexou ao protocolo da pesquisa os seguintes documentos:

- 1) Comprovante de recepção do projeto de pesquisa
- 2) Folha de Rosto do Projeto de Pesquisa Assinado pela Diretora da FACH.
- 3) PB Informações Básicas do Projeto
- 4) Carta Clínica Psicologia - Garantia de Atendimento
- 5) Resolução de Colegiado aprovando o projeto de pesquisa
- 6) Projeto Detalhado
- 7) TCLE
- 8) Currículos do pesquisador e membro da equipe de pesquisa.

4) TCLE E Instrumento de pesquisa virtual

5)

Recomendações:

Recomenda-se ao pesquisador que uma vez concluída a coleta de dados fazer o download dos dados coletados para um dispositivo eletrônico local, apagando todo e qualquer registro de qualquer plataforma virtual, ambiente compartilhado ou "nuvem". O mesmo cuidado deverá ser seguido para os registros de consentimento livre e esclarecido. É recomendado ao pesquisador responsável fazer o download dos dados, não sendo indicado a sua manutenção em qualquer plataforma virtual, ambiente compartilhado ou "nuvem".

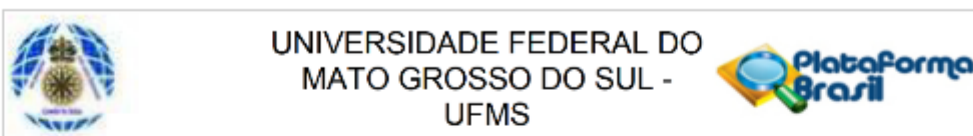
Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Após a análise de toda a documentação, solicita-se que o pesquisador, apresente EM DESTAQUE todas as alterações nos documentos e que submeta uma CARTA RESPOSTA endereçando cada uma das conclusões ou pendências abaixo relacionadas:

1) Corrigir no TCLE o tempo destinado à guarda dos dados da pesquisa pelo pesquisador conforme estabelecido na Alínea "f" do Item XI.2 da Resolução CNS Nº 466/2012 que determina que cabe ao pesquisador "manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período de 5 anos após o término da pesquisa.

2) De acordo com o item 1.2.1 do Anexo do OFÍCIO CIRCULAR Nº 2/2021/CONEP/SECNS/MS, de 24 de fevereiro de 2021, ao submeter o projeto ao protocolo de pesquisa ao Sistema CEP/CONEP "Caberá ao pesquisador destacar, além dos riscos e benefícios relacionados com a participação na pesquisa, aqueles riscos característicos do ambiente virtual, meios eletrônicos, ou atividades não presenciais, em função das limitações das tecnologias utilizadas. Adicionalmente, devem ser

Endereço: Av. Costa e Silva, s/nº - Pioneiros, Prédio das Pró-Reitorias, Hércules Maymone, 1º andar
Bairro: Pioneiros **CEP:** 70.070-900
UF: MS **Município:** CAMPO GRANDE
Telefone: (67)3345-7187 **Fax:** (67)3345-7187 **E-mail:** cepconep.propp@ufms.br



Continuação do Parecer: 5.186.423

Informadas as limitações dos pesquisadores para assegurar total confidencialidade e potencial risco de sua violação."

Nesse sentido, este comitê solicita a inclusão desses esclarecimentos no texto referente aos riscos e benefícios nas "Informações Básicas do Projeto", no "Projeto Detalhado" e no "TCLE" considerando a utilização de ambiente virtual para a coleta de dados e informações. Descrever os riscos decorrentes do uso dos ambientes virtuais, bem como os cuidados para minimizá-los ou evitá-los.

3) Observa-se no texto relacionado a Metodologia do Projeto que "A pesquisa será divulgada em redes sociais e por meio de aplicativos de mensagens onde os grupos com participantes gays estejam reunidos, contendo uma breve descrição. O acesso será por meio de um link onde serão direcionados para o formulário online. Ressalta-se que o link será enviado de forma individual, por meio de mensagens privadas, sem a possibilidade de que outros sujeitos tenham conhecimento da participação dos interessados."

Em atenção ao item 2 do Anexo do OFÍCIO CIRCULAR Nº 2/2021/CONEP/SECNS/MS, de 24 de fevereiro de 2021, que estabelece:

2.1. O convite para participação na pesquisa não deve ser feito com a utilização de listas que permitam a identificação dos convidados nem a visualização dos seus dados de contato (e-mail, telefone, etc) por terceiros.

2.1.1. Qualquer convite individual enviado por e-mail só poderá ter um remetente e um destinatário, ou ser enviado na forma de lista oculta.

2.2. Quando a coleta de dados ocorrer em ambiente virtual (com uso de programas para coleta ou registro de dados, e-mail, entre outros), na modalidade de consentimento (Registro ou TCLE), o pesquisador deve enfatizar a importância do participante de pesquisa guardar em seus arquivos uma cópia do documento eletrônico.

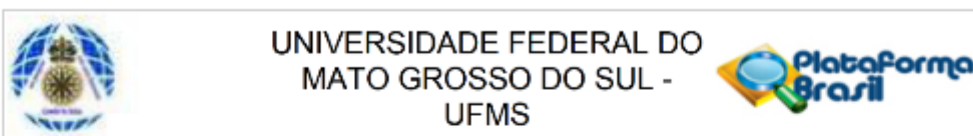
2.2.2. Caso tenha pergunta obrigatória deve constar no TCLE o direito do participante de não responder a pergunta.

Nesse sentido, este Comitê solicita a revisão do texto relacionado ao processo de identificação, seleção e contatos com os participantes da pesquisa. Solicitamos um melhor detalhamento dos procedimentos de estabelecidos nos itens descritos 2.1, 2.1.1, 2.2, 2.2.1. para que possam ser avaliadas as questões éticas envolvidas nesse processo.

Considerações Finais a critério do CEP:

CONFIRA AS ATUALIZAÇÕES DISPONÍVEIS NA PÁGINA DO CEP/UFMS

Endereço: Av. Costa e Silva, s/nº - Pioneiros, Prédio das Pró-Reitorias, Hércules Maymone, 1º andar
 Bairro: Pioneiros CEP: 70.070-900
 UF: MS Município: CAMPO GRANDE
 Telefone: (67)3345-7187 Fax: (67)3345-7187 E-mail: cepconep.propp@ufms.br



Continuação do Parecer: 5.186.423

1) Regimento Interno do CEP/UFMS

Disponível em: <https://cep.ufms.br/novo-regimento-interno/>

2) Renovação de registro do CEP/UFMS

Disponível em: <https://cep.ufms.br/registro/>

3) Calendário de reuniões de 2021

Disponível em: <https://cep.ufms.br/calendario-de-reunioes-do-cep-2021/>

4) Composição do CEP/UFMS

Disponível em: <https://cep.ufms.br/composicao-do-cep-ufms/>

5) Etapas do trâmite de protocolos no CEP via Plataforma Brasil

Disponível em: <https://cep.ufms.br/etapas-do-tramite-de-protocolos-no-cep-via-plataforma-brasil/>

6) Legislação e outros documentos:

Considerações Finais a critério do CEP:

Resoluções do CNS.

Norma Operacional nº001/2013.

Portaria nº2.201 do Ministério da Saúde.

Cartas Circulares da Conep.

Resolução COPP/UFMS nº240/2017.

Outros documentos como o manual do pesquisador, manual para download de pareceres, pendências frequentes em protocolos de pesquisa clínica v 1.0, etc.

Disponíveis em: <https://cep.ufms.br/legislacoes-2/>

7) Informações essenciais do projeto detalhado

Disponíveis em: <https://cep.ufms.br/informacoes-essenciais-projeto-detalhado/>

8) Informações essenciais – TCLE e TALE

Disponíveis em: <https://cep.ufms.br/informacoes-essenciais-tcle-e-tale/>

- Orientações quanto aos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e aos Termos de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) que serão submetidos por meio do Sistema Plataforma Brasil versão 2.0.

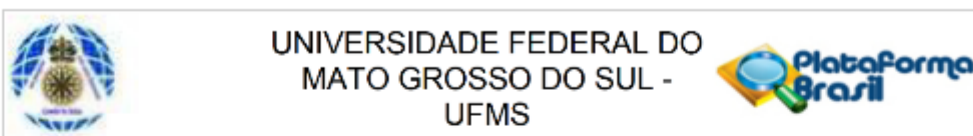
- Modelo de TCLE para os participantes da pesquisa versão 2.0.

- Modelo de TCLE para os responsáveis pelos participantes da pesquisa menores de idade e/ou legalmente incapazes versão 2.0.

9) Biobancos e Biorrepositórios para armazenamento de material biológico humano

Disponível em: <https://cep.ufms.br/biobancos-e-biorrepositorios-para-material-biologico->

Endereço: Av. Costa e Silva, s/nº - Pioneiros, Prédio das Pró-Reitorias, Hércules Maymone, 1º andar
Bairro: Pioneiros **CEP:** 70.070-900
UF: MS **Município:** CAMPO GRANDE
Telefone: (67)3345-7187 **Fax:** (67)3345-7187 **E-mail:** cepconep.propp@ufms.br



Continuação do Parecer: 5.186.423

humano/

10) Relato de caso ou projeto de relato de caso?

Disponível em: <https://cep.ufms.br/662-2/70.070>

11) Cartilha dos direitos dos participantes de pesquisa

Disponível em: <https://cep.ufms.br/cartilha-dos-direitos-dos-participantes-de-pesquisa/>

12) Tramitação de eventos adversos

Disponível em: <https://cep.ufms.br/tramitacao-de-eventos-adversos-no-sistema-cep-conep/>

13) Declaração de uso de material biológico e dados coletados

Disponível em: <https://cep.ufms.br/declaracao-de-uso-material-biologico/>

14) Termo de compromisso para utilização de informações de prontuários em projeto de pesquisa

Disponível em: <https://cep.ufms.br/termo-de-compromisso-prontuarios/>

15) Termo de compromisso para utilização de informações de banco de dados

Disponível em: <https://cep.ufms.br/termo-de-compromisso-banco-de-dados/>

16) Orientações para procedimentos em pesquisas com qualquer etapa em ambiente virtual

Disponível em: <https://cep.ufms.br/orientacoes-para-procedimentos-em-pesquisas-com-qualqueretapaemambiente-virtual/>

17) Solicitação de dispensa de TCLE e/ou TALE

Disponível em: <https://cep.ufms.br/solicitacao-de-dispensa-de-tcle-ou-tale/>

DURANTE A PANDEMIA CAUSADA PELO SARS-CoV-2, CONSIDERAR:

Solicitamos aos pesquisadores que se atentem e obedeçam às medidas de segurança adotadas pelos locais de pesquisa, pelos governos municipais e estaduais, pelo Ministério da Saúde e pelas demais instâncias do governo devido a excepcionalidade da situação para a prevenção do contágio e o enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus (Covid-19).

As medidas de segurança adotadas poderão interferir no processo de realização das pesquisas envolvendo seres humanos. Quer seja no contato do pesquisador com os participantes para coleta de dados e execução da pesquisa ou mesmo no processo de obtenção do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido-TCLE e Termo de Assentimento Livre e Esclarecido-TALE, incidindo sobre o cronograma da pesquisa e outros.

Orientamos ao pesquisador na situação em que tenha seu projeto de pesquisa aprovado pelo CEP e em decorrência do contexto necessite alterar seu cronograma de execução, que faça a devida "Notificação" via Plataforma Brasil, informando alterações no cronograma de execução da

Endereço: Av. Costa e Silva, s/nº - Pioneiros, Prédio das Pró-Reitorias, Hércules Maymone, 1º andar
Bairro: Pioneiros **CEP:** 70.070-900
UF: MS **Município:** CAMPO GRANDE
Telefone: (67)3345-7187 **Fax:** (67)3345-7187 **E-mail:** cepconep.propp@ufms.br



Continuação do Parecer: 5.186.423

pesquisa.

SE O PROTOCOLO DE PESQUISA ESTIVER PENDENTE, CONSIDERAR:

Cabe ao pesquisador responsável encaminhar as respostas ao parecer pendente, por meio da Plataforma Brasil, em até 30 dias a contar a partir da data de sua emissão. As respostas às pendências devem ser apresentadas em documento à parte (CARTA RESPOSTA). Ressalta-se que deve haver resposta para cada uma das pendências apontadas no parecer, obedecendo a ordenação deste. A carta resposta deve permitir o uso correto dos recursos "copiar" e "colar" em qualquer palavra ou trecho do texto, isto é, não deve sofrer alteração ao ser "colado".

Para que os protocolos de pesquisa sejam apreciados nas reuniões definidas no Calendário, o pesquisador responsável deverá realizar a submissão com, no mínimo, 15 dias de antecedência. Observamos que os protocolos submetidos com antecedência inferior a 15 dias serão apreciados na reunião posterior. Confira o calendário de reuniões de 2020, disponível no link: <https://cep.ufms.br/calendario-de-reunioes-do-cep-2021/>

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1865797.pdf	28/11/2021 12:15:46		Aceito
Outros	resolucaocolegiadogeraldo.pdf	28/11/2021 12:15:17	Alberto Mesaque Martins	Aceito
Outros	CartaClinicaPsicologiaGeraldo.pdf	28/11/2021 12:09:15	Alberto Mesaque Martins	Aceito
Outros	Instrumentodepesquisavirtual.pdf	28/11/2021 12:08:36	Alberto Mesaque Martins	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEgeraldo.pdf	28/11/2021 12:07:51	Alberto Mesaque Martins	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoGeraldo.pdf	28/11/2021 12:07:14	Alberto Mesaque Martins	Aceito
Folha de Rosto	folhaderostogeraldo.pdf	27/11/2021 17:18:13	Alberto Mesaque Martins	Aceito

Situação do Parecer:

Pendente

Endereço: Av. Costa e Silva, s/nº - Pioneiros, Prédio das Pró-Reitorias, Hércules Maymone, 1º andar
 Bairro: Pioneiros CEP: 70.070-900
 UF: MS Município: CAMPO GRANDE
 Telefone: (67)3345-7187 Fax: (67)3345-7187 E-mail: cepconcep.propp@ufms.br



Continuação do Parecer: 5.186.423

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

CAMPO GRANDE, 23 de Dezembro de 2021

Assinado por:
Juliana Dias Reis Pessalacia
(Coordenador(a))

Endereço: Av. Costa e Silva, s/nº - Pioneiros e Prédio das Pró-Reitorias e Hércules Maymone e 1º andar
Bairro: Pioneiros **CEP:** 70.070-900
UF: MS **Município:** CAMPO GRANDE
Telefone: (67)3345-7187 **Fax:** (67)3345-7187 **E-mail:** cspconep.propp@ufms.br

APÊNDICE D – Resolução de aprovação do COLEGIADO DE CURSO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

24/11/2021 10:27

SEIUFMS - 2932325 - Resolução



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



RESOLUÇÃO Nº 191-CPOS/PSI/FACH/UFMS, DE 24 DE NOVEMBRO DE 2021.

O COLEGIADO DE CURSO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA, da Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, no uso de suas atribuições legais resolve:

Art. 1º Aprovar seguinte Projeto de Pesquisa de Mestrado: — “REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE HOMENS GAYS SOBRE A SEXUALIDADE DE HOMENS GAYS COM DEFICIÊNCIA VISUAL”—, do mestrando GERALDO FERREIRA DOS SANTOS sob orientação do Prof Drº Alberto MESAQUE MARTINS.

Art. 2º Esta Resolução entra em vigor na data de sua publicação.

Alexandra Ayach Anache

Presidente



Documento assinado eletronicamente por **Alexandra Ayach Anache**, **Presidente de Colegiado**, em 24/11/2021, às 10:09, conforme horário oficial de Mato Grosso do Sul, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufms.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2932325** e o código CRC **FFCD060A**.

COLEGIADO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Av Costa e Silva, s/nº - Cidade Universitária

Fone:

CEP 79070-900 - Campo Grande - MS

Referência: Processo nº 23104.000108/2021-72

SEI nº 2932325



APÊNDICE E – QUESTIONÁRIO - Fonte: *Google forms*

28/11/2021 11:01

Pesquisa: Representações Sociais de Homens Gays sobre a Sexualidade de Homens Gays com Deficiência Visual

Pesquisa: Representações Sociais de Homens Gays sobre a Sexualidade de Homens Gays com Deficiência Visual

Você foi convidado para participar do projeto de pesquisa "Representações Sociais de Homens Gays sobre a Sexualidade de Homens Gays com Deficiência Visual". Antes de começarmos leia atentamente o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e, em seguida, assinale a alternativa relacionada à sua decisão.

Título da Pesquisa: Representações Sociais de Homens Gays sobre a Sexualidade de Homens Gays com Deficiência Visual

Pesquisador Responsável: Alberto Mesaque Martins. Endereço: Estrada Ns-02, nº 22, Chácara dos Poderes – Campo Grande – MS. Cep: 79037-815. Tel.: (67) 99325-1423 E-mail: alberto.mesaque@ufms.br

Pesquisador Assistente: Geraldo Ferreira dos Santos. Endereço: Av. Afonso Pena, nº 1974, Centro – Campo Grande – MS. Cep: 79002-071. Tel.: (67) 99264-4701 E-mail: gferreira.psicologia@hotmail.com

Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos: Campus da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, prédio das Pró-Reitorias – Hércules Maymone – 1º andar, Av. Costa e Silva, s/nº - Bairro Universitário, Campo Grande – MS - CEP: 79070900 – E-mail: cepconep.prgpp@ufms.br – Tel.: (67)3345-7187

Caro participante,

Este estudo tem como finalidade identificar e analisar as Representações Sociais de Homens Gays sobre a Sexualidade de Homens Gays com Deficiência Visual. De forma mais específica, buscamos compreender como se constitui, no imaginário deste público, a figura dos gays com as peculiaridades de uma deficiência. Esses dados podem colaborar para o desenvolvimento de pesquisas futuras acerca dos fenômenos de Representações Sociais relacionados à sexualidade de Homens Gays com Deficiência Visual. Gostaríamos de convidá-lo a participar dessa pesquisa através do preenchimento de um formulário, que será disponibilizado online. Mais especificamente, na primeira parte do formulário, serão solicitadas informações sociodemográficas que nos ajudarão a compreender as características dos participantes. Em seguida, serão apresentadas perguntas relacionadas aos objetivos da investigação. O tempo médio para o preenchimento do formulário é em torno de 10 a 15 minutos. Sua participação não oferece riscos físicos ou psicológicos diretamente. Porém, por se tratar de questões relacionadas à sexualidade, há possibilidades de que você experimente alguns sentimentos que possam deixá-lo fragilizado emocionalmente. Por este motivo, esta pesquisa terá acompanhamento e orientação de um Psicólogo (Alberto Mesaque Martins CRP-14/08402-7). Havendo necessidade, você poderá solicitar atendimentos psicológicos gratuitos, presenciais ou remotos, na Clínica de Psicologia da UFMS, sendo garantido seu atendimento de forma gratuita. Se houver despesas decorrentes de sua participação na pesquisa, você e seu/sua acompanhante, se houver, serão reembolsados. Se houver danos eventuais em virtude da sua participação na presente pesquisa, será indenizado. Será garantido o seu anonimato em todas as etapas da pesquisa. Também em qualquer fase da pesquisa, será garantido a sua ampla liberdade de se recusar a participar ou retirar o seu consentimento em qualquer tempo, sem que resulte quaisquer prejuízos a você. As informações

<https://docs.google.com/forms/d/1GVKWbP41yJyVM9st5n4q91T6eAHkK5S9v3IwWqVgaEM/edit?ts=61a29e84>

1/11

28/11/2021 11:01

Pesquisa: Representações Sociais de Homens Gays sobre a Sexualidade de Homens Gays com Deficiência Visual

coletadas por meio dos formulários serão exclusivamente utilizadas para fins desta pesquisa bem como para a produção de artigos e outros trabalhos científicos. Por um período mínimo de 02 anos, todas as análises desta pesquisa ficarão sob guarda e inteira responsabilidade do pesquisador responsável (Alberto Mesaque Martins). Após esse período, os arquivos contendo as análises serão eliminados pelos próprios pesquisadores. Ainda informamos que, se aceitar participar desta pesquisa, a sua participação, terá caráter voluntário, não conferindo direito a qualquer tipo de ressarcimento ou remuneração. Contudo, caso seja comprovado algum tipo de dano relacionado à sua participação na pesquisa, garantiremos a indenização. Você receberá uma cópia desse termo, assim que assiná-lo e, caso tenha qualquer dúvida, poderá entrar em contato com os pesquisadores e/ou com o Comitê de Ética da UFMS por meio dos contatos informados no início desse documento.

Também declaramos e asseguramos o cumprimento das exigências contidas no item IV.3 da Resolução CNS/MS nº 466/2012, que é um documento que estabelece que critérios que asseguram os aspectos éticos de toda investigação que envolva seres humanos.

Você pode baixar uma cópia desse termo clicando link: [COLOCAR LINK DO TERMO APROVADO PELO CEP, ASSINADO PELOS PESQUISADORES]

*Obrigatório

1. Após ler as informações acima, eu: *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ ACEITO participar da pesquisa e, dou o meu consentimento livre e esclarecido.
- ☐ NÃO ACEITO participar da pesquisa e, portanto não forneço consentimento.

Perfil do
participante

Agora, gostaríamos de saber um pouco mais sobre quem está respondendo este questionário

2. Com qual gênero você se identifica?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Masculino
- ☐ Feminino
- ☐ Não Binário
- ☐ Outro: _____

28/11/2021 11:01

Pesquisa: Representações Sociais de Homens Gays sobre a Sexualidade de Homens Gays com Deficiência Visual

3. Orientação sexual

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Homossexual
- ☐ Heterossexual
- ☐ Bissexual
- ☐ Outro: _____

4. Quanto à sua raça/cor, você se autodeclara

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Amarelo
- ☐ Branco
- ☐ Indígena
- ☐ Negro
- ☐ Pardo

5. Qual a sua idade?

6. Estado Civil

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Solteiro
- ☐ Casado
- ☐ Outro: _____

28/11/2021 11:01

Pesquisa: Representações Sociais de Homens Gays sobre a Sexualidade de Homens Gays com Deficiência Visual

12. Religião

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Ateu
- ☐ Agnóstico
- ☐ Budista
- ☐ Candomblecista
- ☐ Católico
- ☐ Evangélico
- ☐ Espirita
- ☐ Umbandista
- ☐ Judeu
- ☐ Muçulmano
- ☐ Outro: _____

13. Se outros, quais

14. Você possui alguma deficiência?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sim
- ☐ Não

15. Se sim, qual?

28/11/2021 11:01

Pesquisa: Representações Sociais de Homens Gays sobre a Sexualidade de Homens Gays com Deficiência Visual

7. Escolaridade

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sem escolaridade (nunca frequentei a escola regular)
- ☐ Ensino Fundamental Incompleto
- ☐ Ensino Fundamental Completo
- ☐ Ensino Médio Incompleto
- ☐ Ensino Médio Completo
- ☐ Ensino Superior em andamento ou incompleto
- ☐ Ensino Superior completo
- ☐ Pós-Graduação

8. Cidade

9. Estado

10. Quanto à sua ocupação

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Apenas estudo
- ☐ Apenas trabalho
- ☐ Trabalho e estudo
- ☐ Sem ocupação ou desempregado
- ☐ Outro:

11. Renda mensal

28/11/2021 11:01

Pesquisa: Representações Sociais de Homens Gays sobre a Sexualidade de Homens Gays com Deficiência Visual

12. Religião

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Ateu
- ☐ Agnóstico
- ☐ Budista
- ☐ Candomblecista
- ☐ Católico
- ☐ Evangélico
- ☐ Espirita
- ☐ Umbandista
- ☐ Judeu
- ☐ Muçulmano
- ☐ Outro: _____

13. Se outros, quais

14. Você possui alguma deficiência?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sim
- ☐ Não

15. Se sim, qual?

28/11/2021 11:01

Pesquisa: Representações Sociais de Homens Gays sobre a Sexualidade de Homens Gays com Deficiência Visual

16. Você convive com pessoas com deficiência?

Marcar apenas uma oval.

☐ Sim

☐ Não

17. Se sim, qual?

18. Já se relacionou sexualmente com uma pessoa com deficiência?

Marcar apenas uma oval.

☐ Sim

☐ Não

19. Se sim, qual?
